

A verdadeira história da revolução maoista no Tibete

por Mike Ely

- 1. Quando os dalai-lamas governavam — um inferno na Terra**
- 2. O assalto aos céus**
- 3. Os Guardas Vermelhos e as Comunas Populares**
- 4. Regressa a opressão — após o golpe de estado na China**
- 5. A vida sob o domínio do dalai-lama no exílio**
- 6. Os sonhos terrenos do dalai-lama**

Se dois alfaiates anunciarem que têm um tecido de linha mágica que só alguns conseguem ver e que quem o consegue ver pode ajudar o povo tibetano, muita gente reconhecerá aí a história de “O rei vai nu”.

Mas os mitos tecidos à volta do dalai-lama são mais enganadores. Em consequência disso, nos países ocidentais muitos intelectuais, estudantes e artistas crêem que o dalai-lama representa uma justa luta de libertação no Tibete. Vários filmes sobre a vida dele e vários espectáculos musicais têm apelado ao regresso dele ao poder.

Segundo a mitologia desse movimento, o Tibete tradicional era uma sociedade harmoniosa e a Revolução Chinesa de 1949 foi uma invasão que iniciou um longo pesadelo para o povo tibetano. Algumas pessoas até acreditam que apoiar o dalai-lama é uma forma de se oporem ao governo norte-americano, por este ter ligações ao governo chinês.

A realidade é bem o contrário.

No antigo Tibete, o dalai-lama era o líder de uma sociedade feudal opressora. Quando a Revolução Chinesa chegou ao Tibete em 1950, os sacerdotes (chamados lamas) e os aristocratas opuseram-se à libertação dos servos, que viviam em condições de escravatura. Durante os anos 50, o dalai-lama (que se manteve no poder) e a família dele estabeleceram uma relação com a CIA, que financiava e abastecia de armas os levantamentos no Tibete e na vizinha região de Kham. Quando o dalai-lama abandonou o país em 1959, foi acompanhado por dois agentes da CIA (o cozinheiro dele e um radiotelegrafista). No exílio, depois de 1959, a família dele conspirou com a CIA para sabotar as mudanças revolucionárias que estavam a transformar a região.

Será que o dalai-lama é um “combatente da liberdade” ou um “humilde monge” (como o mesmo gosta de dizer)? De forma nenhuma! É um fiel servidor de uma ordem social opressora e uma mascote querida da CIA.

Em 1976, um golpe de estado derrubou os revolucionários maoistas na China e, para grande alegria do Ocidente, um novo governo pró-capitalista dirigido por Deng Xiaoping tomou o poder. Esses acontecimentos tiveram graves consequências para o povo tibetano.

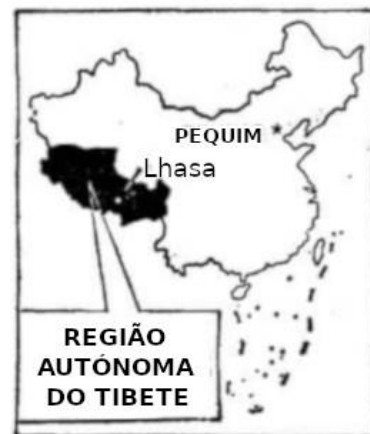
Desde essa data, os imperialistas norte-americanos têm aplicado uma tática “dúplice” face a esse reaccionário governo chinês e nela o dalai-lama tem desempenhado um papel especial.

Por um lado, os imperialistas têm muitos laços, tanto económicos como geoestratégicos, com a China. A restauração capitalista abriu as portas a novos investimentos e formas de domínio e Washington tem feito tudo o que é possível para aproveitar essas oportunidades.

Mas, por outro lado, também pressiona os dirigentes chineses para que sejam mais submissos às suas exigências. Com esse objectivo tem aproveitado a situação no Tibete e promovido o dalai-lama.

Estas tácticas dúplices têm levado muitos progressistas a pensar que apoiar o dalai-lama e a independência do Tibete (ou seja, o Tibete contra a China) é uma posição justa e de oposição ao imperialismo. Na realidade, estão a deixar-se enganar.

O programa do dalai-lama não tem nada a ver com a libertação do povo tibetano. Ele apela a um acordo entre o governo chinês e a antiga classe dominante tibetana (actualmente no exílio). Quer que lhe devolvam alguns privilégios e um certo grau de influência da hierarquia religiosa e, em troca, oferece-se para ajudar a apaziguar a população com



a sua filosofia pacifista. Se bem que o governo chinês não tenha mostrado o menor interesse nessas propostas, o dalai-lama continua a apresentá-las em digressões internacionais.

A verdadeira revolução no Tibete, bem como o papel do dalai-lama, não são como a pintam. Na realidade, a única solução para o povo do Tibete é a luta contra os que restauraram o capitalismo na China, contra os imperialistas norte-americanos e contra todas as potências imperialistas que exploram a mão-de-obra e os recursos da região.

Nós, que vivemos nas entranhas da besta imperialista, temos a obrigação de não nos deixarmos enganar; de examinarmos a roupa do imperador.

A **1ª Parte** desta série mostra como a antiga sociedade tibetana era um lugar extremamente opressor: a vasta maioria das pessoas vivia escravizada, brutalizada e explorada por uma minúscula classe dominante de aristocratas e altos lamas (sacerdotes budistas).

As **2ª e 3ª Partes** descrevem como os maoistas organizaram as classes oprimidas do Tibete para se libertarem — tomando as terras dos antigos exploradores, abolindo privilégios e superstições feudais com séculos de existência e desenvolvendo novas formas colectivas de propriedade e poder.

Na **4ª Parte** desta série mostramos que o golpe de estado reaccionário na China em 1976, após a morte de Mao, levou ao poder forças ANTI-maoistas. *Esta restauração do capitalismo inverteu as políticas de Mao em todas as áreas. Em resultado disso, a divisão entre ricos e pobres reemergiu nos campos do Tibete, as políticas chauvinistas da maioria étnica chinesa (han) ameaçaram a cultura e os direitos de minorias étnicas como a tibetana e o poder militar do estado voltou-se contra o próprio povo.*

Na **5ª Parte** discutimos a natureza de classe das forças do dalai-lama no exílio — descrevendo como a classe dominante tibetana exilada ajudou a criar um exército apoiado pela CIA ao estilo dos contras nicaraguenses e como eles organizaram uma sociedade opressora nos campos de exilados tibetanos na Índia.

Na **6ª Parte** continuamos essa análise da natureza de classe do dalai-lama — focando especificamente as suas recentes propostas para o Tibete e mostrando como elas nada têm a ver com a libertação do povo tibetano.

1. Quando os dalai-lamas governavam — um inferno na Terra

Um clima cruel, uma sociedade sem piedade

O Tibete é um dos lugares mais remotos do mundo. Situa-se num planalto de alta montanha bem no coração da Ásia. Está separado da Ásia do Sul pelos Himalaias, as montanhas mais altas do mundo. Inúmeros desfiladeiros cavados pelos rios e pelo menos seis diferentes cordilheiras de montanhas dividem esta região em vales isolados. Antes de todas as mudanças que chegaram com a revolução chinesa de 1949, não havia no Tibete nenhuma estrada em que os veículos de rodas pudessem andar. Todas as viagens eram feitas através de sinuosos e perigosos caminhos de montanha — em mulas, a pé ou em iaques (animais de montanha que parecem vacas peludas). O comércio, as comunicações e um governo centralizado eram quase impossíveis de manter.

A maior parte do Tibete está acima da linha das árvores. O ar é muito rarefeito. Aí não crescem a maioria das culturas e das árvores. Era uma luta dura cultivar alimentos e mesmo encontrar lenha para fazer fogo.

Por altura da revolução, a população do Tibete vivia extremamente dispersa. Cerca de dois ou três milhões de tibetanos viviam numa área quase igual a metade dos Estados Unidos — 3,9 milhões de quilómetros quadrados [cerca de 40 vezes Portugal ou metade do Brasil — *NT*]. As aldeias, mosteiros e acampamentos nómadas estavam frequentemente separados por muitos dias de viagem árdua.

Os revolucionários maoistas viram que havia “Três Grandes Carências” no velho Tibete: carência de combustível, carência de comunicações e carência de pessoas. Os revolucionários concluíram que essas “Três Grandes Carências” não eram causadas pelas condições *físicas*, mas sobretudo pelo *sistema social*. Os maoistas disseram que as “Três Grandes Carências” eram causadas pelas “Três Abundâncias” da sociedade tibetana: “abundância de pobreza, abundância de opressão e abundância de temor ao sobrenatural”.

A sociedade de classes no velho Tibete

Antes das mudanças revolucionárias iniciadas em 1949, o Tibete era uma sociedade *feudal*. Havia duas classes principais: os servos e os aristocratas proprietários dos servos. O povo vivia como os servos na Europa da “Idade das Trevas”, ou como os escravos e os meeiros africanos no Sul dos Estados Unidos.

Os servos tibetanos raspavam as colheitas de cevada da terra dura com arados e foices de madeira. Criavam cabras, ovelhas e iaques para obterem leite, manteiga, queijo e carne. Os aristocratas e os lamas dos mosteiros eram *proprietários* das pessoas, da terra e da maioria dos animais. Forçavam os servos a entregar a maioria dos cereais e exigiam todo o tipo de trabalhos forçados (chamados *ulag*). Entre os servos, tanto os homens como as mulheres participavam no trabalho duro, incluindo o *ulag*. Os povos nómadas dispersos pelas áridas terras altas do Tibete ocidental também eram propriedade dos senhores feudais e dos lamas.

O irmão mais velho do dalai-lama, Thubten Jigme Norbu, alegou que na ordem social lamaísta, “não havia nenhum sistema de classes e a mobilidade de classe para classe tornava impossível qualquer preconceito de classe”. Mas a própria existência dessa ordem religiosa baseava-se num sistema de classes rígido e brutal.

Os servos eram tratados como seres “inferiores” menosprezados — tal como eram tratados os negros no sistema de segregação racial conhecido como Jim Crow do Sul dos Estados Unidos. Os servos não podiam sentar-se nos mesmos sítios, usar o mesmo vocabulário ou comer com os mesmos talheres que os seus proprietários. Tocar num dos pertences dos amos poderia mesmo ser punido com chicotadas. Os amos e os servos estavam tão distantes uns dos outros que em muitas partes do Tibete falavam idiomas diferentes.

Era costume um servo pôr-se de joelhos e mãos no chão para que o seu amo pudesse usar as suas costas para montar um cavalo. O estudioso do Tibete A. Tom Grunfeld descreveu uma menina da classe dominante que habitualmente fazia com que os criados a levassem escada acima e escada abaixo por pura preguiça. Frequentemente, os amos atravessavam os riachos às costas dos seus servos.

No Tibete, a única coisa pior que um servo era um “escravo pessoal” que nem sequer tinha direito a cultivar nenhuma cultura para si próprio. Estes escravos eram frequentemente espancados, obrigados a passar fome e a trabalhar até à morte. Um amo podia transformar um servo em escravo quando quisesse. Na capital do Tibete, Lhasa, havia rotineiramente crianças a ser compradas e vendidas. Cerca de 5% dos tibetanos eram considerados escravos pessoais. E pelo menos outros 10% eram monges pobres que na realidade eram “escravos em túnicas”.

O sistema lamaísta tentava impedir qualquer fuga. Os escravos foragidos não podiam ir simplesmente estabelecer-se nas vastas terras vazias. Alguns ex-servos explicaram à escritora revolucionária Anna Louise Strong que, antes da libertação, “não se podia viver no Tibete sem um amo. Seríamos apanhados como criminosos a não ser que tivéssemos um dono legal.”

Nascer mulher — prova de pecados passados?

O dalai-lama escreveu: “No Tibete não havia nenhuma discriminação especial contra as mulheres”. O biógrafo autorizado do dalai-lama, Robert Hicks, alega que as mulheres tibetanas estavam contentes com a situação delas e que “influenciavam os seus maridos”. Mas, no Tibete, nascer mulher era considerado um *castigo* por comportamento “ímpio” (pecador) numa vida anterior. No velho Tibete, a palavra para “mulher”, *kiemen*, significava “nascimento inferior”. Dizia-se às mulheres que rezassem: “Possas eu rejeitar um corpo feminino e renascer homem”.

A superstição lamaísta associava as mulheres ao mal e ao pecado. Dizia-se: “Em cada dez mulheres encontrarás nove diabos”. Tudo o que as mulheres tocassem era considerado contaminado — pelo que foram criados todos os tipos de tabus sobre as mulheres. As mulheres estavam proibidas de tocar em medicamentos. A escritora Han Suyin relatou: “Nenhuma mulher estava autorizada a tocar nos bens de um lama, nem podia construir uma parede, porque ‘a parede cairia’. (...) Uma viúva era um ser desprezível, um diabo em vida. Nenhuma mulher estava autorizada a usar instrumentos de ferro ou a tocar no ferro. A religião proibia-as de erguerem os olhos acima dos joelhos de um homem, tal como os servos e os escravos não estavam autorizados a erguer os olhos até à face dos nobres ou dos grandes lamas.”

Os monges das principais seitas do Budismo Tibetano rejeitavam a intimidade sexual (ou mesmo o contacto) com mulheres, como parte dos seus planos de santidade. Antes da revolução, nenhuma mulher tinha alguma vez posto os pés na maior parte dos mosteiros ou nos palácios do dalai-lama.

Há relatos de mulheres queimadas por darem à luz gémeos ou por praticarem a religião tradicional pré-budista (conhecida como *Bon*). Os gémeos eram considerados prova de que a mulher tinha acasalado com um mau espírito. Os rituais e a medicina popular da *Bon* eram considerados “bruxaria”. Como noutras sociedades feudais, as mulheres da classe alta eram vendidas em casamentos arranjados. A tradição permitia que um marido cortasse a ponta do nariz da mulher caso descobrisse que ela tinha dormido com outra pessoa. As práticas patriarcais incluíam a *poliginia* (em que um homem rico podia ter muitas mulheres) e, nas famílias nobres das terras mais pobres, a *poliandria* (em que uma mulher era forçada a ser esposa de vários irmãos).

A vida de uma escrava no Tibete

No final dos anos 50, numa altura em que as primeiras vagas de libertação varriam o Tibete, uma ex-escrava de 36 anos de idade, Lando, subiu à frente de uma audiência de antigos servos e escravos para testemunhar.

Quando Lando tinha apenas oito anos de idade, o pai dela foi chicoteado até ficar paralisado. O encarregado veio até à cama dele para lhe ordenar que regressasse ao trabalho. Como o pai de Lando não se conseguiu levantar, o encarregado chicoteou-o até à morte por “fingir” — na própria cama dele!

O encarregado afastou-se do morto e agarrou em Lando e levou-a com ele como escrava. Ela dormia no celeiro com as ovelhas que a encarregaram de cuidar. Foi repetidamente violada pelo amo dela e espancada até à inconsciência pela esposa ciumenta dele. Acabou por ficar grávida e foi vendida a outro amo para esconder a “vergonha”. Lando viveu nesse tormento durante 28 anos.

Nunca lhe autorizaram qualquer contacto com a família dela. Rezou muitas vezes pela morte, mas tinha medo de cometer suicídio porque temia que isso fizesse com que renascesse numa reencarnação ainda pior. Quando chegou a libertação, equipas de revolucionários foram ter com os escravos e os servos para os organizar para acabarem com a opressão deles. Mas Lando nunca tinha ouvido a palavra “opressão” e a princípio não entendeu o que queria dizer. Ela sempre tinha pensado que o sofrimento dela era por própria culpa dela — devido ao seu inevitável carma.

Ao ouvir a história de Lando, a reunião de servos libertados lamentou e gritou “Abaixo a servidão!” Nessa altura, Lando já se tinha tornado numa activista revolucionária e numa líder regional.

De Anna Louise Strong, *When Serfs Stood Up in Tibet* [Quando os Servos Se Ergueram no Tibete], Cap. VI, marxists.org/reference/archive/strong-anna-louise/1959/tibet/

Entre as classes mais baixas, a vida familiar era semelhante à da escravatura no Sul dos EUA. (Ver “A vida de uma escrava no Tibete”, em anexo.) Os servos não podiam casar nem sair de uma propriedade sem autorização do amo. Os amos transferiam à sua vontade os servos de uma propriedade para outra, separando para sempre as famílias deles. A violação das servas era comum — no sistema *ulag*, um senhor feudal podia exigir “esposas” temporárias.

Os três amos

O povo tibetano chamava aos seus governantes “os três grandes amos” porque a classe dominante dos proprietários de servos estava organizada em três instituições: os lamas dos mosteiros possuíam 37% das terras aráveis e de pastoreio do velho Tibete; a aristocracia laica 25%; e os restantes 38% estavam nas mãos dos agentes governamentais nomeados pelos conselheiros do dalai-lama.

Cerca de 2% da população do Tibete pertencia a essa classe alta e mais 3% eram seus funcionários, encarregados, mordomos, gerentes das propriedades e oficiais dos exércitos privados. A *ger-ba*, uma minúscula elite de cerca de 200 famílias, governava no topo do sistema. Han Suyin escreveu: “Apenas 626 pessoas possuíam 93% de toda a terra e riqueza e 70% de todos os iaques do Tibete. Entre essas 626 pessoas estavam 333 dirigentes de mosteiros e responsáveis religiosos e 287 autoridades laicas (incluindo nobres do exército tibetano) e seis ministros do governo”.

Os comerciantes e os artesãos também pertenciam a um aristocrata. Um quarto da população da capital Lhasa sobrevivia a mendigar aos peregrinos religiosos. Não havia nenhuma indústria moderna nem uma classe operária. Até os fósforos e os pregos tinham de ser importados. Antes da revolução, ninguém no Tibete alguma vez tinha recebido salário pelo seu trabalho.

A essência desse sistema era a exploração. Os servos trabalhavam 16 a 18 horas por dia para enriquecerem os amos deles — recebendo apenas cerca de um terço da comida que produziam.

A. Tom Grunfeld escreveu: “Essas propriedades eram extremamente lucrativas. Um antigo aristocrata disse que uma ‘pequena’ propriedade consistiria tipicamente em alguns milhares de ovelhas, mil iaques, um número indeterminado de nómadas e duzentos servos agrícolas. A produção anual consistiria em mais de 36 toneladas de cereais, mais de 1800 kg de lã e quase 500 kg de manteiga. (...) Os funcionários governamentais tinham ‘poderes ilimitados de extorsão’ e podiam fazer uma fortuna com os poderes deles, extraindo subornos em troca de não encarcerarem nem castigarem as pessoas. (...) Também podiam extorquir aos camponeses mais dinheiro que o dos impostos oficiais”.

Os proprietários dos servos eram parasitas. Um observador, Sir Charles Bell, descreveu um funcionário típico que passava uma hora por dia nas tarefas oficiais dele. Nas suas festas, a classe alta passava dias a comer, jogar e descansar. Os lamas aristocratas também nunca trabalhavam. Passavam os dias a cantar, a memorizar dogmas religiosos e a não fazer nada.

Os mosteiros: praças-fortes do feudalismo

Os defensores do velho Tibete retratam o Budismo Lamaísta como a *essência* da cultura do povo tibetano. Mas na realidade não é mais que a *ideologia* de um *sistema social* opressor específico. A própria religião lamaísta é *exactamente* tão antiga quanto a sociedade feudal de classes. O primeiro rei tibetano, Songsten-gampo, estabeleceu um sistema feudal unificado no Tibete, por volta do ano 650. Casou-se com princesas da China e do Nepal *para aprender com elas as práticas feudais de fora do Tibete*. Essas princesas

trouxeram o Budismo Tântrico para o Tibete, onde foi fundido com as antigas crenças animistas para criar uma nova religião, o Lamaísmo.

Essa nova religião teve de ser *imposta* pela violência ao povo pela classe dominante durante o século e meio seguinte. O rei Trosong Detsen decretou: “Quem apontar um dedo a um monge terá o dedo cortado; quem disser mal dos monges e da política budista do rei terá os lábios cortados; quem olhar desconfiadamente terá os olhos arrancados (...)” (Grunfeld, pág. 33).

Entre os séculos XIII e XVII, teve lugar uma sangrenta consolidação do poder e os abades dos grandes mosteiros tomaram o poder global. Como esses abades praticavam um celibato misógino (anti-mulher), o novo sistema político deles não se podia basear na sucessão *hereditária* de pai para filho. Por isso, os lamas criaram uma nova doutrina na religião deles: anunciaram que conseguiam identificar crianças recém-nascidas que seriam reencarnações dos altos lamas mortos. Centenas de altos lamas foram declarados “Budás Vivos” (*Bodhisattvas*) que supostamente governavam há séculos, mudando ocasionalmente para novos corpos quando se gastavam os velhos corpos hospedeiros.

Disseram que o símbolo central desse sistema, os vários homens chamados dalai-lamas, eram o antigo deus tibetano da natureza, Chenrezig, que pura e simplesmente tinha reaparecido em 14 corpos diferentes ao longo dos séculos. Na realidade, apenas 3 dos 14 dalai-lamas governaram de facto. Não houve nenhum dalai-lama adulto no trono do Tibete entre 1751 e 1950 durante 77% do tempo. Os abades mais poderosos governavam como conselheiros “regentes” que ensinavam, manipulavam e chegavam a assassinar as crianças-reis dalai-lamas.

Os mosteiros tibetanos não eram nenhuns Shangri-Las santos e de compaixão, como nas actuais fantasias *New Age*. Esses mosteiros eram escuras fortalezas de exploração feudal — aldeias armadas de monges, que incluíam depósitos militares e exércitos privados. Os peregrinos iam para alguns santuários para rezarem por uma vida melhor. Mas a principal actividade dos mosteiros era roubar os camponeses vizinhos. O enorme e ocioso clero religioso cultivava pouca comida — alimentá-los era um grande fardo para o povo.

Os maiores mosteiros alojavam milhares de monges. Cada mosteiro “pai” criava dezenas (ou mesmo centenas) de pequenas praças-fortes dispersas pelos vales das montanhas. Por exemplo, o enorme mosteiro de Drepung alojava 7000 monges e era proprietário de 40 mil pessoas em 185 diferentes propriedades com 300 pastos.

Os mosteiros também criaram inúmeros impostos religiosos para roubarem o povo — incluindo impostos sobre cortes de cabelo, janelas, soleiras de portas, sobre crianças ou bezerros recém-nascidos, sobre bebés nascidos com pálpebras duplas... e assim sucessivamente. Um quarto dos rendimentos de Drepung vinha dos juros do dinheiro emprestado aos servos camponeses. Os mosteiros também exigiam aos servos que entregassem um grande número de rapazes para servirem como crianças-monges.

As relações de classe do Tibete foram reproduzidas *dentro* dos mosteiros: a maior parte dos monges eram escravos e criados dos abades superiores e viviam vidas semi-esfomeadas de trabalho servil, cânticos de orações e espancamentos rotineiros. Os monges superiores podiam obrigar os monges pobres a fazerem os seus exames religiosos ou a prestarem serviços sexuais. (Na seita tibetana mais poderosa, o sexo homossexual era considerado um sinal de sagrada distância em relação às mulheres.) As freiras constituíam uma pequena percentagem do clero.

Depois da libertação, Anna Louise Strong perguntou a um jovem monge, Lobsang Telé, se a vida do mosteiro seguia os ensinamentos budistas sobre a compaixão. O jovem lama respondeu que nas salas das escrituras ouvia muita conversa sobre generosidade para com todas as criaturas vivas, mas que a ele o tinham chicoteado pelo menos mil vezes. “Se algum lama da classe alta se abstém de nos chicotear”, disse ele a Strong, “isso já é muito bom. Eu nunca vi um lama superior a dar comida a nenhum lama pobre que tivesse fome. Eles tratavam os leigos crentes da mesma forma ou ainda pior”.

Nos dias de hoje, o dalai-lama é “apresentado” internacionalmente como um homem santo não-materialista. Na realidade, o dalai-lama era o maior proprietário de servos do Tibete. Legalmente, possuía *todo o país* e todos os seus habitantes. Na prática, a família dele controlava directamente 27 solares, 36 pastos, 6170 servos de campo e 102 escravos domésticos.

Quando se movia de palácio em palácio, o dalai-lama seguia num trono transportado por dezenas de escravos. As tropas dele marchavam ao som de “It’s a Long Way To Tipperary”, uma canção que tinham aprendido com os seus instrutores imperialistas britânicos. Ao mesmo tempo, os guarda-costas do dalai-lama, todos com mais de dois metros de altura, ombros almofadados, caras pintadas e longos chicotes, espancavam as pessoas para as afastar do caminho. Este ritual é descrito na autobiografia do dalai-lama.

Da primeira vez que fugiu para a Índia em 1950, os conselheiros do dalai-lama enviaram à frente várias centenas de mulas carregadas de barras de ouro e prata para assegurarem o conforto dele no exílio. Depois da segunda vez que fugiu, em 1959, a revista *Peking Review* noticiou que a família dele tinha deixado para trás grandes quantidades de ouro e prata, mais de 20 331 jóias e 14 676 peças de roupa.

Uma pobreza amarga, uma morte precoce

As pessoas viviam constantemente com frio e fome. Os servos recolhiam interminavelmente a escassa madeira existente para os amos deles. Mas as próprias cabanas deles só eram aquecidas por pequenos fogões de cozinha a excrementos de iaque. Antes da revolução não havia electricidade no Tibete. A escuridão só era iluminada por trémulas lamparinas de manteiga de iaque.

Os servos ficavam frequentemente doentes de desnutrição. A comida tradicional das massas populares é uma polpa feita de chá, manteiga de iaque e uma farinha de cevada chamada *tsampa*. Os servos raramente comiam carne. Um estudo feito em 1940 no Tibete oriental dizia que 38% das casas nunca tinham qualquer chá — e apenas bebiam ervas selvagens ou “chá branco” (água fervida). Setenta e cinco por cento das famílias eram por vezes forçadas a comer relva. Metade das pessoas não tinha possibilidade de obter manteiga — a principal fonte de proteínas disponível.

Entretanto, um importante santuário, o Jokka Kang, queimava diariamente quatro toneladas de ofertas de manteiga de iaque. Calcula-se que um terço de toda a manteiga produzida no Tibete se transformava em fumo em quase 3000 templos, sem contar com os pequenos altares em cada casa.

No velho Tibete, não se sabia nada sobre higiene básica, saúde pública ou o facto de os germes causarem doenças. As pessoas comuns não tinham sanitas, esgotos ou casas de banho. Os lamas ensinavam que a doença e a morte eram causadas pela “impiedade” pecadora. Diziam que os cânticos, a obediência, dar dinheiro aos monges e engolir rolos de papel de oração eram as únicas verdadeiras protecções contra as doenças.

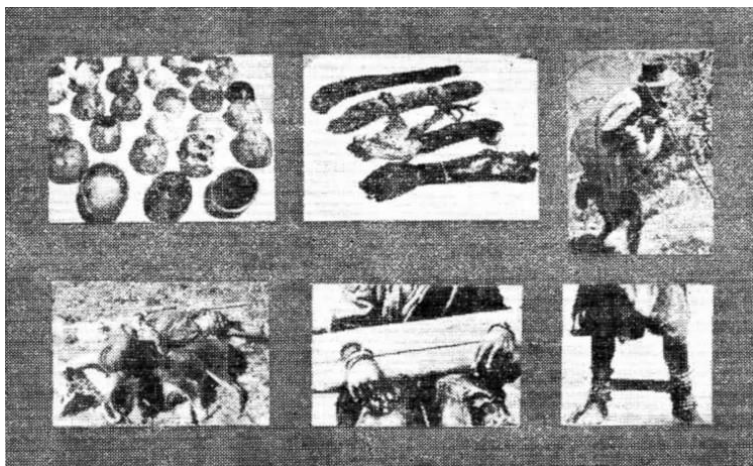
As antigas superstições do Tibete, as práticas feudais e o baixo nível das forças produtivas faziam com que as pessoas sofressem terrivelmente com doenças. A *maioria* das crianças morria antes do primeiro aniversário delas. Mesmo a maioria dos dalai-lamas não chegou aos 18 anos de idade e morreu antes das respectivas coroações. Um terço da população tinha varíola. Em 1925, uma epidemia de varíola matou 7000 pessoas em Lhasa. Não se sabe quantas morreram no campo. A lepra, a tuberculose, a papeira, o tétano, a cegueira e as úlceras eram muito comuns. Os hábitos sexuais feudais propagavam as doenças venéreas, incluindo nos mosteiros. Antes da revolução, cerca de 90% da população estava infectada — causando uma generalizada esterilidade e morte. Depois, sob a liderança de Mao Tsétung, a revolução conseguiu reduzir enormemente essas enfermidades — mas isso implicou uma intensa luta de classes contra os lamas e as superstições religiosas deles. Os monges denunciaram os antibióticos e as campanhas de saúde pública, dizendo que era pecado matar os piolhos ou mesmo os germes! Os monges denunciaram o Exército Popular de Libertação por este eliminar as grandes matilhas de cães selvagens infestados de raiva que aterrorizavam as pessoas em todo o Tibete. (Ainda hoje, uma das “acusações” contra a revolução maoista é que “matava cães”!)

A violência dos lamas

No velho Tibete, as classes altas *pregavam* uma não-violência budista mística. Mas, como *todas* as classes dominantes da história, praticavam uma violência reaccionária para manterem o seu domínio delas.

O sistema lamaísta de governo foi forjado em lutas sangrentas. Sabe-se que os primeiros lamas assassinaram o último rei tibetano, Lang Darma, no século X. Depois, durante séculos, levaram a cabo guerras civis que incluíram massacres mútuos de mosteiros inteiros. No século XX, o 13º dalai-lama trouxe instrutores imperialistas britânicos para modernizarem o exército nacional dele. Ofereceu mesmo algumas das tropas dele para ajudarem os britânicos na I Guerra Mundial.

Estes factos históricos só provam que as doutrinas lamaístas de “compaixão” e “não-violência” são uma hipocrisia.



Reminiscências de um passado amargo

Em cima: crânios e ossos de pessoas torturadas, um amo carregado por um servo. *Em baixo:* um servo exausto dorme ao lado de um cão, instrumentos de tortura. (Fonte: *Peking Review*, 4 de Julho de 1975)

A antiga classe dominante nega que houvesse luta de classes no velho Tibete. Um relato típico de Gyaltzen Gyaltag, um representante do dalai-lama na Europa, diz: “Antes de 1950, os tibetanos nunca passaram fome e as injustiças sociais nunca resultaram numa insurreição popular”. É verdade que há poucos *registos escritos* da luta de classes. A razão disso é que o Lamaísmo impediu que fossem escritas quaisquer histórias verdadeiras. Apenas foram registadas as disputas sobre dogmas religiosos.

Mas as montanhas do Tibete estavam *cheias* de bandidos foragidos e cada propriedade tinha os seus próprios soldados armados. Isto só prova que uma luta *constante* — por vezes aberta, por vezes escondida — *definia* a sociedade tibetana e as suas relações de poder.

Os historiadores revolucionários documentaram insurreições dos servos tibetanos em 1908, 1918, 1931 e nos anos 40. Numa famosa insurreição em 1918, 150 famílias de servos do município de Thridug, no norte do Tibete, ergueram-se lideradas por uma mulher, Hor Lhamo. Mataram o dirigente do município, sob as palavras de ordem: “Abaixo os funcionários! Abolição de todo o trabalho forçado *ulag!*”

A violência diária no velho Tibete era dirigida contra as massas populares. Cada amo castigava os “seus” servos e organizava bandos armados para imporem o seu domínio. Esquadrões de monges brutalizavam as massas populares. Eram chamados “Barras de Ferro” devido às grandes barras metálicas que usavam para bater nas pessoas.

Era crime “sair do seu lugar” — como pescar ou caçar ovelhas selvagens que os lamaístas consideravam “sagradas”. Era mesmo crime que um servo *recorresse* das decisões do seu amo junto de outra autoridade. Quando os servos fugiam, os bandos dos seus amos perseguiam-nos. Cada propriedade tinha o seu próprio calabouço e câmara de tortura. Introduziam pimenta sob as pálpebras e espigas debaixo das unhas. Ligavam as pernas dos servos com pequenos grilhões e libertavam-nos para que andassem a coxear para o resto da vida.

Grunfeld escreveu: “As crenças budistas excluem tirar a vida, pelo que chicotear uma pessoa até à beira da morte e libertá-la para morrer noutra lugar permitia então aos responsáveis tibetanos que justificassem a morte como ‘um acto de Deus’. Outras formas brutais de castigo incluíam cortar as mãos pelos pulsos, arrancar olhos com ferros incandescentes, pendurar pelos polegares ou estropiar o ofensor, cosê-lo numa bolsa e atirar a bolsa ao rio”.

Como sinais do poder dos lamas, as cerimónias tradicionais usavam partes dos corpos de pessoas que tinham morrido: flautas feitas de ossos de coxas humanas, tigelas feitas de crânios, tambores feitos de pele humana. Depois da revolução, foi encontrado no palácio do dalai-lama um rosário feito de 108 crânios diferentes. Depois da libertação, os servos relataram extensivamente que os lamas faziam sacrifícios humanos rituais — incluindo enterrar filhos de servos vivos nas cerimónias da primeira pedra dos mosteiros. Os antigos servos testemunharam que pelo menos 21 pessoas tinham sido sacrificadas pelos monges em 1948 na esperança de impedirem a vitória da revolução maoísta.

Usar o carma para justificar a opressão

Uma crença central do lamaísmo é a reencarnação e o carma. Dizem que cada ser vivo é habitado por uma alma imortal que nasceu e renasceu muitas vezes. Após cada morte, supostamente a alma obtém um novo corpo.

Segundo o dogma do carma, cada alma recebe a vida que merece: um comportamento piedoso conduz a um bom carma — e com isso vem uma subida de estatuto social na vida seguinte. Um comportamento ímpio (pecador) conduz a um mau carma e a próxima vida poderá ser como insecto (ou como mulher).

Na realidade, isso da reencarnação não existe. As pessoas mortas não regressam em novos corpos. Mas, no Tibete, a *crença* na reencarnação teve terríveis consequências reais. As pessoas intrigadas pelo misticismo tibetano precisam de perceber a função social que essas crenças lamaístas serviam *dentro do Tibete*: o Budismo Lamaísta foi criado, implementado e perpetuado para impor uma extrema opressão feudal sobre o povo.

Os lamaístas contam hoje a história de um antigo rei tibetano que queria fechar o fosso entre ricos e pobres. O rei perguntou a um académico religioso por que é que os esforços dele tinham fracassado. “Diz-se que o sábio lhe explicou que o fosso entre ricos e pobres não podia ser fechado à força, porque as actuais condições de vida são sempre consequência de actos de vidas anteriores e por isso o curso da vida não podia ser mudado arbitrariamente”.

Grunfeld escreveu: “De um ponto de vista puramente laico, esta doutrina deve ser sempre vista como uma das formas mais engenhosas e perniciosas de controlo social jamais inventado. Para o tibetano comum, a aceitação dessa doutrina excluía a possibilidade de alguma vez mudar o seu destino nesta vida. A doutrina do carma ensina que se alguém nasce escravo, isso não é culpa do esclavagista mas antes do próprio escravo por ter cometido alguma falta numa vida anterior. Por outro lado, o esclavagista apenas está a ser recompensado pelas boas acções dele numa vida anterior. Para o escravo, tentar romper os grilhões que o prendem equivale a uma autocondenação a renascer numa vida pior do que aquela de que já padece. Certamente este não é o material de que são feitas as revoluções (...).”

Os abades-lamas feudalistas do Tibete ensinavam que o lama supremo deles era um *único* ser divino deus e rei — cujo domínio e sistema impiedoso era uma exigência dos mecanismos naturais do universo. Esses mitos e superstições ensinavam que *não podia haver nenhuma mudança social*, que o sofrimento tem uma justificação e que para deixarem de sofrer as pessoas tinham de tolerar pacientemente o sofrimento. Isto é quase exactamente o mesmo que a igreja católica medieval da *Europa* dizia às pessoas em defesa de um sistema feudal semelhante.

Também tal como na Europa medieval, os feudalistas do Tibete tentaram reprimir tudo o que pudesse minar o sistema “fechado” deles. Todos os observadores concordam em que, antes da revolução maoísta, não havia jornais, revistas, livros impressos ou literatura não-religiosa *de qualquer tipo* no Tibete. O único jornal em língua tibetana era publicado em Kalimpong por um cristão tibetano convertido. As fontes de notícias do mundo exterior eram os viajantes e duas dezenas de rádios de onda curta que apenas pertenciam a membros da classe dominante.

As massas criaram um folclore, mas o idioma escrito estava reservado aos dogmas e disputas religiosas. As massas populares e provavelmente a maioria dos monges eram mantidos completamente analfabetos. A educação, as notícias do exterior e a experimentação eram consideradas suspeitas e malélicas.

Os defensores do lamaísmo agem como se essa religião fosse a *essência* da cultura (e mesmo da *existência*) do povo tibetano. Isso não é verdade. Tal como todas as coisas na sociedade e na natureza, o Budismo Lamaísta teve um início e terá um fim. Houve culturas e ideologias no Tibete *antes* do lamaísmo. Depois surgiram esta cultura e esta religião feudais conjugadas com a exploração feudal. Era inevitável que a cultura lamaísta se estilhaçasse com o fim dessas relações feudais.

De facto, quando em 1950 surgiu a revolução maoísta, esse sistema já estava a apodrecer por dentro. Mesmo o dalai-lama admite que a população do Tibete estava em declínio. Estima-se que havia cerca de 10 milhões de tibetanos há mil anos, quando o Budismo foi inicialmente introduzido — por altura da revolução maoísta restavam apenas dois ou três milhões. Os maoístas estimaram que o declínio se tinha acelerado: a população tinha-se reduzido a *metade* durante os 150 anos anteriores.

O sistema lamaísta sobrecarregava as pessoas com uma enorme exploração. Impunha o fardo especial do apoio a um clero enorme, parasita e que não se reproduzia, de cerca de 200 mil pessoas — que absorvia 20% ou mais dos homens da região. O sistema reprimia o desenvolvimento das forças produtivas: impedia o uso de arados de ferro, a exploração de minas de carvão ou de combustíveis, a pesca e a caça e as inovações médicas e sanitárias de qualquer tipo. A fome, a esterilidade causada pelas doenças venéreas e a poliandria mantinham baixas as taxas de natalidade.

O invólucro místico do lamaísmo não consegue esconder que a velha sociedade tibetana era uma ditadura dos proprietários sobre os servos. Não há nada que possa ser romantizado nessa sociedade. Os servos e os escravos precisavam de uma revolução!

Na 2ª Parte: A revolução maoísta chega ao Tibete

Nas décadas de 30 e 40 surgiu uma guerra popular revolucionária entre os camponeses da China central. Sob a direcção do Partido Comunista e do seu Presidente Mao Tsétung, em 1949 a revolução tomou o poder de estado nas zonas densamente povoadas do leste da China. Por essa altura, as manobras norte-americanas já começavam a surgir na fronteira da China com a Coreia e os imperialistas franceses estavam a iniciar a sua invasão colonialista do Vietname, na fronteira meridional da China. Os revolucionários maoístas desejavam claramente libertar os oprimidos de toda a China e afugentar os agressores estrangeiros das regiões fronteiriças da China.

Mas o Tibete colocava um problema particular: até 1950, essa enorme região tinha estado quase completamente isolada do vendaval revolucionário que sacudiu o resto da China. Não havia quase nenhum comunista tibetano. Não havia nenhum movimento comunista clandestino entre os servos do Tibete. De facto, os servos do Tibete não tinham *ideia nenhuma* que estava a ocorrer uma revolução noutras zonas do seu país, ou mesmo que uma coisa como uma “revolução” fosse possível.

A influência do sistema lamaísta e da sua religião era extremamente forte no Tibete. Não podia ser quebrada pura e simplesmente com as tropas revolucionárias da maioria étnica *han* a chegarem e a “declararem” que o feudalismo estava abolido! Mao Tsétung rejeitava a abordagem “comandista” de “fazer as coisas em nome das massas”. A revolução maoísta confia nas massas.

Na **2ª Parte** desta série, discutiremos como a revolução maoísta ganhou raízes no Tibete e como resultou em grandes tempestades de massas que varreram a opressão lamaísta.

2. O assalto aos céus

A revolução chega ao Tibete

Em 1949, o Exército Popular de Libertação tinha derrotado todos os principais exércitos reaccionários da China central. Tinha chegada a hora dos pobres e oprimidos! Mas as grandes potências mundiais estavam a manobrar para esmagar e “conter” rapidamente essa revolução. As tropas francesas invadiam o Vietname, na fronteira sul da China. Em 1950, uma gigantesca força invasora norte-americana chegou à Coreia com planos para ameaçar a própria China.

As montanhas e as pradarias ocidentais das zonas fronteiriças da China são habitadas por dezenas de grupos étnicos distintos cujas culturas são diferentes da dos *han*, a maioria étnica da China. Uma classe de proprietários de servos liderada pelos monges-abades dos grandes mosteiros budistas lamaístas tinha vindo a governar localmente uma dessas regiões, o Tibete, como um reino isolado, hermeticamente fechado. Durante a guerra civil chinesa, essa classe dirigente do Tibete conspirou para estabelecer um falso “estado independente”, que na realidade estava debaixo da asa do colonialismo britânico.

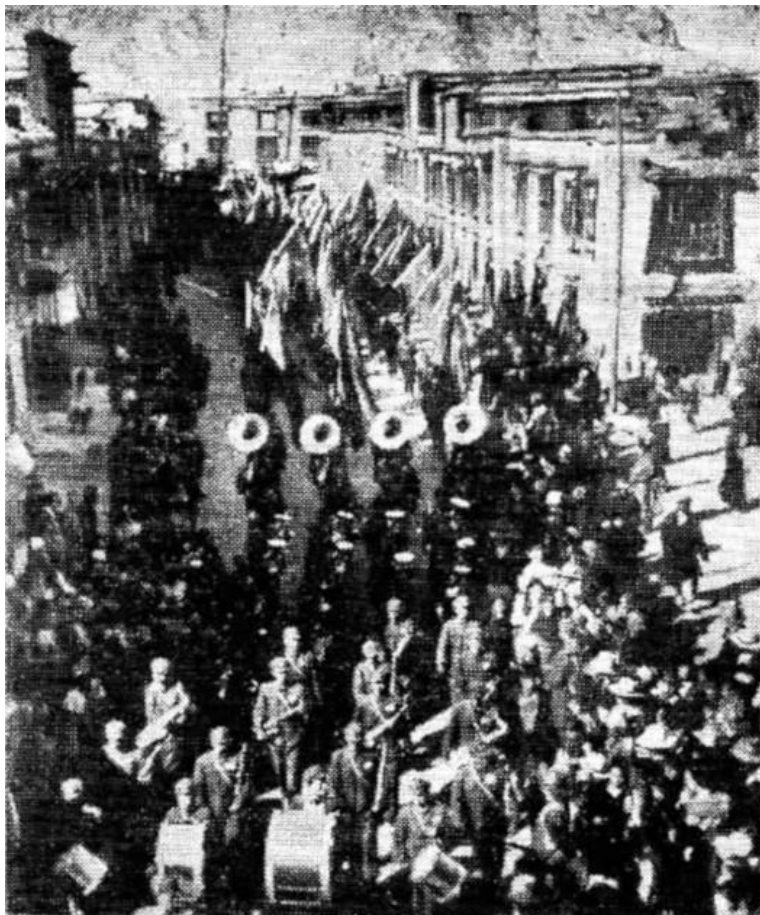
Os revolucionários maoistas estavam determinados a levar a revolução ao Tibete — para defenderem as regiões fronteiriças da China contra uma invasão e para libertarem os milhões de servos tibetanos aí oprimidos.

Sem dúvida nenhuma que os experimentados camponeses-soldados de Mao poderiam ter derrotado todos os exércitos dos feudistas tibetanos.

Mas a revolução enfrentava um problema: a enorme e pouco povoada região do Tibete tinha estado completamente isolada da guerra revolucionária que tinha sacudido o resto da China. Em 1949, não havia nenhuma força *entre* as massas tibetanas que pudesse levar a cabo uma verdadeira libertação. Ainda não existia nenhum movimento rebelde clandestino entre os servos do Tibete. Não havia quase nenhum comunista tibetano nem mesmo comunistas *han* que falassem tibetano. As massas dos servos tibetanos nunca tinham ouvido falar na grande revolução que tinha sacudido o resto do país deles. Os servos tibetanos tinham sido ensinados que a miséria e a pobreza deles tinham uma justificação — eram causadas pela própria pecaminosidade deles em vidas anteriores.

Mao Tsétung disse que uma verdadeira revolução tem de se *apoiar nas massas* — nas necessidades, nos desejos e nos actos das próprias massas oprimidas. O maoísmo chama *linha de massas* a este princípio. Mao disse: “Acontece frequentes vezes que, objectivamente, as massas necessitam de certa mudança mas, subjectivamente, não estão ainda conscientes dessa necessidade, não a desejam ou ainda não estão determinadas a realizá-la. Nesse caso devemos esperar pacientemente. Não devemos realizar tal mudança senão quando, em virtude do nosso trabalho, a maioria das massas se tenha tomado consciente dessa necessidade e esteja desejosa e determinada a realizá-la. Doutro modo, isolamo-nos das massas. Enquanto as massas não estão conscientes e desejosas, toda a espécie de trabalho que requer a sua participação resulta em mera formalidade e termina num fracasso.”¹

Em Outubro de 1950, o Exército Popular de Libertação (EPL) avançou pelas pradarias e montanhas do sudoeste da China. Em Chamdo, derrotou facilmente um exército enviado pela classe dominante do Tibete — e então parou. Depois enviou uma mensagem à capital tibetana, Lhasa.



As massas populares tibetanas alinham-se ao longo das ruas da capital tibetana para darem as boas-vindas às unidades do Exército Popular de Libertação que entram em Lhasa em 1951
(Fonte: *Peking Review*, 11 de Julho de 1975)

¹ Mao Tsétung, “A Frente Única no Trabalho Cultural”, 30 de Outubro de 1944, em *Obras Escolhidas*, Tomo III, 2ª Edição, p. 287-288 (Pequim: Edições em Línguas Estrangeiras, 1975), marxists.org/portugues/mao/1944/10/30.htm.

O novo governo revolucionário da China propôs um acordo aos governantes do Tibete: o Tibete juntava-se de novo à república chinesa mas, temporariamente, o regime dos proprietários de servos (chamado *Kashag*) poderia continuar no poder como governo local, operando sob a direcção do Governo Popular Central. Os maoistas não aboliriam as práticas feudais, nem atacariam a religião lamaísta enquanto o próprio povo não apoiasse essas mudanças. O Exército Popular de Libertação defenderia as fronteiras da China de uma intervenção imperialista e os agentes estrangeiros seriam expulsos de Lhasa. Cerca de metade da população tibetana vivia nas regiões de Tsinghai e Chamdo, que não estavam sob o controlo político do *Kashag*. Essas regiões não foram abrangidas pela proposta.

Os proprietários de servos assinaram esse “Acordo em 17 Pontos” e, a 26 de Outubro de 1951, o Exército Popular de Libertação entrou pacificamente em Lhasa.

Os dois lados sabiam que o conflito acabaria por chegar. Durante quanto tempo conseguiriam os aristocratas e os mosteiros continuar a escravizar os “seus” servos — quando toda a gente podia agora ver os camponeses *han* que, usando armas e o maoísmo, se tinham libertado de condições semelhantes?

As mais poderosas famílias proprietárias de servos começaram a planear uma insurreição armada. O irmão do dalai-lama foi ao estrangeiro para consolidar laços com a CIA, obter armas e pedir reconhecimento político. Os mosteiros organizaram conferências secretas e propagaram rumores disparatados entre as massas: dizendo, por exemplo, que os revolucionários *han* usavam sangue de crianças tibetanas raptadas como combustível para os camiões deles. Longas colunas de mulas carregadas de armas norte-americanas começaram a chegar a alguns mosteiros tibetanos, vindas da Índia. A CIA montou centros de treino de combate para os seus agentes tibetanos, que acabaram por ter como base o Campo Hale, no Colorado, situado a grande altitude. Os aviões da CIA despejaram armas na região de Kham, no leste do Tibete.

A aplicação da linha de massas de Mao às condições particulares do Tibete

Entretanto, Mao instruiu as forças revolucionárias para ganharem as massas para a revolução que se avizinhava — sem provocar uma polarização prematura em que as massas pudessem ficar *contra* a revolução. Mao escreveu: “O atraso não nos traz prejuízos; pelo contrário, poderá resultar em nosso favor. Deixem que eles [a classe dominante lamaísta] continuem com as suas atrocidades insensatas contra o povo, enquanto nós concentramos as nossas forças em coisas benéficas — produção, comércio, construção de estradas, serviços médicos e trabalho de frente única (unidade com a maioria e educação paciente) para conquistar as massas.”²

Um soldado vermelho diria mais tarde: “Recebemos instruções muito detalhadas sobre como nos comportarmos”.

As massas tibetanas eram demasiado pobres para fornecerem qualquer alimento às tropas revolucionárias. Por isso, os soldados do EPL andavam frequentemente famintos até os seus próprios campos estarem na altura das colheitas. Eles foram ensinados a respeitar a cultura e as crenças tibetanas — mesmo, temporariamente, os fortes temores supersticiosos que dominavam a vida tibetana.

Durante esses primeiros anos, o EPL trabalhou como a grande força de construção que construiu as primeiras estradas que ligaram o Tibete às regiões centrais da China. Uma longa série de campos de trabalho estendia-se ao longo de milhares de quilómetros através de infundáveis montanhas e desfiladeiros. Os soldados *han* cultivavam a sua própria comida ao lado desses campos, usando novos métodos colectivos. Os servos das zonas vizinhas recebiam salários pelo trabalho deles nas estradas.

Os governantes do velho Tibete tratavam os servos como “animais que falam” e forçavam-nos a fazer trabalhos intermináveis e não pagos — pelo que o comportamento dos soldados do EPL foi um choque para as massas tibetanas. Um servo disse: “Os *han* trabalhavam connosco lado a lado. Não nos chicoteavam. Pela primeira vez, fui tratado como um ser humano.” Um outro servo descreveu o dia em que um soldado do EPL lhe deu água da própria chávena do soldado: “Eu nem queria acreditar naquilo!” Alguns servos foram ensinados a reparar camiões, tornando-se assim nos primeiros proletários da história do Tibete. Um servo fugido disse: “Percebemos que não era a vontade dos deuses, mas a crueldade de seres humanos como nós que nos mantinha escravos”.

Os campos do EPL depressa se tornaram ímanes para os escravos, servos e monges fugidos. Aos servos jovens que trabalhavam nos campos era-lhes perguntado se queriam ir estudar para ajudarem a libertar o seu povo. Esses

² Mao Tsétung, “Sobre a Política para o Nosso Trabalho no Tibete — Directiva do Comité Central do Partido Comunista da China”, 6 de Abril de 1952, em *Obras Escolhidas*, Vol. V, p. 84, (Lisboa: Editora Vento de Leste, 1977), disponível em:

- marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-5/mswv5_20.htm (em inglês) e
- marxists.org/espanol/mao/escritos/WT52s.html (em castelhano).

tornaram-se nos primeiros estudantes tibetanos nos Institutos das Minorias Nacionais nas cidades do leste da China. Aprenderam a ler, a escrever e *contabilidade* “para a futura revolução agrária”!

Desta forma, a revolução começou a recrutar activistas que em breve liderariam as massas. O primeiro militante do Partido Comunista no Tibete central foi recrutado em meados dos anos 50. Em Outubro de 1957, o Partido tinha 1000 militantes tibetanos e mais 2000 na Liga Comunista da Juventude. (Ver “Recrutando jovens rebeldes para a revolução”, em anexo.)

Em todas as zonas rurais do leste do Tibete e nos vales à volta de Lhasa, o Exército Popular de Libertação funcionou como uma enorme “máquina semeadora” da revolução — tal como o tinha feito durante a histórica Longa Marcha de Mao nos anos 30.

Qualquer esboço de mudança fazia estremecer aquele reino hermeticamente isolado

Quando a primeira estrada de areia branca ficou completa, chegaram longas caravanas de camiões do EPL, transportando bens importantes como chá e fósforos. A expansão do comércio e sobretudo a disponibilidade de chá barato melhorou a alimentação dos tibetanos comuns. Em meados dos anos 50, já tinham sido instalados os primeiros telefones, telégrafos, estações de rádio e impressoras modernas. Apareceram os primeiros jornais, livros e folhetos, em *han* e tibetano. A partir de 1955, foram fundadas as primeiras verdadeiras escolas do Tibete. Em Julho de 1957, havia 79 escolas básicas, com 6000 estudantes. Tudo isto começava a melhorar a vida dos pobres e a enfurecer as classes altas que sempre tinham monopolizado todo o comércio, a aprendizagem dos livros e o contacto com o mundo exterior.

Quando equipas de médicos revolucionários começaram a tratar as pessoas, até os monges e as classes altas começaram a aparecer nas primeiras clínicas. A primeira mina de carvão abriu em 1958 e o primeiro alto-forno em 1959. Isto minou as superstições que condenavam a inovação e pregavam que as doenças eram causadas por um comportamento pecaminoso.

Em 1956, nas zonas fronteiriças tiveram início rebeliões armadas cada vez mais intensas e organizadas por proprietários feudais. Essas zonas não estavam cobertas pelo Acordo em 17 Pontos e os servos estavam aí a ser encorajados pelos revolucionários a deixarem de pagar o aluguer das terras aos mosteiros e aos proprietários. Em 1958, um líder comunista no Tsinghai escreveu: “A grande revolução socialista nas zonas pastoris foi uma luta de classes muito violenta, de vida ou morte”.

Algumas forças dentro do Partido Comunista apelaram a um compromisso. Elas sugeriram a desaceleração da reforma agrária e o encerramento das escolas e clínicas, que eram contestadas pelos lamaístas. Os professores e as equipas médicas foram retirados, mas isso não parou as conspirações dos lamaístas.

No final dos anos 50, a classe dominante tibetana avançou para uma rebelião em grande escala. Achava que as intensas lutas que se estavam a desenvolver na China central — o chamado Grande

Recrutando jovens rebeldes para a revolução

Tsomo era uma mulher do povo momba, de uma região fronteiriça do Tibete. Durante a Revolução Cultural, ela contou a história de como conheceu pela primeira vez os revolucionários maoístas. “Sou de uma família de servos, tão pobre que fui levada para trabalhar para outra família. Quando tinha 17 anos, os lamas disseram-nos que fugíssemos para as montanhas porque os *han* [a etnia maioritária na China — NT] estavam a chegar e que nos matariam, violariam e comeriam as crianças. Nós corremos e escondemo-nos numa falésia. E vimos chegar o *Chingdrolmami* [o nome tibetano do Exército Popular de Libertação]. Os soldados acamparam perto da nossa aldeia. Estávamos à espera que eles levassem tudo com eles e queimassem os nossos campos e casas; mas, após um ou dois dias, vimos que não tocaram nos nossos campos, pelo que eu desci um pouco para os observar.”

“Eles estavam a trabalhar. Sei agora que estavam a construir uma estrada. (...) A minha mãe disse-me: ‘Não vás’. Mas eu desci de novo no dia seguinte e vi entre eles mulheres em uniforme. Uma delas viu-me a esconder-me atrás de uma pedra e, na minha própria língua, gritou-me para descer e para não ter medo. Ela era uma intérprete.”

Os soldados revolucionários mostraram a Tsomo como estavam a cuidar bem das vacas dos aldeões. Deram leite e manteiga a Tsomo para levar de volta aos aldeões escondidos. Os anciãos acharam que isso não passava de um truque. Mas alguns rapazes foram suficientemente corajosos para regressar com Tsomo. Uma semana depois, os aliviados e curiosos aldeões regressaram às casas deles.

Tsomo disse: “O *Chingdrolmami* tratou-nos bem, não nos bateu nem nos gritou, ajudou-nos nas colheitas e na debulha, nunca abusou das mulheres. Nunca ninguém nos tinha tratado assim antes. O meu coração começou a inflamar-se com um grande fogo interior — eu queria ser como eles. Disse-lhes: ‘O que é que posso fazer para ajudar?’ Um oficial respondeu-me: ‘Gostarias de aprender alguma coisa? A ler e escrever?’ Eu nunca tinha sonhado que isso pudesse acontecer.”

Tsomo tornou-se estudante do Instituto das Minorias Nacionais em Pequim. Regressou para fazer o perigoso trabalho da reforma agrária na região dela e movimentava-se secretamente de aldeia em aldeia a mobilizar os servos. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária tornou-se vice-presidente da Federação de Mulheres do Tibete.

Salto em Frente — poderiam ser uma abertura para afastar o EPL. O apoio da CIA tinha aumentado e estavam disponíveis agentes treinados.

A rebelião dos proprietários de servos desencadeia a revolução

“Na história da humanidade, toda a força reaccionária no limiar da morte lança-se, invariavelmente, numa última e desesperada luta contra as forças revolucionárias.” — Mao Tsétung³

Em Março de 1959, monges armados e soldados tibetanos atacaram a guarnição revolucionária em Lhasa e desencadearam uma rebelião ao longo da fronteira com a Índia. Um monge diria mais tarde: “Disseram-nos a todos que se matássemos um *han* nos tornaríamos Budas Vivos e teríamos capelas com o nosso nome”. Sem muito apoio entre as massas, os lamaístas rapidamente se entrincheiraram em alguns santuários. A rebelião principal acabou em poucos dias.

Durante a luta, o dalai-lama fugiu para o exílio. Essa fuga é retratada pelos lamaístas como um acontecimento heróico, e mesmo místico. Mas está agora bem documentado que o dalai-lama fugiu numa operação encoberta da CIA. A própria autobiografia do dalai-lama admite que o cozinheiro dele e o operador de rádio dessa viagem eram agentes da CIA. A CIA queria-o *fora* do Tibete — como símbolo para uma guerra ao estilo dos *contras* [os bandos contra-revolucionários treinados pela CIA na Nicarágua — *NT*] contra a revolução maoista.

Derrotados na sua rebelião, grandes sectores do alto clero e da aristocracia seguiram o dalai-lama para sul, rumo à Índia — acompanhados de muitos escravos-servos, guardas armados e colunas de mulas carregadas de riquezas. No total, 13 mil pessoas foram para o exílio, entre elas as forças feudais mais recalcitrantes e os apoiantes delas. De repente, muitos dos Três Amos do Tibete — os lamas ricos, os altos funcionários governamentais e os aristocratas laicos — tinham desaparecido!

As forças revolucionárias mobilizaram-se para extirpar a conspiração feudalista. Mil estudantes tibetanos vieram rapidamente dos Institutos das Minorias Nacionais para ajudarem a organizar a primeira grande vaga da mudança revolucionária no Tibete.

O governo *Kashag* do dalai-lama tinha apoiado em grande parte essa rebelião contra-revolucionária e foi dissolvido. Em toda a região foram criados novos órgãos de poder chamados “Gabinetes para Suprimir a Rebelião”. O novo governo regional foi chamado “Comité Preparatório da Região Autónoma do Tibete” — nele, trabalharam lado a lado novos quadros tibetanos e quadros *han* veteranos.

Esta primeira fase da revolução foi chamada “Os Três Contras e as Duas Reduções”. Era contra a conspiração lamaísta, contra o trabalho forçado e contra a escravidão. No passado, os servos pagavam três quartos das colheitas aos seus amos; agora, a revolução lutava por reduzir esse “aluguer da terra” para 20 por cento. A outra redução eliminou as gigantescas dívidas que os servos “deviam” aos amos deles.

Essa campanha atacou o cerne das relações feudais do Tibete: o trabalho forçado *ulag* foi abolido. Os escravos *nanzen* dos nobres e dos mosteiros foram libertados. Subitamente, as massas de escravos-monges foram autorizadas a abandonar os mosteiros. Os esconderijos de armas dos mosteiros foram eliminados e os principais conspiradores foram presos.

Algumas pessoas gostam de falar na “luta pela liberdade religiosa no Tibete” — mas ao longo de toda a história do Tibete, a *principal* luta em torno da “liberdade” religiosa foi pela liberdade de *não* crer, de *não* obedecer aos monges cruéis e às infundáveis superstições deles. Ver milhares de jovens monges a casarem alegremente e a fazerem trabalho manual foi um poderoso golpe contra os temores supersticiosos.

Teve início a libertação das mulheres — sob as então chocantes palavras de ordem “Os homens e as mulheres são iguais”! As mudanças revolucionárias na propriedade ajudaram a atenuar as velhas pressões para a prática da poligamia. Como passou a haver uma grande quantidade de homens disponíveis, as mulheres já não tinham a mesma pressão para aceitarem situações em que os homens podiam ter várias esposas. Com a redistribuição das terras, as mulheres já não tinham a mesma pressão para casarem com vários irmãos de uma família — uma prática que tinha sido usada para limitar a população dependente de pequenas parcelas de terra.

Sem a terra alugada, os enormes mosteiros parasitários começaram a definhar. Cerca de metade dos monges abandonaram-nos e cerca de metade dos mosteiros tiveram de fechar.

³ Mao Tsétung, “A Viragem da Segunda Guerra Mundial”, 12 de Outubro de 1942, em *Obras Escolhidas*, Tomo III, 2ª Edição, p. 154 (Pequim: Edições em Línguas Estrangeiras, 1975), marxists.org/portugues/mao/1942/10/12.htm.

Em reuniões de massas, os servos foram encorajados a organizarem Associações de Camponeses e a lutarem pelos seus interesses. Os principais opressores foram convocados, denunciados e punidos. Os registos de dívidas dos proprietários de servos foram queimados em grandes fogueiras. As mulheres desempenharam um papel particularmente activo. Nas fotografias dessa época, vê-se mulheres a liderar essas reuniões e a denunciar os opressores. Pouco depois, os servos tomaram as terras e o gado. Todos os antigos servos, mendigos e escravos receberam vários hectares de terra. Os ex-servos receberam 200 mil novos títulos de propriedade de terras e rebanhos — decorados com bandeiras vermelhas e a imagem do Presidente Mao.

Os servos disseram: “O sol do *Kashag* apenas iluminava os Três Amos e os esbirros dos proprietários, mas o sol do Partido Comunista e do Presidente Mao ilumina-nos a nós — os pobres”.

Uma aguda luta de classes

Estes actos revolucionários implicaram uma intensa e frequentemente sangrenta luta de classes, com toda a complexidade, heroísmo, erros, avanços e recuos de uma revolução da *vida real*.

Os revolucionários libertaram o ódio de classe dos servos. Os proprietários de servos contra-atacaram, acusando os revolucionários tibetanos de colaborarem com o estrangeiro e destruírem o sagrado. Em alguns lugares, as forças revolucionárias tinham a supremacia — e enormes mudanças aconteciam nas vidas das pessoas. Noutros lugares, as forças feudais tinham a supremacia — e tentavam eliminar qualquer ameaça. Durante anos, houve execuções, ataques e batalhas implacáveis, de ambos os lados. Como disse Mao Tsétung: “Uma revolução não é o convite para um jantar. (...) Uma revolução é uma insurreição, é um acto de violência pelo qual uma classe derruba outra. (...) Sem empregar um máximo de força, os camponeses não podem liquidar a autoridade dos senhores de terras, autoridade milenária e profundamente enraizada.”⁴

O exército revolucionário foi uma poderosa força de apoio à insurreição e muitos servos voluntariaram-se para se juntarem ao Exército Popular de Libertação. Mas o Tibete é uma enorme região de vales isolados. Os organizadores nos povoados enormemente dispersos estavam em grande parte por conta própria. Eles arriscaram tudo pelas massas populares e muitas vezes foram mortos por bandos feudais — tal como o Ku Klux Klan matava os escravos libertos nos tempos que se seguiram à guerra civil norte-americana.

Nos novos Institutos das Minorias Nacionais também começou uma aguda luta — muitas vezes em torno de divisões de classe. Alguns estudantes tibetanos de origem aristocrática pretendiam tornar-se numa nova elite — alguns deles ressentiram-se quando a reforma agrária afectou as famílias deles de proprietários de servos no Tibete. Eles também rejeitavam os movimentos pela igualdade social: exigiam ter criados que fizessem as camas e limpassem os quartos deles e recusavam misturar-se com os colegas estudantes com antecedentes de escravos ou servos. Questões semelhantes dividiram as novas escolas na própria capital tibetana, Lhasa: os estudantes aristocratas exigiam que os estudantes escravos levassem os livros dos seus “amos”. Foram enviados lamas para “vigiar a educação” e organizarem orações antes e depois das sessões de estudo. Estas lutas iniciais prepararam os estudantes das classes dos servos, escravos e mendigos para o dia em que essas questões fossem resolvidas em toda a sociedade tibetana.

Mesmo com a maioria das terras dividida em parcelas individuais, nos campos foram feitas algumas tentativas de experimentação de formas colectivas socialistas. Mao disse que a via para a libertação nos campos requer novas formas de cooperação entre as massas. No Tibete, foram formadas novas “equipas de ajuda mútua” que partilhavam equipamento agrícola e animais, trabalhavam os campos em conjunto e juntavam o seu trabalho para escavar canais e erigir represas, recolher fertilizante e construir novas estradas.

Através destas grandes tempestades de luta, a revolução maoista criou para si própria uma larga base entre os recém-libertados servos do Tibete.

Na 3ª Parte: Uma revolução dentro da revolução

A tempestade da luta de classes no Tibete desagradou a algumas forças poderosas *dentro* do próprio Partido Comunista da China. Essas forças, chamadas revisionistas, opunham-se à linha revolucionária de Mao e agrupavam-se em torno do líder do partido Liu Shao-chi, do general Lin Piao e de Deng Xiaoping [que liderou a China após o golpe de estado de 1976 — NT]. Elas tinham uma visão completamente diferente (e bastante capitalista) do que devia ser feito no Tibete.

⁴ Mao Tsétung, “Relatório sobre uma Investigação Feita no Hunan a Respeito do Movimento Camponês”, Março de 1927, em *Obras Escolhidas*, Tomo I, 3ª Edição, p. 28-29 (Pequim: Edições em Línguas Estrangeiras, 1975), marxists.org/portugues/mao/1927/03/hunan.htm.

Os revisionistas não viam muitas razões para se mobilizar as massas para derrubarem os proprietários feudais. Eles eram “chauvinistas *han*” que desprezavam as massas populares tibetanas — consideravam-nas desesperadamente atrasadas e supersticiosas. Achavam que os estudantes tibetanos nos Institutos das Minorias Nacionais deviam ser treinados como gestores e não como organizadores revolucionários. Achavam que o Tibete devia ser governado pelas classes altas educadas, apoiando-se nos meios militares para manterem a região “sob controlo”.

Para esses revisionistas, a luta de classes maoista não passava de uma “perturbação” nos planos deles de exploração do Tibete. Quando olhavam para o Tibete, apenas viam uma fronteira que precisava de ser defendida, recursos minerais para explorarem e um potencial “celeiro” que poderia ajudar a alimentar o resto da China. Eles achavam que desenvolver indústrias independentes ou uma agricultura diversificada era um processo “ineficiente” e um desperdício de tempo. Os revisionistas pensavam poder chegar a um acordo de longo prazo com a classe dominante lamaísta — que fosse lucrativo para ambos.

Mas, nessa época, esses seguidores da via capitalista não detinham todo o poder. Mao estava decidido a liderar as massas populares numa revolução total. Ele lutou para que fosse aplicada uma abordagem revolucionária no Tibete e nas outras regiões das minorias nacionais.

Logo em 1953, Mao escreveu na directiva *Critiquemos o Chauvinismo Han*: “Em alguns locais, as relações entre as nacionalidades estão longe de se poderem considerar normais. Para os comunistas, isto é uma situação intolerável. Temos de ir ao fundo da questão e criticar as ideias do chauvinismo *han* que se manifestam nas relações entre as nacionalidades e que existem em elevado grau entre muitos membros e quadros do Partido, nomeadamente, as ideias da burguesia e dos grandes senhores de terras (...). Por outras palavras, as ideias burguesas predominam nas cabeças desses camaradas e elementos do povo que não tiveram uma educação marxista e que não aprenderam a política relativa às nacionalidades definida pelo Comité Central.”⁵

Em 1956, Mao levantou novamente a questão no famoso discurso dele *Sobre as Dez Grandes Relações*: “O nosso esforço principal incide na luta contra o chauvinismo *han*. O nacionalismo local é também de combater, mas, de um modo geral, não é esse o ponto essencial. (...) No passado, os dominantes reaccionários, e sobretudo os da nacionalidade *han*, criaram barreiras de toda a espécie entre as várias nacionalidades e maltratavam as minorias nacionais. Mesmo entre as massas trabalhadoras não é fácil apagar rapidamente as consequências disso. (...) O ar na atmosfera, as florestas sob o sol, as riquezas do subsolo são outros tantos factores importantes, necessários à edificação socialista. Ora, nenhum factor material pode ser explorado e utilizado sem ser através do factor humano. Nós devemos estabelecer boas relações entre os *han* e as minorias nacionais e consolidar a união de todas as nacionalidades, de modo a conjugar os nossos esforços na edificação da nossa grande pátria socialista.”⁶

As tempestades da revolução no Tibete depois de 1959 foram um grande passo em frente para a linha de Mao. Ao mesmo tempo que os servos lutavam pela terra, intensificava-se a luta *dentro* da própria vanguarda comunista sobre o quão longe deveriam ir esses movimentos. Em muitos lugares do Tibete ainda havia ricos e pobres, mesmo depois da distribuição das terras. Os costumes e outras práticas feudais de todos os tipos ainda eram muito fortes. As novas organizações revolucionárias tinham acabado de ser criadas. A revolução ainda tinha um longo caminho a percorrer.

No início dos anos 60, as forças revisionistas pediram “cinco anos de consolidação” dentro do Tibete — o que para eles significava um arrefecimento da luta. Algumas experiências socialistas no Tibete, como as primeiras Comunas rurais e muitas fábricas novas, foram abandonadas.

Os revisionistas não obtiveram os “cinco anos de consolidação” para reprimirem as massas do Tibete. Em 1965, emergiu uma aguda luta entre as duas linhas dentro do próprio Comité Central do Partido Comunista. O Presidente Mao desencadeou uma “revolução dentro da revolução” sem precedentes, chamada Grande Revolução Cultural Proletária.

Na **3ª Parte** desta série, iremos examinar como as tempestades da Grande Revolução Cultural Proletária sacudiram o Tibete.

⁵ Mao Tsétung, “Critiquemos o Chauvinismo Han”, 16 de Março de 1953, em *Obras Escolhidas*, Vol. V, p. 101-102 (Lisboa: Editora Vento de Leste, 1977), disponível em:

- marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-5/mswv5_25.htm (em inglês) e
- marxists.org/espanol/mao/escritos/CHC53s.html (em castelhano).

⁶ Mao Tsétung, “Sobre as Dez Grandes Relações”, 25 de Abril de 1956, em *Obras Escolhidas*, Vol. V, p. 352-353, (Lisboa: Editora Vento de Leste, 1977), disponível em:

- marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-5/mswv5_51.htm (em inglês) e
- marxists.org/espanol/mao/escritos/TMR56s.html (em castelhano).

3. Os Guardas Vermelhos e as Comunas Populares

Tibete: Um terreno fértil para a Revolução Cultural de Mao

Num dia solarengo de Agosto de 1966, Mao Tsétung saudou um milhão de jovens Guardas Vermelhos que tinham inundado Pequim — e colocou no braço uma das braçadeiras vermelhas deles. Mao Tsétung fez uma coisa que nenhum outro chefe de estado da história tinha feito: apelou às massas populares para se revoltarem contra o governo e o partido dominante que ele próprio encabeçava. “Bombardeiem o Quartel-General!”, disse ele. A intensa e histórica luta que ele desencadeou iria sacudir toda a China durante os dez anos seguintes — de 1966 a 1976. Tinha começado a Grande Revolução Cultural Proletária.



Um servo emancipado denuncia o sistema de servidão
(Fonte: *Peking Review*, 4 de Julho de 1975)

Poucos dias depois dessa grande manifestação, alguns Guardas Vermelhos foram até Lhasa, no Tibete — onde a mensagem radical deles encontrou uma audiência entusiástica. Em 1964, na nova Escola Secundária do Tibete tinha acabado de se formar a primeira classe sénior. Um núcleo de jovens de famílias de antigos servos e escravos sabia agora ler — e tinha aprendido os princípios fundamentais do maoísmo sobre a revolução.

De imediato, os estudantes da Escola Secundária de Lhasa e da vizinha Escola de Formação de Professores do Tibete formaram as suas próprias organizações de Guardas Vermelhos. Eles não estavam com vontade nenhuma de ficar à espera de ordens. Debateram como levar avante a revolução e entraram imediatamente em acção.

Aqui, na 3ª Parte desta série, vamos contar o que sabemos sobre a luta no Tibete nos dez anos que se seguiram. Não é fácil descobrir a verdade. Foram acontecimentos arrebatados e complexos numa região enorme e isolada.

Por um lado, as forças de classe que eram o *alvo* da revolução maoista retratam a Revolução Cultural como um pesadelo insensato de fanatismo e destruição. O Gabinete de Promoção do dalai-lama, sediado na Índia, fornece “relatos de testemunhas oculares” escritos por extremistas conservadores, sobretudo exilados da classe alta tibetana. Os homens que hoje governam a China falam em “dez anos perdidos” cheios dos “excessos do Bando dos Quatro”. (“Bando dos Quatro” é o nome que dão aos mais próximos apoiantes de Mao Tsétung.) Esses relatos contra-revolucionários são altamente duvidosos.

Por outro lado, os activistas revolucionários do Tibete não encontraram uma forma de eles próprios fazerem ouvir a sua história. Muitos deles estão indubitavelmente na prisão ou mortos.

Para escrever este artigo, analisámos panfletos escritos por Guardas Vermelhos tibetanos durante a própria Revolução Cultural. Lemos os textos de diferentes observadores e académicos progressistas e também analisámos criticamente as alegações dos inimigos do maoísmo. Há enormes lacunas na história. Mas é possível compor um quadro básico do que os revolucionários do Tibete tentaram levar a cabo nesses intensos dez anos.

Verdadeiros comunistas contra falsos comunistas no Tibete

Mao desencadeou a Grande Revolução Cultural Proletária porque viu um grande perigo para as massas: a revolução chinesa que tinha chegado ao poder em 1949 tinha estagnado.

Poderosas forças no governo e no Partido Comunista da China apelavam à construção de uma China “moderna” centrada numa produção sem perturbações. Embora essas forças se *chamassem* a si próprias “comunistas”, na realidade elas não tinham nenhuma intenção de ir mais longe que a abolição do feudalismo e a construção de um poderoso estado nacional. Elas queriam impedir as transformações revolucionárias.

Mao viu que a imitação que eles faziam dos métodos capitalistas “eficientes” deixaria impotentes as massas populares. Essa via criaria um sistema capitalista de estado sem ânimo e despolitizado, semelhante ao que tinha tomado o poder na União Soviética no tempo de Kruschov. Mao apelidou essas forças de “revisonistas” e “falsos comunistas”. Disse

que eram constituídas por “democratas burgueses tornados seguidores da via capitalista”. Os seus principais líderes nacionais nos meados dos anos 60 eram Liu Shaoqi e Deng Xiaoping.

No Tibete, esse conflito entre a linha revisionista e a linha de Mao não foi amplamente conhecido entre as massas — mas foi *muito* agudo.

A linha de Mao apelava a um processo revolucionário continuado levado a cabo passo a passo — um processo que essencialmente se baseava nas próprias massas populares tibetanas e que as organizava.

Mao tinha estimulado a edificação paciente de uma organização revolucionária no Tibete durante os anos 50. No início dos anos 60, uma grande aliança entre os servos do Tibete e o Exército Popular de Libertação (EPL) tinha destruído o núcleo da velha sociedade opressora — libertando as massas da servidão e da escravidão, tomando as terras da classe dominante e proibindo muitas velhas práticas opressoras. Foi um grande avanço e uma boa aplicação da linha de Mao.

Mao acreditava que, para que as massas populares fossem verdadeiramente libertadas, a revolução tinha de avançar para além da reforma agrária antifeudal. Ele defendeu o desenvolvimento sistemático de novas organizações colectivas nos campos — para que as massas de camponeses pudessem combinar os recursos delas: escavar irrigações, construir estradas, criar milícias armadas de camponeses e construir escolas. Mao acreditava que, sem a colectivização socialista, os camponeses pobres acabariam por ser oprimidos pelos camponeses mais ricos e pelos novos exploradores. Isto aplicava-se ao Tibete, bem como ao resto da China. Mao defendeu uma base industrial socialista auto-suficiente nas terras altas do Tibete para satisfazer as necessidades dos seus habitantes. E Mao queria uma revolução das ideias que extirpasse as odiosas superstições do passado e que, *nessa base* , gerasse o florescimento de uma nova cultura tibetana libertadora.

Mas as poderosas forças revisionistas viam o Tibete com olhos muito diferentes. Elas não estavam interessadas no potencial revolucionário das massas do Tibete. Queriam desenvolver sistemas “eficientes” de exploração da riqueza do Tibete — para que a região pudesse contribuir rapidamente para a China “moderna” que eles defendiam.

Os revisionistas pretendiam transformar os camponeses do Tibete em produtores eficientes de cereais. Eles planeavam importar trabalhadores e técnicos de outras regiões chinesas para desenvolverem algumas indústrias baseadas nos minerais.

Os revisionistas queriam eliminar os aspectos do feudalismo tibetano que contrariavam o aumento da produção. Mas eles pretendiam oferecer aos antigos governantes feudais uma fatia permanente do poder — para usarem as organizações e ideologia *feudais* deles como instrumento da estabilização de uma nova ordem revisionista.

Toda a gente sabia que a aristocracia lamaísta estava envolvida em todo o tipo de conspirações contra-revolucionárias. Mas os revisionistas acreditavam que podiam conter essas conspirações: primeiro, oferecendo-se para protegerem as massas de diferentes aspectos da velha sociedade e, em segundo lugar, baseando-se na gigantesca força militar do EPL.

Essa linha era claramente hostil às massas populares tibetanas: via-as como desesperadamente atrasadas e baseava-se em alianças com os opressores delas. Essa linha justificava-se a si mesma falando constantemente nas “condições especiais do Tibete” — mas na prática tinha uma abordagem “chauvinista *han* ” extrema em relação a tudo o que era tibetano e esperava acabar por absorver os tibetanos na etnia *han* — a etnia maioritária na China. E os revisionistas não estavam dispostos a tolerar um levantamento das massas para fazerem a revolução.

Em particular, os revisionistas eram hostis a qualquer plano para uma nova vaga revolucionária no Tibete. Eles opunham-se às medidas *socialistas* — como a propriedade colectiva da terra e uma base industrial autónoma. Diziam que essas medidas socialistas eram prematuras, destabilizadoras e ineficientes e que acabariam para sempre com a “frente única” deles com os feudais.

Em suma, a linha revisionista para o Tibete era essencialmente um plano para uma nova ordem opressora em que os revisionistas (em aliança com os velhos opressores) usavam a força militar para explorarem o Tibete. Essa “via capitalista” era claramente oposta à linha de Mao, em todos os aspectos.

O programa revisionista é-nos familiar porque essa linha é *exactamente* a política capitalista opressora que foi implementada no Tibete pelo governo e pelas tropas de Deng Xiaoping desde que derrotaram os maoistas em 1976. Mao iniciou a Grande Revolução Cultural Proletária para derrotar *exactamente essas forças* que hoje oprimem as massas populares da China (incluindo o Tibete).

A revolução atinge Lhasa como um raio

“Os continuadores da causa revolucionária do proletariado surgem durante a luta das massas e temperam-se nas grandes tempestades da revolução.” — Mao Tsétung⁷

Em 1966, os revisionistas no Tibete eram bastante arrogantes. Eles controlavam o exército e tinham poderosas ligações em Pequim, entre as quais Liu Shaoqi e Deng Xiaoping. O principal revisionista tibetano era o General do EPL Zhang Guohua, que tinha chegado em 1950 e via o Tibete como o “reino” privado dele.

As forças de Zhang planejaram cavalgar a nova campanha de Mao. Usaram a tática de “brandirem a bandeira vermelha para se oporem à bandeira vermelha”. Quando a Revolução Cultural foi anunciada, organizaram o seu próprio “Grupo da Revolução Cultural” oficial. Pintaram Lhasa literalmente de vermelho — anunciando que todas as casas deveriam hastear uma bandeira vermelha e exibir um cartaz de Mao. Os altifalantes difundiam canções revolucionárias e as ruas receberam novos nomes. Tendo “provado” desta forma o seu entusiasmo revolucionário, as autoridades do Tibete anunciaram: “Aqui no Tibete não há duas linhas”. Disseram que as principais forças reaccionárias eram os bandos de feudistas apoiados pela CIA, pelo que a luta armada do EPL era a principal actividade revolucionária que ainda era necessária. Em suma, os revisionistas quiseram limitar a Revolução Cultural no Tibete a uma produção sem perturbações, a um estudo tranquilo e às actividades do exército. Enviaram brigadas para todas as fábricas e escolas para garantirem que o crescente movimento dos Guardas Vermelhos não saía fora do controlo deles. Poderosas forças em Pequim, incluindo o primeiro-ministro Zhou Enlai, um dos principais membros do governo, tentaram ajudá-los, ordenando aos Guardas Vermelhos que saíssem do Tibete. Organizaram mesmo um jantar de despedida dos Guardas Vermelhos. Mas os Guardas Vermelhos recusaram-se a partir.

A Revolução Cultural no Tibete iniciou-se como um fogo na pradaria! Formaram-se grupos de Guardas Vermelhos em todo o lado e que tudo sacudiram. Algumas organizações de Guardas Vermelhos ocuparam de imediato o santuário de Jokhang em Lhasa — declarando guerra aos que toleravam a continuação da opressão feudal e da superstição. Surpreendidas, as autoridades declararam isso ilegal e “contra-revolucionário”. As ocupações de edifícios alastraram.

Os Guardas Vermelhos exigiam saber por que é que os altos responsáveis do Partido continuavam a apresentar os proprietários de servos e os altos lamas — como o dalai-lama, o panchen-lama e Ngawang Jigme Ngabo — como “líderes do povo tibetano”. Os Guardas Vermelhos revelaram que Deng Xiaoping tinha mesmo sugerido recrutar lamas dos estratos superiores do Tibete como membros do Partido Comunista. Será que a análise de classes e a prática social não tinham mostrado que essas forças eram opressoras?

Um dos primeiros panfletos dizia que as condições especiais do Tibete *não* significavam que o Tibete era “uma zona de vácuo para a luta de classes”. Os Guardas Vermelhos disseram que as autoridades estavam a violar os princípios maoistas: “O essencial da linha revolucionária do Presidente Mao é a linha de massas, (...) ter uma fé total nas massas, dar rédea solta às massas, ter a coragem de se apoiar nas massas.”

Primeiro a tomada do poder, depois o exercício do poder

“Na nova situação da Grande Revolução Cultural Proletária, cercado pelos tambores da guerra que repudiam a linha burguesa reaccionária, nasceu o Quartel-General Rebelde Revolucionário de Lhasa! (...) Não tememos ventos nem tempestades, nem areia a voar, nem pedras rolantes. Não nos preocupa que esse punhado de seguidores da via capitalista no poder (...) se nos oponha ou nos tema. Também não nos preocupa que os monárquicos burgueses nos denunciem ou nos amaldiçoem. Faremos resolutamente a revolução e revoltar-nos-emos. Revolta, revolta e revolta total até ao fim para criar um brilhante novo mundo vermelho do proletariado.”

— *Fundamentos dos Guardas Vermelhos “Rebeldes Revolucionários” do Tibete*, Dezembro de 1966.

Centenas de grupos de Guardas Vermelhos uniram-se para formar os Rebeldes Revolucionários. Eles baseavam-se nas massas populares: na nova geração de activistas e estudantes tibetanos e nos camionistas, soldados rasos, quadros de base e Guardas Vermelhos *han* que tinham vindo de outras partes da China.

Algumas pessoas ficarão surpreendidas por saber que a Revolução Cultural não foi *imposta* às massas tibetanas pelas autoridades do Partido Comunista e por Guardas Vermelhos “importados” do resto da China. Mesmo apoiantes do dalai-lama como John Avedon e os “relatos dos exilados” reconhecem que um grande número de jovens tibetanos se uniu desde o início aos Rebeldes Revolucionários e que muitos quadros tibetanos mais velhos se juntaram entusiasticamente à luta.

⁷ *Citações de Mao Tsétung*, p. 172 (Lisboa: Hugin Editores, 1998), citando Mao Tsétung, “O pseudo comunismo de Kruschov e as lições históricas que ele dá ao mundo”, 14 de Julho de 1964, disponível em marxists.org/portugues/mao/1966/citas/cap29.htm.

Havia tibetanos envolvidos nos dois lados dessa revolução. Alguns, recrutados e treinados pelos revisionistas, esperavam transformar-se numa nova elite — os maoistas chamavam-lhes “monárquicos burgueses”. Outros, sobretudo entre os jovens ex-escravos e ex-servos, estavam desejosos de fazer avançar a revolução rumo ao socialismo. Durante as tempestades que se seguiram, foi formada toda uma nova geração de activistas comunistas tibetanos e a corrente maoista ganhou raízes muito mais profundas entre as massas populares tibetanas.

Em Janeiro de 1967, quando as organizações maoistas tomaram o poder em Xangai, os Rebeldes Revolucionários do Tibete declararam que também tomariam o poder a Zhang, o “senhor do Tibete”. Em Fevereiro, os operários rebeldes do Complexo Têxtil Linchi ocuparam a fábrica — foi a primeira tomada de poder da Revolução Cultural no Tibete. Os Rebeldes Revolucionários ocuparam o jornal *Diário do Tibete* e parte da capital. Um combatente Rebelde disse: “Vários tipos de organizações combatentes actuaram primeiro, foram então declaradas ‘ilegais’ pela ‘linha reaccionária’ e depois obtiveram a aprovação do Presidente Mao”. Foram movimentações corajosas e perigosas.

Temendo a prisão, Zhang organizou um contra-ataque e depois fugiu de Lhasa. Unidades leais da polícia formaram um grupo conservador de “Guardas Vermelhos”, chamado Grande Aliança. Tinha por base altos responsáveis do partido e quadros aristocratas tibetanos. Semanas depois, unidades do exército reprimiram os Rebeldes Revolucionários com o apoio da Grande Aliança. Esse golpe de estado (que fazia parte de um movimento contra Mao em toda a China chamado “Corrente Adversa de Fevereiro”) foi repellido quando Mao Tsétung apelou ao exército para “apoiar as massas da esquerda”.

Não sabemos muitos pormenores sobre as complexas e por vezes violentas lutas que se propagaram pelo Tibete durante os dois anos seguintes. Mas *sabe-se* o seguinte: Em Setembro de 1968, um novo governo, o Comité Revolucionário Tibetano, foi finalmente estabelecido. Uniu diversas forças em torno da linha de Mao. Uma vez consolidado esse novo poder revolucionário, a Revolução Cultural entrou numa nova fase — desafiando todos os aspectos da vida social e da maneira de pensar.

A criação das Comunas Populares

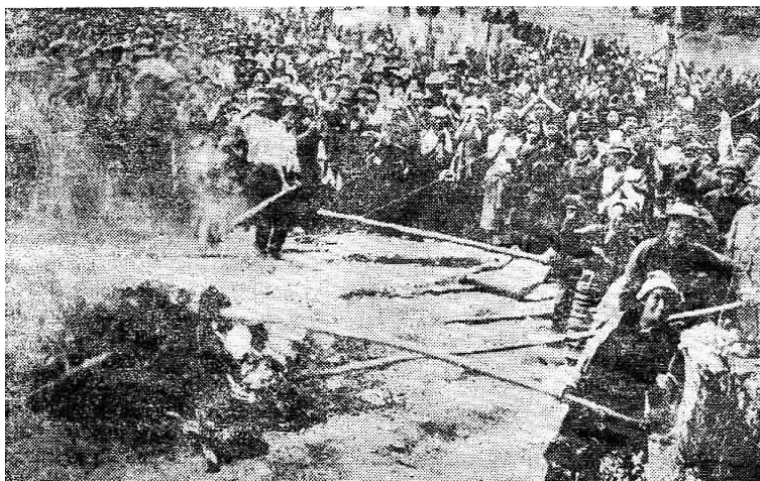
“Quando os gansos selvagens voam em formação, conseguem voar por cima das montanhas mais elevadas. Nós, os pobres, podemos superar qualquer dificuldade se nos unirmos e nos ajudarmos uns aos outros.”

— Tsering Lamo, líder comunista da Associação de Mulheres de um município, a explicar a via socialista a outros ex-servos

A libertação das massas do Tibete estava, e continua a estar, intimamente ligada à revolução das relações de produção e de propriedade da terra. Depois da reforma agrária do início dos anos 60, o novo sistema baseado em pequenas parcelas individuais continha as sementes de uma nova opressão. Começaram a reaparecer ricos e pobres à medida que os camponeses mais bem-sucedidos contratavam ou compravam terras aos seus vizinhos mais pobres. Concentrados na sobrevivência familiar, os servos estavam frequentemente demasiado desorganizados para enfrentarem as constantes tentativas feudais de restauração do seu poder.

Com a vitória da linha de Mao em 1969, novas unidades agrícolas experimentais — chamadas Comunas Populares — começaram a ser organizadas nos vastos campos do Tibete. Os métodos colectivos que tinham construído as novas estradas do Tibete eram agora usados para mudar a vida nos campos. Em cada Comuna, a terra era trabalhada colectivamente por centenas de camponeses. As colheitas colectivas eram divididas com base em “pontos de trabalho” — uma medida da quantidade de trabalho que cada pessoa tinha feito. Em 1970 estavam a operar quase 666 Comunas em 34% dos distritos da região. Em pouco tempo, havia Comunas em todo o lado.

Para se fazer essa transformação, foi necessário um trabalho político paciente e uma feroz luta de classes. Alguns camponeses apenas queriam a sua própria terra — e não viam o contexto global. Muitas vezes, os camponeses mais



Camponeses e pastores queimam títulos de propriedade de terras durante a revolução democrática

(Fonte: *Peking Review*, 18 de Julho de 1975)

pobres, como por exemplo as ex-escravas, estavam dispostos a experimentar primeiro os novos métodos. Foi exercida uma ditadura popular sobre os opressores — os proprietários de servos e os altos lamas. Agora, eles também tinham de trabalhar — quer gostassem disso ou não. Os contra-revolucionários foram desmascarados e perseguidos.

Durante séculos, o trabalho forçado das massas tinha servido aristocratas ociosos e construído grandes templos que propagavam a superstição. Agora, o trabalho colectivo trazia a irrigação e a água potável a 80% das terras aráveis do Tibete. Como a sobrevivência de cada família já não dependia apenas da sua própria parcela de terra, era agora possível aos camponeses experimentarem dezenas de novos legumes, frutas e culturas agrícolas.

Algumas experiências resultaram, outras não. A própria luta de classes perturbou algumas colheitas. Mas foram conseguidos grandes saltos na produtividade da terra. A produção alimentar do Tibete duplicou.

As Comunas Populares também tornaram possível a constituição das primeiras escolas rurais, a educação em massa e os primeiros grupos de teatro rural da história do Tibete. As pessoas mais velhas eram agora apoiadas, mesmo que não tivessem filhos. As mulheres obtiveram um novo poder. Uma jovem Guarda Vermelha tibetana disse: “Como nós, as mulheres, trabalhávamos, claro que as Comunas eram boas para nós”. Os casamentos arranjados e a poligamia acabaram. Os exilados queixam-se de as crianças se terem tornado revolucionárias e já não obedecerem a pais reaccionários.

O famoso *Manual dos Médicos Pés-Descalços* maoista foi publicado em tibetano e usado para formar milhares de novos médicos entre os ex-servos. Pouco depois, 80% das camas hospitalares do Tibete estavam nos campos — e chegou pessoal médico dos hospitais urbanos do leste da China. Mais de metade dos 6400 médicos pés-descalços eram mulheres (que antes os dogmas budistas proibiam de praticar medicina).

As Comunas Populares aumentaram enormemente o poder político dos camponeses. Os membros das Comunas foram armados e treinados pelo EPL. Cada Comuna criou uma brigada de milícia *yulmag* para combater os opressores. As milícias perseguiram os bandos contra-revolucionários do dalai-lama treinados pela CIA e destruíam todos os tipos de quadrilhas feudais. Essas milícias são uma prova do apoio das massas tibetanas às transformações revolucionárias.

Com a linha revisionista derrotada, foram dados enormes passos no desenvolvimento de uma nova base industrial socialista no Tibete. Em 1964, havia apenas 67 fábricas. Em 1975, havia 250 empresas — a maioria das quais servia as necessidades locais e agrícolas. Pequenas unidades hidroeléctricas levaram a luz eléctrica às pessoas. Pela primeira vez, as massas tinham à disposição delas bens manufacturados: óculos de protecção solar que reduziram as cataratas que causavam cegueira generalizada entre os mais velhos; painéis de pressão que eliminaram muitas doenças que matavam muitas crianças devido ao velho estilo da cozinha tibetana; novos utensílios agrícolas que aumentaram a produtividade e tornaram a vida mais fácil.

Uma revolução na maneira de pensar das massas

“A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade tradicionais; portanto, não há nada de estranho em que no decurso do seu desenvolvimento rompa da maneira mais radical com as ideias tradicionais.” — Karl Marx e Friedrich Engels, 1848⁸

“Hoje em dia, nós, os servos emancipados, já atirámos para as profundezas do Rio Tsangpu todas as velhas e horrendas canções, danças e dramas que elogiavam os proprietários de servos e propagavam superstições sobre deuses e seres sobrenaturais. Que as ondas fortes as levem e nunca regressem.”

— Dzomkyid, um servo emancipado de 50 anos do município de Gyatsa, 1966

“Antes de estudar as obras do Presidente Mao, só me preocupava com o que me pertencia. Eu sabia exactamente quantas pilhas de estrume de iaque para combustível tinha armazenadas em casa. Podia mesmo dizer quantas estavam secas e quantas estavam molhadas sem olhar para elas. Mas não me preocupava muito com os rebanhos do colectivo. Os ensinamentos do Presidente Mao alargaram as minhas perspectivas. O meu objectivo na vida é agora claro para mim. Hoje preocupo-me não só com o colectivo mas com o mundo inteiro e com a revolução mundial.” — Um pastor tibetano, 1967

“Sabemos agora que não eram deuses nem demónios que faziam trabalhar os motores. Manobrámo-los e vimos que o que os fazia funcionar não era sangue de crianças, como nos diziam os lamas.” — Um novo mecânico tibetano

Durante a Revolução Cultural, os maoistas visaram os “quatro velhos” — *velhas ideias, velhos costumes, velha cultura e velhos hábitos*. E, no Tibete, havia muitas coisas “velhas” para desafiar. As pesadas superstições religiosas retinham

⁸ Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, p. 72 (Lisboa: Publicações Nova Aurora, 1976), disponível numa tradução diferente em marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/cap2.htm.

a luta das massas. Eram um instrumento central da velha ordem feudal e também eram usadas pelos novos revisionistas.

Antes da Revolução Cultural, a maioria dos servos nunca tinha discutido questões que eram definidas para eles pelas autoridades religiosas. Arar com instrumentos de ferro, curtir couros, empacotar leite, tosquiar ovelhas, a acupuntura, a cirurgia, os antibióticos, trabalhar o metal — tudo isto colidia com os tabus dos dogmas lamaístas. As mulheres estavam constringidas por inúmeros tabus. Muitos animais eram considerados demasiado sagrados para serem comidos. Nos anos 50, muitas vezes os primeiros estudantes tibetanos de medicina rezavam intensamente à noite, implorando aos deuses que os perdoassem pelos pecados que tinham cometido durante o dia.

Foram descobertas novas maneiras de ajudar as pessoas a se libertarem dos grilhões da superstição. Servas corajosas organizaram equipas para caçarem animais sagrados e “brigadas do ferro” para romperem com os tabus sobre o uso de arados de ferro. Em 1966, 100 mil camponeses levaram a cabo uma campanha de massas de dois meses para exterminarem as ratazanas da terra, um tipo de roedores que estava a comer os cereais deles. No passado, os monges teriam protegido esses ratos e dito que eram reencarnações sagradas de piolhos do corpo de Buda.

A expansão da ideologia comunista — sobretudo as obras do Presidente Mao Tsétung — representou um papel chave nesta revolução das mentes. Os altos responsáveis revisionistas tinham-se oposto à publicação do *Livro Vermelho* de Mao em tibetano. Mas, pouco depois, foram distribuídas dezenas de milhares de cópias bilingues do *Livro Vermelho* — em bolsas vermelhas ao estilo tradicional tibetano. Memorizar citações chave e canções revolucionárias tornou-se particularmente popular, porque muitos pobres não sabiam ler.

Nas encostas das montanhas apareceram esculpidas enormes citações revolucionárias do Presidente Mao, em vez das orações esculpidas. Nas passagens das montanhas, novas bandeiras vermelhas mostravam que as massas detinham o poder.

Alguns pastores das pradarias do Tibete descreveram como as Brigadas de Propaganda Mao Tsétung do EPL os ajudaram a lidar com um desastre invernal. No passado, teriam aceitado o “destino” deles e muitos teriam morrido. Agora, tinham desenvolvido planos colectivos para salvar vidas e rebanhos. Um velho pastor disse: “Com o Pensamento Mao Tsétung, ousámos lutar até com deus!”

Desmantelando as fortalezas feudais dos lamas

“Os ídolos foram criados pelos camponeses, e serão os próprios camponeses quem os há-de pôr a um canto, no momento devido.” — Mao Tsétung⁹

Foram os milhares de mosteiros que inspiraram um grande temor supersticioso. Nos arrebatadores dias da Revolução Cultural, as *próprias* fortalezas feudais foram visadas. Num gigantesco movimento de massas, os muitos mosteiros do Tibete foram esvaziados e fisicamente desmantelados.

Os apoiantes do feudalismo tibetano dizem frequentemente que esse desmantelamento foi uma “destruição gratuita” e um “genocídio cultural”. Mas essa perspectiva ignora a verdadeira *natureza de classe* desses mosteiros. Eles eram fortalezas armadas que durante séculos tinham pairado sobre as vidas dos camponeses. Com a linha revisionista, muitos mosteiros tinham sido mantidos a funcionar com subsídios governamentais. Essas fortalezas criavam um justificado temor de que o passado pudesse regressar — atrás dos muros dos mosteiros foram congeminações sucessivas conspirações. Desmantelar esses mosteiros foi tudo *menos* “gratuito”. Foram actos políticos *conscientes* de libertação das massas!

Todos os relatos disponíveis concordam em que o desmantelamento foi quase exclusivamente feito pelos próprios servos tibetanos, liderados por activistas revolucionários. Aos portões formavam-se grandes concentrações de ex-servos que depois ousaram entrar pela primeira vez nos santuários sagrados. A riqueza que lhes tinha sido roubada durante séculos foi revelada a todos. Alguns artefactos históricos particularmente valiosos foram preservados para a posteridade.

Os preciosos materiais de construção das fortalezas foram retirados e distribuídos entre as massas para a construção de casas e estradas. Um exilado descreveu como blocos sagrados de madeira foram retirados pelos servos e usados como combustível ou esculpidos como cabos de novas ferramentas agrícolas. Alguns elementos recuados alegam terem sido criticados por não terem participado. Muitas vezes, ídolos, textos, bandeiras e rodas de oração e outros símbolos foram destruídos publicamente — como poderosa forma de romper com superstições velhas de séculos.

⁹ Mao Tsétung, “Relatório sobre uma Investigação Feita no Hunan a Respeito do Movimento Camponês”, *op. cit.*, p. 60.

Como comentário final aos sonhos restauracionistas, frequentemente as forças armadas revolucionárias faziam voar bem alto as ruínas.

Numa época posterior da Grande Revolução Cultural Proletária, alguns mosteiros lamaístas foram restaurados, para que pudessem servir tanto como santuários religiosos como museus de relíquias nacionais. Mas o veredicto da Revolução Cultural foi que esses mosteiros nunca deveriam existir de novo como fortalezas feudais que viviam do sofrimento das massas.

As difíceis lutas sobre os “quatro velhos” e os “quatro novos”

Tal como todas as revoluções, a Revolução Cultural no Tibete avançou através de complexos debates e lutas. Os “quatro velhos” foram criticados e a revolução lutou pela implementação dos “quatro novos” — *novas ideias, novos costumes, nova cultura e novos hábitos*. Importantes questões foram levantadas e sucessivamente debatidas: quais são as práticas da cultura feudal reaccionária e quais são as da cultura nacional tibetana? Será revolucionário ou chauvinista *han* promover as novas formas culturais que a revolução tinha desenvolvido nas regiões *han* do leste da China? Será feudal usar os velhos penteados de tranças da servidão, ou será apenas tibetano? Será reaccionário abençoar uma pessoa quando a conhecemos — e quão reaccionário será isso?

O chauvinismo *han* (os preconceitos antitibetanos entre a etnia maioritária *han*) continuava a ser um problema. Han Suyin dá uma prova disso no livro dela de 1977 sobre o Tibete, em que ela defende o ponto de vista de alguns membros do Partido de que o ensino superior no Tibete devia ser na língua *han* porque, segundo ela, a língua tibetana era incapaz de exprimir as ideias de temas modernos como a química.

Ao mesmo tempo, outras pessoas defendiam a linha de Mao sobre as etnias minoritárias. Durante o período em que essa linha deteve o poder, houve um novo florescimento da cultura tibetana. Foram desenvolvidas as primeiras máquinas de escrever em tibetano — permitindo uma comunicação mais fácil e registos em tibetano. Foi promovido um dialecto tibetano único para que as pessoas das várias regiões pudessem comunicar. Os filmes foram dobrados em tibetano. Foram publicados milhões de livros em tibetano — muitos deles relacionados com a teoria e a prática da libertação. Foram publicadas pequenas histórias e peças tibetanas. E muitas festividades tibetanas foram transformadas para celebrarem os novos triunfos *das massas* — as Comunas Populares e as suas novas boas colheitas.

A medicina tibetana tradicional foi estudada e, pela primeira vez, as suas descobertas herbáceas foram tornadas disponíveis às classes mais desfavorecidas.

Novos líderes revolucionários germinaram entre os tibetanos. Em 1975, metade dos principais líderes eram naturais do Tibete. Metade deles eram novos quadros no início dos seus 30 anos — frequentemente de famílias de antigos servos ou escravos. As mulheres tornaram-se líderes a todos os níveis. Havia um município em que o comité revolucionário era constituído apenas por mulheres. Dos 27 mil quadros tibetanos, 12 mil eram mulheres. Uma mulher tibetana, Phanthog, escalou o Monte Everest em 1975!

Durante a Revolução Cultural, um jovem revolucionário filho de um pastor-escravo chamado Jedi disse: “Onde é que eu estaria, o que seria de nós, povo do Tibete, se o Presidente Mao e a Revolução não tivessem chegado até nós?”

As últimas grandes batalhas

“Estamos a fazer coisas que os nossos antepassados nunca tinham tentado, seguimos uma via que eles nunca seguiram.” — Um veterano comunista tibetano, 1975

Um observador capturou uma verdade fundamental sobre a Grande Revolução Cultural Proletária no Tibete: “Já não se vêem servos esfarrapados a carregar as liteiras de nobres vestidos com roupas quentes, anéis de turquesas e pulseiras de ouro”. O velho e odioso sistema do feudalismo lamaísta foi eliminado pelas próprias massas. A vida das massas melhorou. As doenças diminuíram. A população aumentou. O entorpecedor isolamento do velho Tibete estava quebrado. A alfabetização e o conhecimento científico básico propagaram-se entre as massas. Mesmo os inimigos do maoísmo admitem que o grande fosso entre ricos e pobres desapareceu.

Ao mesmo tempo, a Revolução Cultural representou muito mais que a derrota histórica do feudalismo. Durante dez anos impediu os revisionistas de implementarem os esquemas deles — de tornarem as massas tibetanas em escravos assalariados numa China capitalista.

Mas a luta de vida e morte entre o maoísmo e o revisionismo não estava terminada!

Em 1971, foi derrotado em Pequim um golpe de estado militar dos revisionistas ao mais alto nível. O poderoso general Lin Biao foi desmascarado e demitido. Alguns dos mais chegados apoiantes dele eram líderes proeminentes do Comité

Revolucionário do Tibete e perderam o poder. Na luta que se seguiu, Ren Rong, um dirigente da “Corrente Adversa de Fevereiro”, emergiu repentinamente como novo líder do Tibete. Um arripio frio e direitista assomou sobre o Tibete.

No Tibete, foi lançada uma campanha em defesa das chamadas “quatro liberdades fundamentais” (de praticar a religião, de negociar, de emprestar dinheiro com juros e de contratar operários e criados). Essa expressão das “quatro liberdades” não era defendida desde antes da insurreição dos proprietários de servos de 1959. Os tibetanos da classe alta reapareceram em postos elevados. Foram abertas negociações com o dalai-lama — procurando trazê-lo de volta a uma posição proeminente.

As forças revolucionárias reagruparam-se e contra-atacaram. No final de 1972, uma nova campanha criticou “as extravagâncias burguesas, a busca do lucro capitalista e o desperdício económico”. Em 1973, foram repentinamente interrompidas as intrigas com o dalai-lama. E, em 1974, foi lançada uma campanha nacional contra a restauração capitalista, chamada “Campanha de Crítica a Lin Piao e Confúcio”. No Tibete, ela foi usada para aprofundar a consciência anti-religiosa das massas — e para reafirmar o veredicto revolucionário de que os aristocratas-monges como o dalai-lama eram “lobos vestidos de monges”. Em toda a China, a mensagem principal dessa campanha foi que “os seguidores da via capitalista continuam a seguir a via capitalista” e isso era muito verdadeiro.

A luta entre as forças de Mao e as forças revisionistas agudizou-se em toda a China. E, no final, os revisionistas conseguiram desencadear um golpe decisivo contra as forças revolucionárias maoistas. Em Outubro de 1976, pouco após a morte de Mao, a direita revisionista organizou um golpe de estado em Pequim. Prenderam os mais próximos apoiantes de Mao e desencadearam uma purga de revolucionários a nível nacional. Restauraram todas as políticas que Mao e a Revolução Cultural tinham rejeitado. Deng Xiaoping, o inimigo de Mao, tomou o poder.

No Tibete, o programa dos revisionistas foi integralmente aplicado no final dos anos 70. Isso levou à repressão militar do povo tibetano nos anos 80, à restauração dos direitos monásticos, à exploração por atacado das riquezas minerais e da madeira do Tibete e à utilização da “cultura tibetana” comercializada como uma Disneylândia *New Age* para turistas ricos — tudo isto apenas foi tornado possível porque a Grande Revolução Cultural Proletária e a linha de Mao foram derrotadas. Na **4ª Parte** desta série, iremos examinar estes acontecimentos em mais pormenor.

4. Regressa a opressão — após o golpe de estado na China

O confronto entre as duas linhas no Tibete

Os revolucionários maoistas combateram poderosas forças *dentro* do Partido Comunista que queriam impor uma via capitalista na China, incluindo no Tibete. Na 3ª Parte descrevemos o programa desses “seguidores da via capitalista” — entre cujos líderes estava Deng Xiaoping. Eles autoproclamavam-se “comunistas” e falavam em construir um “poderoso estado socialista moderno”, mas na realidade queriam parar a revolução após a abolição do feudalismo. Mao Tsétung considerava que essas forças eram inimigos encarniçados da revolução — chamava-lhes “revisionistas”, “seguidores da via capitalista” e “falsos comunistas”. Mao viu que a intenção deles de copiarem métodos capitalistas “eficientes” traria de regresso à China a polarização de classes e a exploração capitalista. O resultado seria a China vir a ser de novo penetrada e dominada pelos investidores e exploradores estrangeiros.



Servos tibetanos emancipados lêem obras revolucionárias maoistas

O contraste entre a linha comunista revolucionária de Mao e a linha capitalista revisionista é muito claro em todas as questões relacionadas com o Tibete.

A linha de Mao defendia a organização das massas populares tibetanas e apoiar-se nelas, num processo revolucionário contínuo. Ele rejeitava a *imposição* de mudanças nas zonas das minorias nacionais antes de as massas poderem participar na sua própria libertação.

Mao criticou repetidamente os tradicionais preconceitos chauvinistas *han* que consideravam as massas tibetanas “atrasadas” e “bárbaras”. Mao defendeu uma revolução das ideias que extirpasse as odiosas superstições do passado e que, *com base nisso*, provocasse o florescimento de uma nova cultura tibetana libertadora. Defendeu que, para se libertarem, as massas precisavam da nova ideologia revolucionária do marxismo-leninismo-maoísmo.

E Mao insistiu em que, para as massas populares serem verdadeiramente libertadas, a revolução tinha de ir mais longe que a reforma agrária antifeudal, até ao socialismo — e que isso incluía as Comunas Populares nos campos. Mao defendeu uma base industrial socialista auto-suficiente nas terras altas do Tibete para satisfazer as necessidades das populações locais.

Os revisionistas tinham um plano completamente diferente para o Tibete: queriam “sistemas eficientes” de exploração das riquezas do Tibete — para que a região pudesse contribuir rapidamente para a “China moderna” que eles defendiam. Consideravam as massas do Tibete “atrasadas” — e queriam trazer muitos trabalhadores e técnicos do leste da China, ao mesmo tempo mantendo os tibetanos como pouco mais que eficientes produtores de cereais.

Os revisionistas alegavam que as “novas coisas socialistas” da revolução maoísta destruíam a “frente única” deles com elementos da velha classe feudalista. Os revisionistas queriam oferecer aos antigos governantes feudais do Tibete uma fatia permanente do poder — usando as organizações e ideologia feudais deles como instrumentos de estabilização da nova ordem revisionista.

Em suma, a linha revisionista para o Tibete era um plano para uma nova ordem opressora militarizada em que os revisionistas exploravam as massas do Tibete em aliança com os antigos opressores. Foi este programa que os revisionistas seguiram depois de terem derrubado os mais próximos apoiantes de Mao e tomado o poder a nível nacional após a morte de Mao em 1976.

O amargo momento decisivo: O golpe de estado revisionista de 1976

As complexas lutas de classes da Grande Revolução Cultural Proletária tiveram altos e baixos entre 1966 e 1976. Durante as grandes vagas da luta de massas, a inovação sacudiu a região. Quando os revolucionários foram obrigados a recuar, as forças revisionistas esforçaram-se por eliminar as transformações revolucionárias.

Em Outubro de 1976, as forças revolucionárias sofreram um revés decisivo. Duas semanas após a morte de Mao Tsétung, forças do exército leais à linha revisionista prenderam os principais líderes maoístas em Pequim — entre os quais Chiang Ching e Chang Chun-chiao. Foi um golpe de estado revisionista. Durante vários anos de transição, o capitalismo foi sendo imposto cada vez mais abertamente às massas chinesas. O aqui-revisionista Deng Xiaoping emergiu como líder nacional da nova classe dominante capitalista de estado.

A derrota histórica foi profundamente sentida no Tibete. Ainda não se conhecem muitos detalhes sobre a contra-revolução no Tibete. Porém, sabe-se o seguinte: os seguidores da via capitalista, que ainda detinham muitos postos chave no Tibete, impuseram todo o programa deles.

Hoje em dia, as massas camponesas tibetanas são reprimidas e exploradas pelas novas classes ricas intimamente aliadas aos responsáveis estatais. Os revisionistas estão a levar a cabo uma política chauvinista *han* de inundar de imigrantes *han* o Tibete central, sobretudo as suas cidades. As tropas e a polícia do governo têm disparado sobre manifestantes. Os recursos do Tibete estão a ser irracionalmente explorados — ao serviço do deus do lucro capitalista. (Ver, por exemplo, “[A devastação revisionista](#)”, em anexo.)

Essas políticas não têm nada a ver com o maoísmo. Têm tudo a ver com a restauração do capitalismo na China — que tem todo o apoio dos imperialistas norte-americanos.

A purga de revolucionários maoístas no Tibete

Quando “o céu mudou” na China revolucionária, os novos governantes revisionistas concentraram-se em consolidar o poder deles. Eles tinham duas necessidades imediatas no Tibete: a primeira, afastar e dividir as vastas forças revolucionárias treinadas e organizadas pela linha de Mao. A segunda era dar rédea solta, sob a liderança deles, a todas as forças contra-revolucionárias disponíveis.

Houve uma purga generalizada de revolucionários maoístas do partido e do governo. É provável que muitos tenham sido encarcerados ou mortos. O historiador A. Tom Grunfeld documentou que o número de comunistas tibetanos aumentou dramaticamente durante a Grande Revolução Cultural Proletária (GRCP) e diminuiu drasticamente depois de 1976: só em 1973, durante a GRCP, a imprensa chinesa noticiou o recrutamento de 11 mil novos militantes tibetanos para o Partido Comunista da China (PCC) e a Liga da Juventude Comunista. No ano a seguir ao golpe de estado, o PCC relatava ter apenas 4000 militantes tibetanos. Uma década depois, o Partido Comunista informava ter

40 mil membros no Tibete — sem descrever quantos eram tibetanos e quantos eram imigrantes *han*. Isto sugere que toda uma geração de jovens revolucionários tibetanos, esmagadoramente das classes pobres, foi afastada do poder. Em 1979, foi consolidada uma nova liderança do partido — que incluía muitas figuras revisionistas que tinham sido desacreditadas durante os períodos revolucionários.

Os revisionistas estenderam a mão às forças *tibetanas* que pudessem ajudá-los a derrotar os revolucionários — incluindo os restos das classes feudal-lamaístas mais reaccionárias. A partir de 1977, os revisionistas emitiram extensos pronunciamentos que restauravam “direitos” aos costumes e forças feudais — dizendo que a condenação feita pela revolução e a expropriação de todo o tipo de opressores e inimigos de classe tinham sido “injustas”. Prometeram criar uma grande prosperidade redistribuindo a propriedade colectiva.

Em Abril de 1977, pouco depois do golpe de estado, Ngawang Jigme Ngabo declarou que o novo governo revisionista “daria as boas-vindas ao regresso do dalai-lama e dos seguidores dele que tinham fugido para a Índia”. Ngabo é um

A devastação revisionista

Durante as duas últimas décadas, o Tibete viu uma acelerada deterioração do seu meio ambiente. O actual governo procura agressivamente extrair recursos naturais de uma forma tão barata quanto possível.

O Tibete é rico em dezenas de recursos minerais chave — entre os quais cobre, crómio, ouro, bórax e urânio. Há relatos de que o governo está a usar as zonas áridas do Tibete para armazenar resíduos radioactivos — e mesmo a “alugar” o Tibete para os resíduos nucleares de países ocidentais.

Porém, a mais extrema destruição ambiental está a ocorrer nas zonas arborizadas das encostas orientais do planalto tibetano — que contém a segunda maior floresta de “biomassa” da China. Essa zona não fica propriamente na Região Autónoma do Tibete — mas na vizinha província do Sichuan que tem uma significativa população tibetana.

Há muito tempo que o abate de árvores é levado a cabo nessas florestas orientais e aumentou quando a China se industrializou depois da revolução de 1949 — porém, o abate dessas florestas deu um salto qualitativo depois do golpe de estado revisionista (antimaoista) de 1976.

No *Bulletin of Concerned Asian Scholars* (Julho-Setembro de 1993), Antonia Shouse escreveu: “Os descontrolados e descoordenados interesses agrícolas e industriais aceleraram rapidamente este declínio nos últimos dez anos”. Montanhas inteiras estão a ser sistematicamente desbastadas — deixando para trás encostas montanhosas despojadas até à rocha. O aumento do lodo nos rios da China tem contribuído para as grandes inundações que têm ocorrido desde 1981. Este desbaste de madeira maciça para venda é típico da forma como o capitalismo pilha as regiões arborizadas dos países oprimidos — como a Amazónia, as Filipinas, a Indonésia, a Nova Guiné e África — e é uma prova da restauração do capitalismo na China em meados dos anos 70. Sem dúvida que, antes de 1976, as transformações revolucionárias levadas a cabo sob a liderança de Mao também afectaram o meio ambiente do Tibete. A construção de estradas, a elevação do padrão de vida do povo tibetano, o desmontar dos tabus budistas contra a caça, o desenvolvimento de um novo sistema de distribuição de água, de indústrias ligeiras e de irrigação, a abertura de novos prados para produção alimentar, o uso de novos cereais e culturas — tudo isto mudou certamente a relação entre os seres humanos e o meio que os cerca. Embora algumas experiências não tenham resultado e tenham sido cometidos alguns erros, essas medidas essencialmente progressistas serviram o povo.

Algo profundamente diferente se desenvolveu depois da restauração do capitalismo em 1976. Os novos governantes revisionistas da China inverteram a política maoista-socialista de edificar uma indústria ligeira auto-suficiente no interior da China, incluindo no Tibete. Agora, dizem eles, a indústria deve ser edificada segundo critérios “racionalis” — ou seja, as leis do lucro. No Tibete, muitas indústrias ligeiras de menores dimensões, que tinham servido o povo e criado uma nova classe operária tibetana, foram encerradas. O único foco dos revisionistas têm sido as indústrias extractivas — de minérios e de madeira — que foram reforçadas em pessoal com operários e técnicos esmagadoramente da maioria étnica da China, os *han* (em vez de tibetanos).

Isto é um “desenvolvimento estratégico para regiões atrasadas e ricas em recursos” capitalista clássico. E está a ter os resultados capitalistas clássicos: está a enriquecer a classe capitalista da China, a colocar o país no seu conjunto nas garras dos mercados e das multinacionais imperialistas mundiais, a distorcer a vida económica do Tibete de uma forma que afecta o modo de vida das pessoas — e que está a deixar no seu rasto um meio ambiente devastado.

O especialista em assuntos da China, Orville Schell, descreveu recentemente que há agora uma “crescente economia de ‘deixar andar’ a nível local. (...) Eles não se podem preocupar com o meio ambiente devido à pressão para aumentarem a produção”. Estes crimes ecológicos estão ao mesmo nível de crimes semelhantes que os revisionistas levam a cabo *em todo o resto da China*. Orville Schell mostra que a destruição ambiental no Tibete não é *pior* que a destruição no resto da China — está apenas a começar a ser *tão má* como noutros lugares.

Schell contrasta estes desenvolvimentos com a abordagem revolucionária no tempo de Mao, dizendo: “Esperava-se que cada pessoa lutasse com todo o seu coração para servir o povo, não a si própria. (...) Os benefícios ambientais deste tipo de anticonsumismo são óbvios. (...) Porém, a situação mudou radicalmente hoje com as reformas de Deng.”

feudal-aristocrata tibetano que fugiu do Tibete durante a Revolução Cultural e que mais tarde regressou para desempenhar um destacado papel. A este apelo público seguiram-se negociações secretas em que Deng Xiaoping contactou o irmão mais velho do dalai-lama, Gyalo Thondup, para discutir um possível regresso de significativos sectores da antiga classe dominante feudal, incluindo o próprio dalai-lama.

A 25 de Fevereiro de 1978, o panchen-lama, um dos maiores exploradores do velho Tibete e um “Buda reencarnado”, foi libertado da prisão e recebeu uma importante posição governamental. Trinta e quatro proeminentes tibetanos, que tinham participado na revolta apoiada pela CIA em 1959, foram libertados da prisão. A partir de 1977, responsáveis norte-americanos começaram a fazer viagens regulares à região.

A reabilitação de novos e velhos exploradores preparou o terreno para uma extensa contra-revolução em todos os aspectos da vida tibetana.

As supostas reformas nos campos do Tibete

Há inúmeras aldeias e acampamentos nómadas dispersos, longe uns dos outros, no vasto planalto rural do Tibete. As lutas e transformações que aí ocorreram têm sido grandemente ignoradas pelos exilados lamaístas e pela comunicação social ocidental — porém, é *aí* que se situa o coração do Tibete e onde vive a maioria dos seus habitantes. Assim que os revisionistas consolidaram o seu poder de estado a nível nacional, rapidamente se viraram para a reversão da revolução nos campos do Tibete.

Os novos governantes revisionistas foram abolindo a agricultura socialista em várias fases. Primeiro, em 1980, aboliram as Comunas Populares e toda a direcção centralizada das Brigadas de Produção locais, de menor dimensão (envolvendo 20 a 30 famílias). Pouco depois, aboliram completamente as Brigadas de Produção.

Os reaccionários habitualmente retratam isso como “dar aos camponeses mais poder sobre as vidas deles”. Mas, de uma forma muito profunda, isso dividiu a organização camponesa em unidades familiares isoladas. Deixou as massas de novo impotentes — face às forças capitalistas de mercado e na luta contra os seus revigorados inimigos de classe. A solidariedade foi declarada uma coisa do passado — as famílias podiam ficar ricas de novo, explorando os seus vizinhos mais pobres.

As forças reaccionárias afirmam que a abolição das unidades colectivas nos campos foi uniformemente popular entre os camponeses do Tibete. Estas alegações são contraditas pela informação disponível.

Por exemplo, é revelador que os revisionistas tenham abolido os *impostos* nos campos do Tibete durante dez anos, em simultâneo com a instituição das suas “reformas” contra-revolucionárias. Eles esperavam que o suborno da “eliminação dos impostos” neutralizasse os sectores menos conscientes da população camponesa.

Alguns camponeses provavelmente deram as boas-vindas à divisão da propriedade colectiva — aceitando o poder imediato que isso dava aos homens dentro de cada grupo familiar e a promessa de que os inimigos de classe poderiam recuperar as suas antigas riquezas e privilégios. Ao mesmo tempo, a Grande Revolução Cultural Proletária tinha semeado os campos de servos activistas com consciência de classe e houve sem dúvida resistência à restauração.

Observações feitas a partir das tendas de iaque de Pala

Dois proeminentes especialistas no Tibete, os professores Melvyn C. Goldstein e Cynthia M. Beall, forneceram valiosas observações em primeira mão sobre o actual modo de vida dos povos nómadas do Tibete no livro deles de 1990, *Nómadas do Tibete Ocidental*. Entre 1986 e 1988, Goldstein e Beall passaram 16 meses a viver em Pala, um campo de tendas extremamente remoto, com 300 tibetanos pastores de iaques. Esse estudo não descreve as comunidades *agrícolas* do Tibete, onde a revolução maoista semeou as suas raízes mais profundas e esses autores são profundamente simpatizantes do antigo feudalismo tibetano. Apesar disso, ele é útil quando Beall e Goldstein, apesar da sua hostilidade à revolução, documentam o regresso da opressão aos remotos campos do Tibete e os sinais de continuação da luta de classes.

Goldstein e Beall relatam que, mesmo na distante Pala, os nómadas tinham uma história de participação na luta de classes do Tibete. Em 1959, os pastores levaram a cabo uma luta armada contra Bo Argon, um apoiante local do dalai-lama, porque os nómadas não se quiseram juntar à insurreição contra-revolucionária organizada a partir de Lhasa. Goldstein e Beall também documentam como a *esmagadora maioria* dos nómadas de Pala, desejosos de lutarem contra as autoridades locais, se juntaram ao *Gyenlo*, um dos dois principais grupos de Guardas Vermelhos do Tibete durante a Grande Revolução Cultural Proletária. A revolução cultural desencadeou lutas complexas, mesmo entre os pastores dessa região mais distante.

Goldstein e Beall documentam depois como o golpe de estado de 1976 representou uma importante “mudança do céu” para o Tibete: “O fim da Revolução Cultural na China em 1976 e a destruição do ‘Bando dos Quatro’ trouxe para o Partido Comunista Chinês um novo grupo de líderes, cujas ideias mudaram o destino dos nómadas de Pala. Defendendo uma filosofia económica e cultural completamente diferente da de Mao e do Bando dos Quatro, viam a ‘Revolução Cultural’ como uma catástrofe para a China, eliminaram as Comunas e implementaram um sistema económico rural mais orientado para o mercado, chamado sistema de ‘responsabilidade’. A responsabilidade pela produção passou da Comuna para a família.”

O golpe de estado instalou um governo revisionista nessa região de Lagyab Lhojang (o nome tem origem na antiga propriedade feudal que antes aí era dona de todas as pessoas e animais). “O impacto total destas mudanças chegou a Pala em 1981. (...) De um dia para o outro, todos os animais da Comuna foram divididos igualmente entre os membros dela. Todos os nómadas — crianças de uma semana, adolescentes, adultos, velhos — receberam o mesmo quinhão de 37 animais: 5 iaques, 25 ovelhas e 7 cabras. Cada casa recuperou a responsabilidade total sobre o seu gado e geria-o de acordo os seus próprios planos e decisões. Na mesma altura, os pastos foram atribuídos a pequenos grupos de três a seis famílias que moravam nos mesmos acampamentos.”

Regressam a riqueza, a pobreza, o trabalho assalariado e a desnutrição

Porém, a divisão da riqueza foi apenas um primeiro passo para a *restauração* de um sistema de ricos e pobres nos campos do Tibete. Goldstein e Beall dão exemplos da situação nas pradarias: “Outra impressionante consequência da política de reformas na China pós-1981 é a rapidez e a extensão com que a diferenciação económica e social tem reemergido em Pala. Embora na antiga sociedade todos os nómadas de Pala fossem súbditos do panchen-lama, havia tremendas diferenças de classe entre os súbditos. As famílias ricas tinham enormes rebanhos e viviam num luxo relativo ao lado de um estrato significativo de trabalhadores sem rebanhos, nómadas pobres, servos e mendigos. A implementação da Comuna em 1970 removeu essas disparidades porque nesse momento acabou toda a propriedade privada dos meios de produção. (...) A dissolução da Comuna em 1981 manteve uma relativa igualdade porque todos os nómadas de Pala receberam um número igual de cabeças de gado. Porém, nos sete anos seguintes, alguns rebanhos aumentaram enquanto outros diminuíram dramaticamente. Havia de novo tanto nómadas muito ricos como muito pobres. Na realidade, uma das famílias não tem mesmo gado nenhum.”

“Embora em 1981 nenhuma família tivesse menos de 37 animais por pessoa, em 1988, 38% tinham menos de 30. No outro extremo da escala, a percentagem de famílias de Pala com mais de 50 animais por pessoa aumentou de 12% em 1981 para 25% em 1988. Dez por cento das famílias tinham mais de 90 animais por pessoa, em comparação com nenhuma em 1981. Em resultado deste processo de diferenciação económica, os 16% mais ricos da população em 1988 possuíam 33% dos animais enquanto os 33% mais pobres da população apenas possuíam 17% dos animais. O sistema dos últimos sete anos, de ‘responsabilidade’ baseada na família, resultou numa crescente concentração de animais nas mãos de uma minoria de famílias recém-enriquecidas e no reaparecimento de um estrato de famílias pobres sem nenhum ou poucos animais. Estes novos pobres subsistem trabalhando para os nómadas ricos, alguns dos quais agora, tal como na antiga sociedade, empregam regularmente pastores, ordenhadores e servos durante longos períodos de tempo.”

No período socialista maoista, o excedente social dos campos do Tibete era usado para servir as massas e apoiar a revolução: no financiamento de obras públicas, escolas e instituições culturais e nas forças armadas revolucionárias. Como explica Bob Avakian no livro dele *Phony Communism Is Dead, Long Live Real Communism! [O Falso Comunismo Morreu, Viva o Verdadeiro Comunismo!]*, isso reflectia a linha e a prática dos revolucionários na China — que visavam criar uma “abundância comum” que fosse cada vez mais partilhada pelas massas populares no seu conjunto.

Porém, esse excedente é agora consumido pelos altos funcionários e por um punhado de novos exploradores ricos e cria uma explosão de compras de luxo, enquanto as massas sofrem novamente de desnutrição.

Goldstein e Beall documentam que os “novos-ricos” são, de facto, os mesmos “inimigos” de classe que tinham explorado os seus vizinhos na velha sociedade. Isto não acontece por acaso. As “reformas” revisionistas foram projectadas para restaurar o sistema da classe exploradora nos campos e para possibilitar que os velhos inimigos de classe apoiassem o novo governo. Grandes somas em dinheiro foram atribuídas pelo novo governo revisionista aos velhos inimigos de classe — ajudando-os a restaurar os seus antigos privilégios. Goldstein e Beall documentam que um dos antigos exploradores de Pala recebeu milhares de *yuans* [a moeda chinesa], “uma pequena fortuna no Tibete onde, em comparação, o salário anual de um assistente universitário em Lhasa é de cerca de 2500 a 3000 *yuans*”.

Esta contra-revolução não é uma restauração da *velha* ordem feudal. Os antigos aristocratas e mosteiros não foram restabelecidos no topo desta nova estrutura de classe. A propriedade está cada vez mais concentrada num estrato de proprietários ricos, enquanto os lucros são frequentemente recolhidos por capitalistas de estado que operam como

capitalistas mercantilistas dentro das autoridades locais e distritais. Toda a produção do Tibete está a ser moldada para servir as necessidades da classe burocrático-capitalista mais vasta que agora governa toda a China.

Os resultados desta restauração podem ser vistos nas cidades. Os peregrinos ricos regressaram a Lhasa e os mendigos famintos também reapareceram. A jornalista Ludmilla Tüting relatou ter visto camponeses tibetanos que viajavam até Lhasa para venderem os filhos deles — algo comum durante o antigo domínio lamaísta, mas que tinha desaparecido após a revolução maoísta. Tüting acrescenta que enquanto os pobres andam famintos, estão agora a ser exportadas todos os anos 55 mil toneladas de carne de iaque do Tibete para Hong Kong.

Com a ditadura da burguesia regressaram os costumes repressivos

Goldstein e Beall contam uma história que ilustra algumas das questões da actual luta de classes.

Um nómada da “classe pobre” que tinha sido um activista durante a Grande Revolução Cultural Proletária vendeu uma ovelha no final dos anos 80 sem a ter ordenhado completamente. Isso violava uma velha superstição feudal que dizia que vender uma ovelha com os úberes cheios trazia uma maldição sobre os rebanhos de todo o acampamento. Um nómada que na velha sociedade era um inimigo da classe rica atacou o nómada revolucionário — exigindo que fossem acatadas as velhas superstições. O revolucionário disse que se devia rejeitar os tabus não científicos — tal como o tinham sido no tempo de Mao. Disse que esse inimigo de classe estava a tentar exercer uma ditadura reaccionária sobre os nómadas pobres e as ideias revolucionárias. Houve uma desavença.

Mais tarde, os responsáveis do novo governo local determinaram que era errado defender os padrões revolucionários do passado. Multaram os dois homens por terem lutado, mas apoiaram o direito dos antigos inimigos de classe a defenderem os tabus reaccionários.

Embora os próprios Goldstein e Beall apoiem a restauração, eles documentam estes indícios de oposição. Eles relatam um ódio generalizado aos responsáveis locais. E, ao regressarem, trouxeram mesmo uma fotografia de um acampamento nómada que se recusa a retirar a sua imagem de Mao Tsétung!

Sem dúvida que as histórias de Pala se repetem em inúmeras comunidades espalhadas pelos campos do Tibete — bem como pelo resto da China — porque centenas de milhões de pessoas foram obrigadas pela contra-revolução a regressar a uma teia de opressão.

Restabelecendo os rituais

Em meados de 1977, o presidente do partido revisionista Hua Guofeng apelou à recuperação dos costumes feudais do Tibete. Os rituais feudais foram restabelecidos pouco depois em dois grandes santuários de Lhasa, Lingkhör e Barkhor. Em finais dos anos 80, o governo chinês disse haver mais de 200 mosteiros em funcionamento — com talvez 45 mil monges. No final dos anos 80, Li Peng (o carneiro que ordenou o massacre da Praça Tiananmen) estava a orquestrar a primeira “busca de um Buda reencarnado” patrocinada oficialmente.

Em 1979, os revisionistas anunciaram o Artigo 147 do seu novo sistema legal — tornando crime desafiar as práticas religiosas reaccionárias do Tibete. Goldstein e Beall dizem que em Pala, “em 1988, o grosso do sistema cultural tradicional estava novamente operacional, quanto ao essencial” — incluindo os severos tabus tradicionais sobre as mulheres. Os pais ricos estão a recusar-se a permitir que os seus filhos casem com mulheres dos estratos “impuros”.

A abertura revisionista aos lamas budistas e aos aristocratas do Tibete era um pedido de aliança *política* no Tibete — para levarem a cabo a sua contra-revolução. Os revisionistas capitalistas de estado e as velhas forças feudais têm programas de classe diferentes sobre o que restaurar em vez do socialismo. Mas os revisionistas quiseram unir *todas* as forças contra-revolucionárias sob a liderança deles — sobretudo durante os difíceis primeiros anos da restauração.

Os revisionistas criaram no Tibete um clero controlado pelo governo — para apoiarem a expansão das crenças religiosas conservadoras e criarem uma atracção turística para os ocidentais. Os mosteiros são usados para restabelecer as tradicionais crenças fatalistas do carma, as quais se opõem à luta — ao mesmo tempo que são firmemente vigiados pela polícia e pelos funcionários governamentais para os impedirem de emergir como centros dos movimentos separatistas reprimidos. Em alguns mosteiros tibetanos, os turistas podem alugar vestes de monge para posarem para as câmaras fotográficas entre os monges que executam rituais pagos.

Claro que os revisionistas alegam que estão a inverter uma “injustiça”: dizem que a luta de classes que os maoístas tinham levado a cabo contra o poder do clero lamaísta tinha sido uma injusta supressão da “cultura tibetana”. Essa autojustificação revisionista está cheia de hipocrisia. Enquanto os revisionistas seduzem o clero, também são aqueles cujas políticas e ideias representam o mais intenso e aberto chauvinismo *han* (os preconceitos antitibetanos). Quase todos os actuais visitantes do Tibete relatam que os responsáveis revisionistas *han* escarnecem abertamente as

massas populares tibetanas como “selvagens”, “preguiçosas” e “atrasadas” — em moldes que foram duramente criticados por Mao.

A abordagem revisionista à cultura tibetana reflecte-se na política educativa. Pouco depois do golpe de estado, os revisionistas fecharam as dez universidades tibetanas geridas por fábricas. Pretendiam que o sistema de ensino voltasse “ao normal”. Segundo Grunfeld, as novas políticas introduzidas no final dos anos 70 podem ter causado o encerramento de muitas escolas primárias nos campos. Em 1988, um grupo de tibetanos proeminentes queixou-se de que 40% de todo o orçamento para a educação da Região Autónoma do Tibete estava a ser usado para financiar escolas *nas regiões han orientais* onde alguns estudantes da elite tibetana eram treinados como especialistas *han*-izados.

A nova vaga de imigrantes han

A partir de 1983, os revisionistas lançaram uma política que representou um verdadeiro desafio à sobrevivência da cultura tibetana e aos direitos do povo tibetano. Iniciaram uma vaga de imigração *han* para a Região Autónoma do Tibete. (Ver também “As falsas acusações de ‘genocídio no tempo de Mao’”, em anexo.)

Mesmo os porta-vozes do movimento nacionalista do Tibete reconhecem que, no tempo de Mao, não houve nenhum esforço para o estabelecimento de *hans* na Região Autónoma do Tibete. Na colecção de textos *A Angústia do Tibete*, Jamyang Norbu escreveu: “Mas com a morte de Mao e a queda do ‘Bando dos Quatro’, os novos dirigentes da China parecem ter elaborado gradualmente não só um esquema para inundar o Tibete de imigrantes chineses mas mesmo para tornar isso lucrativo”. O escritor pró-lamaísta John Avedon escreveu: “A actual política começou em Janeiro de 1983. (...) Em Setembro, a revista *Beijing Review* relatava apelos a uma imigração generalizada para o Tibete; os incentivos garantidos tinham bonificações com incrementos aos 8 e aos 20 anos para todos os imigrantes.” (*Utne Reader*, Março/Abril de 1989.) O dirigente máximo revisionista Deng Xiaoping alegou que o Tibete precisava da imigração *han* porque “a população da região, que era de cerca de dois milhões de pessoas, era inadequada ao desenvolvimento dos seus recursos”. Em algumas cidades do leste da China, grandes cartazes diziam “IMIGRE PARA O TIBETE”.

Essa imigração não afectou os campos do planalto tibetano, mas mudou as características da maioria das cidades tibetanas — fazendo com que os tibetanos urbanos se sintam estrangeiros na própria terra deles. Há agora um hotel Holiday Inn no Tibete — construído pelos revisionistas para acolher turistas ocidentais com um fascínio pelo misticismo tibetano.

O fluxo *han* para as cidades do Tibete e o aparecimento de muitos *han* de um estrato rico de funcionários e empresários gerou um grande ressentimento entre os tibetanos — dando origem à luta e a uma série de justas revoltas desde 1987.

“Se os direitistas organizarem um golpe de estado anticomunista na China, tenho a certeza que também não terão paz nenhuma e que o seu governo provavelmente terá uma vida curta, porque não será tolerado pelos revolucionários que representam os interesses das massas que constituem mais de 90% da população.”
— Mao Tsétung¹⁰

Beall e Goldstein contam uma outra história sobre a resistência revolucionária nos distantes prados do Tibete. Uma noite, um nómada veio à tenda deles. Ele tinha sido um importante activista maoísta durante a Revolução Cultural. E queria que esses visitantes estrangeiros levassem uma mensagem dele — para o centro revolucionário que ele pensava que ainda poderia existir na capital Lhasa.

O revolucionário sussurrou: “Vocês têm que contar em Lhasa o que se passa aqui”. Quando Goldstein lhe perguntou o que ele queria dizer, o homem repetiu-se: “Vocês têm que contar o que se passa aqui”. Depois de muito perguntarem, ele disse-lhes finalmente: “Vocês sabem, os inimigos de classe! Eles estão a erguer-se de novo.”

Esta oposição à restauração capitalista é tão persistente que muitas pessoas em Pala acreditam que a revolução pode emergir de novo entre as massas.

¹⁰ Citado no “Relatório ao X Congresso do Partido Comunista da China”, em *The Tenth National Congress of the Communist Party of China (Documents)* (Pequim, Foreign Languages Press, 1973), disponível em:

- marxists.org/subject/china/documents/cpc/10th_congress_report.htm (em inglês) e
- tribunaroja.moir.org.co/2004/08/29/informe-de-chou-en-lai-al-x-congreso/ (em castelhano).

As falsas acusações de “genocídio no tempo de Mao”

Os nacionalistas tibetanos exilados acusam a revolução maoista de não ter tido como objectivo libertar as massas populares tibetanas, mas que foi um acto do chamado “imperialismo chinês” que visava uma “solução final” para o povo tibetano. Como prova disso, os lamaístas indicam a política do *actual* governo chinês de deslocar imigrantes *han* para zonas anteriormente habitadas por tibetanos. Os *han* são a etnia maioritária na China e tradicionalmente não habitavam as terras altas tibetanas.

Os apoiantes do dalai-lama alegam assim que esta política de imigração antitibetana é *uma extensão* de planos anteriores, delineados pelo líder revolucionário Mao Tsétung. Estas acusações de “genocídio”, feitas contra Mao Tsétung e a Revolução, baseiam-se em mentiras deliberadas que precisam de ser expostas.

Em 1952, Mao Tsétung declarou a uma delegação de visitantes tibetanos que defendia para as terras altas tibetanas uma próspera população de 10 milhões. Os lamaístas insistem em que Mao estava a falar em importar 10 milhões de *han* para o Tibete. Mas isso é uma falsidade — Mao estava a falar no florescimento das populações das *nacionalidades minoritárias* nas suas regiões, incluindo a tibetana. Qualquer análise honesta da política maoista para as nacionalidades minoritárias da China revela que os revolucionários maoistas defenderam a *expansão* das populações minoritárias.

Com Mao, não houve nenhuma imigração em massa dos *han* para as terras altas centrais da Região Autónoma do Tibete — mesmo os propagandistas do dalai-lama admitem este facto. A maioria das fontes está de acordo em que, por altura do golpe de estado antimaoista, a população *han* no Tibete central era de cerca de 13% — na sua maioria quadros revolucionários, especialistas técnicos e soldados, e a maior parte apenas temporariamente estacionados no Tibete.

Nada nas políticas de Mao foi um “genocídio cultural” — de facto, Mao levou a cabo constantes lutas dentro do Partido Comunista da China contra o “chauvinismo *han*” e os maoistas lutaram pela criação de uma nova cultura socialista *tibetana* na própria Região Autónoma do Tibete.

Os lamaístas acusam Mao de encabeçar um “genocídio” em certas zonas fronteiriças *fora da Região Autónoma do Tibete*, onde tibetanos, *han* e outros povos vivem lado a lado. Esta acusação baseia-se na reivindicação lamaísta a um território que se estende pelo *triplo* da área da Região Autónoma do Tibete — e que inclui a vizinha província do Qinghai, a maior parte do Sichuan e uma parte do Yunnan. Em tibetano, estas regiões chamam-se Amdo e Kham.

No tempo de Mao, muitas das pradarias dessas regiões fronteiriças do Qinghai e do Sichuan foram transformadas em terras cultivadas produtivas — com novas Comunas socialistas que incluíam camponeses tibetanos e *han*. Os lamaístas consideram esta expansão agrícola um “genocídio cultural” porque agora muitos camponeses *han* cultivam pradarias antes exclusivamente habitadas por tibetanos. Devido às relações próximas e amigáveis entre os vários povos dessas antigas pradarias, houve muitos casamentos mistos. Tal como muitos outros nacionalistas tacanhos, os lamaístas tibetanos consideram esses casamentos mistos um “genocídio cultural”.

Além disso, muitos lamaístas consideram que o aborto é um “homicídio” — e por isso acusam a revolução maoista de “genocídio” por ter tornado disponível o controlo de natalidade e o aborto. No tempo de Mao, algumas vezes os *han* foram encorajados a limitar a dimensão das famílias deles — mas essas campanhas *não* foram levadas a cabo em zonas habitadas por minorias, como o Tibete, onde foram feitos importantes esforços para *aumentar* a população. Mesmo a principal colecção de textos pró-lamaístas publicada pelos Verdes da Alemanha, *A Angústia do Tibete*, reconhece que as políticas de controlo da população foram consistentemente *mais* tolerantes no Tibete que nas zonas de maioria *han*.

Quando nada mais funciona, os lamaístas insistem simplesmente em que “mais de um milhão de tibetanos morreu durante a revolução maoista”. Nunca conseguiram fornecer provas porque as acusações deles são uma mentira.

O método deles é alegar que antes havia 6 milhões de tibetanos — e depois alegar que houve um importante declínio da população. Embora os números do dalai-lama sejam repetidos na imprensa norte-americana com objectivos de propaganda, a investigação de especialistas como o Professor A. Tom Grunfeld sugere que esses números foram forjados pelo dalai-lama sem qualquer prova.

Embora nunca tenha havido um censo fidedigno na história do Tibete, a maioria dos especialistas estima que a população tibetana total quando começou a revolução maoista era de dois a três milhões de pessoas. Embora tenha havido uma aguda luta de classes dentro do Tibete, e por vezes provavelmente deslocamentos para produção de alimentos, a população tibetana dentro da China quase certamente aumentou durante os anos da revolução maoista — devido às melhorias nos medicamentos e na higiene, por muitas dezenas de milhares de monges terem casado e devido aos grandes incrementos na produtividade agrícola.

Em suma, as acusações de “genocídio no tempo de Mao” são simplesmente infundadas. Os feudistas lamaístas que foram quem realmente oprimiu o povo tibetano, foram obrigados a forjar mentiras para difamar os maoistas que lideraram as massas tibetanas a caminho de uma genuína libertação.

5. A vida sob o domínio do dalai-lama no exílio

Em meados dos anos 50 começaram as ocupações revolucionárias de terras em algumas propriedades controladas por lamas ou aristocratas tibetanos. A classe dominante feudal do Tibete reagiu fazendo uma aliança secreta com a Agência Central de Informações (CIA) norte-americana e tentativas de resistência armada em 1957 e 1959. (Ver “O dalai-lama e a CIA”, em anexo) Foram rapidamente derrotados e o dalai-lama fugiu para a Índia.

A maior parte da classe dominante tibetana e das forças conservadoras de outras classes seguiram o dalai-lama para o exílio, sobretudo entre 1959 e 1963. Poucos o fizeram depois de 1965. As estimativas do número desses refugiados tibetanos conservadores variam entre 30 e 100 mil.

Eles foram recebidos na fronteira por agentes da CIA dispostos a os organizarem como força contra a revolução maoísta. Os agentes da CIA criaram um exército anticomunista com base nas forças exiladas do dalai-lama e estabeleceram uma máquina de propaganda para enfeitarem a “história deles” para consumo mundial.

Nos Estados Unidos, foi formado apressadamente em Março de 1959 um “Comité Norte-Americano de Emergência Para os Refugiados Tibetanos” (AECTR). Encabeçado pelo jornalista de direita Lowell Thomas e pelo liberal e anticomunista Juiz do Supremo Tribunal William O. Douglas, essa agência teve uma vida breve — alguns meses gastos a canalizar dinheiro para a Índia para instalar os feudais tibetanos no exílio. O historiador do Tibete A. Tom Grunfeld escreveu: “Embora ainda não tenha sido contada toda a história do Comité, continua a haver muita especulação e consideráveis provas circunstanciais de que uma importante fonte do seu financiamento foi a CIA”.

Muitos refugiados também foram roubados na fronteira indiana por funcionários corruptos. Grunfeld conta que um refugiado se queixou que a corrupção e os subornos na Índia “eram tão comuns como antes o eram no Tibete”.

Uma biografia tibetana relatava que “os filhos e filhas de tibetanos aristocratas e de tibetanos ricos que estudam na universidade ou trabalham à volta de Darjeeling não vieram para ajudar”. Essa indiferença é típica da velha classe dominante do Tibete, preguiçosa e egocêntrica.

Sob o olhar atento do governo indiano e da CIA, os campos de refugiados foram instalados de forma a preservar o que a liderança dos exilados considerava ser mais precioso da velha ordem tibetana. Durante décadas, as forças do dalai-lama viajaram pelo mundo atacando as mudanças feitas no Tibete pela revolução maoísta durante a tempestuosa luta de classes entre 1959 e 1976. Por isso, faz todo o sentido que nós, maoístas, discutamos o que esses campos de tibetanos *na Índia* revelam sobre a natureza de classe do dalai-lama e do quartel-general dele no exílio.

Trabalhos forçados para a máquina de guerra da Índia

O governo indiano estava extremamente descontente por ter um poderoso exército revolucionário na sua fronteira norte — sobretudo após 1959, quando o furacão da revolução camponesa da terra varreu o Tibete. A Índia é ela própria um vasto país semifeudal — repleto de camponeses explorados que observavam com atenção as lições e os métodos da revolução maoísta.

Na altura em que os refugiados tibetanos chegaram à Índia, o exército indiano estava a preparar-se febrilmente para uma guerra com a “China Vermelha” de Mao. O dalai-lama e o governo *Kashag* dele chegaram a um acordo com o governo indiano de Nehru: em troca de terras e materiais para se estabelecerem, o dalai-lama ofereceu milhares de refugiados tibetanos para trabalhos forçados, que foram enviados para campos de alta montanha para trabalharem na construção de estradas militares para o exército indiano poder atacar a revolução maoísta na China.

Em 95 campos de trabalho, 18 a 21 mil refugiados tibetanos foram forçados a trabalhar em condições horríveis. Recebiam 30 cêntimos por dia, o que não era suficiente para a alimentação deles. Muitos passaram fome ou pura e simplesmente trabalharam até à morte. Muitos deles morreram de doença e em explosões de dinamite e deslizamentos de terras. Grunfeld relata que os próprios responsáveis tibetanos refugiados admitiram em 1964 que esses trabalhadores estavam pior do que estariam se tivessem permanecido no Tibete.

Quando os refugiados foram enviados para os campos de trabalho, retiraram-lhes violentamente muitas dos filhos deles. Grunfeld diz que “cinco mil crianças foram retiradas aos pais para irem viver em campos de refugiados permanentes. Três mil outras foram autorizadas a ficar com os pais nos campos de trabalhos forçados (...) e havia relatos frequentes de crianças com menos de quinze anos a fazer trabalhos perigosos.”

Devemos salientar aqui uma certa hipocrisia lamaísta: durante décadas, o dalai-lama atacou os *revolucionários maoístas* por construírem estradas no Tibete — e acusou os revolucionários de usarem “trabalhos forçados”. A máquina de propaganda lamaísta dele atacou a revolução por esta obrigar o clero lamaísta a fazer trabalho manual

(como cultivarem os seus próprios alimentos) e por supostamente debilitar a família tradicional tibetana. Ao mesmo tempo, as forças exiladas do dalai-lama na prática entregavam os refugiados tibetanos nos campos de trabalhos forçados ao serviço do governo indiano e retiravam-lhes os filhos.

Na sua autobiografia de 1990, o dalai-lama descreve especificamente como ele combinou pessoalmente os detalhes dos campos de trabalho nas reuniões com Nehru, salientando que quem estava nos campos de trabalhos forçados eram ex-freiras e monges. O dalai-lama acrescenta que, nessa altura, ele tentou ver os aspectos positivos dessas provações, dizendo: “A dor é o padrão para se medir o prazer”. O trabalho forçado *ulag* era um costume social chave no feudalismo tradicional tibetano em que os senhores feudais podiam exigir trabalhos forçados aos “seus” servos e escravos.

Em 1990, o dalai-lama admitiu que alguns exilados tibetanos continuavam a trabalhar nesses campos de trabalhos forçados. Mas ele escreveu que isso não era deplorável porque os tibetanos pobres *de hoje* estão nos campos de trabalhos forçados “por sua livre vontade” — como trabalhadores assalariados.

A regra de ouro

A classe dominante tibetana exilada deixou o Tibete porque a iminente revolução agrária ameaçava as fundações da sua classe e do seu poder — a propriedade feudal da terra. As distinções e os privilégios de classe eram chave na “cultura tradicional” que os lamaístas pretendiam preservar.

O velho governo e classe dominante tibetanos emergiram como senhores dos refugiados. O governo *Kashag* do dalai-lama representava os mais poderosos interesses clericais e aristocráticos. A família dele, sobretudo os poderosos irmãos dele, emergiu com as mãos em importantes fundos, sobretudo dinheiro da CIA. O próprio dalai-lama agiu como supremo senhor feudal, com as mãos firmemente colocadas em muitas carteiras.

As ligações hereditárias entre servos e senhores não adquiriram exactamente as mesmas formas no caos do exílio, mas foram criadas novas estruturas de classe opressoras. Quanto ao essencial, elas baseavam-se na “regra de ouro” do capitalismo moderno: *Quem tem o ouro dita as regras*.

Ao longo dos anos, o dalai-lama tem mantido o seu poder sobre um movimento intensamente conflituoso e dividido, mantendo o seu controlo apertado sobre o dinheiro. Desde o início que ele controlou milhões de dólares — de um tesouro em ouro e prata extraído às massas populares tibetanas. O dalai-lama diz que valia 8 milhões de dólares.

Grunfeld escreveu: “Uma das principais fontes de poder político do dalai-lama é a capacidade dele de controlar os fundos humanitários, as bolsas de estudo e a contratação de professores e burocratas tibetanos”.

Cada campo era administrado por um “Dirigente do Campo” nomeado pelo dalai-lama. Um estudo académico desses campos de exilados relatou que o Dirigente do Campo “é considerado o rei do campo. Ele pode, na prática, mandar nas pessoas dentro do campo.”

A corrupção nos campos de exilados tibetanos é bem conhecida. No mercado de MacLeod Ganj, a menos de três quilómetros da residência do dalai-lama, têm sido encontrados à venda bens de ajuda humanitária, sobretudo medicamentos.

Grunfeld relata que “as operações humanitárias têm-se misturado com a rivalidade organizativa e as intrigas de ‘membros pouco reputados da clique dominante tibetana’.” A falecida irmã do dalai-lama, Tsering Dolma, era um conhecido exemplo de “membro pouco reputado” — ela era amplamente odiada pela forma arrogante e corrupta como geria um império pessoal de “internatos” infantis com mais de 3000 crianças.

Grunfeld escreve: “Enquanto as crianças ao seu cuidado passavam frequentemente fome (uma trabalhadora relatou um incidente em que ela foi atacada por crianças famintas quando levava um prato de restos do pequeno almoço), ela era conhecida pelos seus almoços formais de doze pratos. Ao mesmo tempo, com temperaturas extremamente baixas, as crianças eram vestidas com ‘túnicas finas de algodão, rotas e sem mangas — embora, quando os VIP visitavam o Infantário Superior, todas as crianças fossem vestidas com roupa quente de lã, meias grossas e botas espessas’.”

Fatais distinções de classe

Oitenta por cento dos refugiados tibetanos instalaram-se na Índia — a maioria dos restantes instalou-se no Butão, no Nepal e no Sikkim. O governo indiano não quis ter todos os tibetanos concentrados numa zona — pelo que os instalou em 20 campos muito espalhados por toda a Índia.

O dalai-lama e a CIA

Pouco depois da vitória em 1949 das forças maoistas contra o ditador Chiang Kai-shek apoiado pelos EUA, a revolução chegou ao Tibete. A classe dominante do Tibete — uma classe feudal de aristocratas e monges — alternou freneticamente entre a passividade e a resistência.

A partir de 1957, alguns sectores dessa classe participaram numa série de actos armados anticomunistas — tentando impedir as profundas transformações revolucionárias no Tibete. Os propagandistas lamaístas, incluindo o próprio dalai-lama, retratam esses actos como uma resistência nobre e interna contra o domínio estrangeiro.

A verdade é esta: **desde o início dela nos anos 50 no Tibete até à insurreição feudalista armada de 1959, passando pelo movimento dos anos 60 de guerrilha armada baseada nos exilados, essa “luta” foi organizada, financiada, treinada, armada, liderada e, por fim, desactivada pela CIA.**

Nos velhos tempos, o dalai-lama era uma figura de proa de uma ordem feudal opressora. No exílio, tornou-se na figura de proa de um movimento armado anticomunista tibetano apoiado pela CIA e encabeçado pelo irmão dele, Gyalo Thondup — semelhante aos muitos exércitos *contras* (contra-revolucionários) que a CIA criou para levar a cabo guerras encobertas.

* * * * *

“Muitas das armas vieram de fora. A base dos rebeldes a sul do rio Tsangpo recebeu várias vezes fornecimentos entregues por via aérea, vindos dos bandos de Chiang Kai-shek e foram instaladas estações de rádio por agentes enviados pelos imperialistas e pelos bandos de Chiang Kai-shek para as manobras deles.”

Agência noticiosa revolucionária *Xinhua*, Março de 1959.

“Ninguém, seja nos países envolvidos ou nos não envolvidos, pode acreditar na alegação comunista de que (...) a rebelião foi apoiada pelos ‘imperialistas, pelos bandos de Chiang Kai-shek e por reaccionários estrangeiros’.”

The Economist, 1959.

“Não há nada que tenha vindo do exterior.”

Thubten Norbu, irmão do dalai-lama, entrevistado pelo jornal *U.S. News and World Report*, 1959.

No início dos anos 50, os EUA invadiram a Coreia e ameaçaram invadir a própria China revolucionária. Ao mesmo tempo, a Agência Central de Informações (CIA) norte-americana trabalhava dia e noite para juntar as forças reaccionárias às suas redes de espões e para desenvolver equipas clandestinas que pudessem levar a cabo uma guerra secreta contra o novo poder popular na China.

Em Abril de 1949, o Secretário de Estado dos EUA, Dean Acheson, enviou um telegrama ao seu Embaixador em Nova Deli dizendo que os governantes norte-americanos gostariam de ver “discretamente reforçada a capacidade militar tibetana [de] resistência”. O historiador do Tibete A. Tom Grunfeld escreveu: “No verão de 1950 foram dadas instruções ao Gabinete de Coordenação Política, o ramo burocrático oficialmente encarregue das operações encobertas, para ‘iniciar uma guerra psicológica e operações paramilitares contra o regime comunista chinês’.”

As principais forças feudais à volta do dalai-lama ofereceram-se como sequiosos agentes — inicialmente das forças reaccionárias do Kuomintang (KMT) liderado por Chiang Kai-shek em Taiwan e depois directamente dos EUA. Os dois irmãos mais velhos do dalai-lama, Gyalo Thondup e o “lama reencarnado” Thubten Jigme Norbu, emergiram como importantes agentes tibetanos da CIA.

Grunfeld escreveu: “George Patterson (...) esteve intimamente envolvido nessas negociações como tradutor e intermediário. Ele relatou que, em 1953, Thubten Norbu contactou a CIA e que lhe disseram para levar o seu caso ao KMT (de quem já recebia apoio encoberto). Patterson também recordou um encontro dois anos depois entre Ragpa Pangdatsang e representantes dos governos da Índia e dos EUA. Nessa altura, os Estados Unidos terão supostamente sugerido um plano de revolta em dez anos, cujo objectivo seria um eventual fim do controlo da China sobre o Tibete. (...) John F. Avedon, cujo recente livro pode ser considerado a versão ‘oficial’ da perspectiva histórica do dalai-lama, contesta que Gyalo Thondup tenha feito um acordo com a CIA logo em 1951. Foi inicialmente um arranjo para recolha de informações que se transformou numa guerra de guerrilha em 1956. Num curto espaço de tempo, os Estados Unidos tinham eclipsado o KMT como principal fonte de ajuda militar aos rebeldes.” Grunfeld acrescenta que quando iniciou esses arranjos com os imperialistas norte-americanos, Thubten Norbu levava com ele “uma carta que o autorizava a negociar em nome do dalai-lama”. Em 1958, a CIA começou a usar bases aéreas em Bangucoque, na Tailândia, para lançar por via aérea armas e munições nas regiões de etnia tibetana do Kham.

Grunfeld escreveu: “Foi Gyalo Thondup que organizou as primeiras missões de treino da CIA, escolhendo seis tibetanos para esse fim”. Pouco depois, foi instalado um campo secreto da CIA para treinar agentes tibetanos em Camp Hale, no alto das montanhas Colorado Rockies, nos EUA.

Conspirações tibetanas — *Made in USA*

As manobras da CIA encorajaram uma insurreição armada em Março de 1959, quando as forças feudais tentaram expulsar o exército revolucionário do Tibete. Diz Grunfeld: “Apesar dos gritos de inocência por parte do dalai-lama, responsáveis em Washington planearam os acontecimentos meses antes daquele fatídico Março de 1959.”

Em Março de 1959, as forças feudais tibetanas foram rapidamente derrotadas. O dalai-lama foi forçado a exilar-se na Índia numa operação encoberta da CIA. Grunfeld documentou que os agentes treinados pela CIA que estavam na caravana do dalai-lama colocaram na neve alvos especiais para entregas aéreas, para poderem guiar um avião militar C130 dos EUA que tinha sido especialmente modificado para voar nos rarefeitos céus tibetanos. A meio caminho da Índia, um operador de rádio juntou-se ao grupo do dalai-lama para que toda a operação pudesse ser monitorada directamente pela estação da CIA em Dacca, no Paquistão Oriental (actual Bangladexe).

A CIA estabeleceu imediatamente uma força *contra* entre os tibetanos exilados. Foram instalados dez campos no minúsculo principado de Mustang, na fronteira Nepal-China. A CIA obteve mais três C130 modificados para entregas aéreas de alta altitude. Diz Grunfeld: “Este importante esforço de recrutamento reuniu no campo 14 mil tibetanos e mais alguns membros dos povos tribais, ‘inteiramente dependentes dos transportes de longa distância e da infiltração [e] armados, equipados e alimentados pela Agência [CIA]’.”

Em 1961, o dalai-lama disse: “as únicas armas que os rebeldes [lamaístas] possuem são as que conseguiram capturar aos chineses”. Alguns relatos dizem que o dalai-lama escolheu pessoalmente o chefe do campo de Mustang.

As ameaças de guerra por parte da Índia

Nessa altura, o governo indiano estava a preparar uma guerra fronteiriça com a China revolucionária e aumentou o seu envolvimento directo no exército contra-revolucionário tibetano. Numa base secreta no estado indiano do Orissa, agentes norte-americanos, funcionários indianos e *contras* tibetanos reuniam-se semanalmente para coordenarem as suas actividades. A primeira incursão contra-revolucionária tibetana na China ocorreu no final de 1961, pouco antes de rebentar a guerra entre a Índia e a China. Grunfeld documenta um estudo da CIA desse período com informações detalhadas sobre como as condições meteorológicas únicas do Tibete poderiam afectar o uso de antenas, substâncias químicas e guerra biológica.

Ao mesmo tempo, o alto clero tibetano alugava dezenas de milhares de refugiados tibetanos ao governo indiano na construção de estradas militares no norte da Índia para a iminente guerra contra a revolução chinesa (ver a 5ª Parte com uma descrição desses campos de trabalhos forçados). Quando, em 1962, estalou a guerra entre a Índia e a China revolucionária, as forças da Índia foram rapidamente derrotadas pelo Exército Popular de Libertação.

Enquanto os exilados tibetanos ajudavam a Índia a atacar a China, poderosas forças revolucionárias *dentro* da Índia inspiravam-se na revolução maoista. Os revolucionários internacionalistas indianos tomaram o partido da China. Pouco depois, os comunistas revolucionários liderados por Charu Mazumdar formaram na Índia um novo partido maoista de vanguarda que, em 1967, iniciou uma grande luta armada entre os camponeses de Naxalbari — no mesmo distrito da região de Darjeeling por onde muitos feudais tibetanos entraram na Índia.

Incursões e espionagem a partir das bases contra-revolucionárias tibetanas

As incursões fronteiriças dos contra-revolucionários tibetanos continuaram durante os anos 60. O dinheiro que Gyalo Thondup recebia da CIA para essas operações aumentou. A CIA esperava que esses *contras* tibetanos pudessem manter redes de agentes, levar a cabo actos de sabotagem e, em geral, importunar as forças revolucionárias.

Mas, globalmente, toda essa operação *contra* tibetana foi um fracasso. À medida que a revolução se aprofundava no Tibete, a fronteira foi protegida com cada vez mais sucesso. As milícias revolucionárias das Comunas Populares — compostas por antigos servos tibetanos — juntaram-se ao Exército Popular de Libertação na perseguição e abate desses odiados sabotadores e espões feudais. Ao mesmo tempo, o povo do Nepal exigia cada vez mais que esses campos armados fossem removidos.

Na última incursão conhecida, em 1969, um bando invasor *contra* tibetano foi completamente esmagado pelas forças revolucionárias. No início dos anos 70, a classe dominante dos EUA estava atolada no Vietname e a preparar a abertura de relações com a República Popular da China. Um movimento armado *contra* tibetano corrupto e ineficaz já não servia os planos imperialistas dos EUA. A CIA pura e simplesmente abandonou os *contras* tibetanos.

Este é o padrão de usar-e-deitar-fora usado pelos reaccionários com os curdos do Irão, as tribos *hmong* das montanhas da Indochina, os índios misquitos do leste da Nicarágua e as forças fundamentalistas islâmicas que combateram no Afeganistão.

Em 1975, o dalai-lama ordenou às forças *contras* remanescentes no Nepal para baixarem as armas. Os senhores feudais tibetanos estavam política e militarmente derrotados no interior do Tibete. Quando os fundos da CIA secaram, os *contras* tibetanos já não tinham nenhuma base para continuarem a guerra de guerrilha deles no exílio.

Para mais documentação e detalhes sobre o envolvimento da CIA no movimento *contra* do dalai-lama, ver o livro de A. Tom Grunfeld, *A Criação do Tibete Moderno*.

Os campos nas terras baixas do sul da Índia foram fatais para os tibetanos que não estavam habituados a viver num clima quente e húmido. Os velhos costumes feudais tibetanos sobre esgotos, lixo, lavar e cozinhar acabaram por ser fatais face ao calor — as doenças devastaram os refugiados. Num dos primeiros campos, metade dos refugiados morreu no primeiro ano.

A clique do dalai-lama desenvolveu um sistema simples para decidir quem instalava onde. Os ricos senhores feudais e os activistas anticomunistas ficaram nos campos mais amenos nas montanhas do norte da Índia. Os exilados servos pobres foram para os quentes, húmidos, sobrelotados e mortíferos campos do sul.

Um estudo sobre os tibetanos no norte da Índia revelou que 25% deles se descreviam como sendo anteriormente muito ricos, 20% ricos, 40% da classe média e 15% da classe média baixa. Nenhum deles disse que tinha sido “pobre” no Tibete pré-revolucionário. O investigador concluiu que nos campos do norte, “os refugiados representam desproporcionadamente a hierarquia monástica, as classes altas e os participantes activos no movimento tibetano de resistência”.

Um estudo sobre o campo de Mundgood, no sul, revelou que quase todos tinham sido servos pobres, pastores e artesãos no velho Tibete. Não só a vida no sul foi uma sentença de morte para muitos exilados pobres, como durante os anos seguintes foi gasto muito menos dinheiro para criar empregos e escolas nesses campos meridionais.

A exploração de classe também surgiu *dentro* dos campos. O dalai-lama descreve como usou as reservas de ouro dele para criar empresas capitalistas que usavam os refugiados tibetanos como trabalhadores assalariados — uma fábrica de tubos metálicos, uma fábrica de papel e outras empresas a que ele chama “fábricas de dinheiro”.

Um campo do sul em Bylakuppe acabou por obter algum capital para instalar uma quinta leiteira e fábricas de tapetes. Uma parte dos exilados usou a “ajuda humanitária” para se tornarem exploradores a tempo inteiro — empregando os seus vizinhos camponeses indianos sem-terra como mão-de-obra e criados de casa.

Ao mesmo tempo, as massas de exilados pobres viviam em condições miseráveis. Grunfeld cita um médico norte-americano que dizia que em 1980 a maioria dos refugiados “estava a viver em extrema pobreza em campos insalubres em terras ‘abandonadas’ nas zonas mais pobres da Índia. A maior parte da energia deles é dedicada à luta pessoal pela sobrevivência. (...) As pessoas afundam-se em pobreza, apatia, doença, alcoolismo e desespero.”

Quando algumas pessoas falam em “preservar a cultura tradicional tibetana”, deviam lembrar-se das fatais distinções de classe centrais nessa sociedade feudal.

Preservar alguns costumes, modificar outros

Por razões óbvias, os lamaístas tibetanos exilados não falam publicamente sobre a preservação de tradições tibetanas fundamentais como o *ulag* (trabalho forçado) e a servidão. No recente filme pró-lamaísta *O Pequeno Buda*, por exemplo, os lamas são mostrados com chicotes quando estão a dar instrução em pátios cheios de jovens monges noviços — mas os chicotes são mostrados como sendo um afável dispositivo educativo (como se fosse o apito de um treinador).

Na sua autobiografia de 1990, o dalai-lama admite que teve de proibir algumas “formalidades” tradicionais à frente de estrangeiros. Por exemplo, por tradição, os tibetanos das classes mais baixas eram castigados se olhassem para os ombros deles acima dos joelhos. Na velha sociedade, muita gente nunca tinha visto o rosto dos seus opressores. E toda a gente era obrigada a “prostrar-se” com a cara e a barriga para baixo em frente ao dalai-lama. Os estrangeiros que vissem esses costumes podiam ter um vislumbre do repulsivo elitismo que era tão central nos ensinamentos lamaístas — os governantes do velho Tibete alegam ser reencarnações divinas e aperfeiçoadas de espíritos imortais tipo-Buda. O dalai-lama alterou essas “formalidades” para ajudar a criar uma versão romantizada da “cultura tradicional tibetana” para consumo público.

Ao mesmo tempo, os lamaístas instalaram comunidades altamente conservadoras que preservaram, de facto, muitas tradições feudais nucleares. Grunfeld escreve, por exemplo: “As mulheres estão ainda pior que os seus congéneres masculinos porque precisam de autorização — de um homem — para poderem sair do campo; não podem votar; e ficam em segundo lugar no que diz respeito à educação.”

Grunfeld estima que metade das crianças tibetanas no exílio não recebe nenhuma educação — mantendo a hostilidade lamaísta em relação à educação de massas. E os jovens que vão à escola são frequentemente doutrinados com os ensinamentos lamaístas hostis à ciência, à inovação e ao trabalho. Grunfeld cita um tibetano descontente que alegava que o sobrinho dele, após nove anos na escola, nunca tinha lido um jornal ou um livro inteiro.

Devemos salientar aqui uma outra hipocrisia: durante anos, os exilados tibetanos atacaram os maoistas pelo facto de, mesmo durante a Grande Revolução Cultural Proletária, os estudos avançados no Tibete serem frequentemente leccionados na língua *han* (chinês). Havia duas razões para isso: não havia basicamente nenhum livro nem professores disponíveis para ensinar muitas matérias políticas e científicas avançadas na língua tibetana e porque ajudava à unidade do movimento revolucionário ter activistas e quadros tibetanos capazes de comunicar numa língua escrita amplamente utilizada por muitos grupos linguísticos na China. Ao mesmo tempo, os revolucionários maoistas mobilizaram o povo tibetano para desenvolver máquinas de escrever na língua tibetana e criar as condições para que a língua tibetana pudesse ser muito mais amplamente utilizada no ensino superior e no governo.

Ao mesmo tempo, devemos salientar que os *lamaístas* adoptaram o *inglês* como principal língua de ensino do sistema escolar *deles* no exílio. O dalai-lama tenta justificar essa prática na sua autobiografia de 1990 repetindo o argumento usado no sistema educativo neocolonial da Índia — de que o inglês é “a língua internacional do futuro”.

Mas há mais hipocrisia: na propaganda deles, os exilados da classe alta tibetana transformam a “cultura tradicional tibetana” num fetiche. Mas, na realidade, muitos abandonaram desdenhosamente essa cultura tradicional e enviaram os seus filhos para dispendiosos internatos de língua inglesa. O biógrafo autorizado do dalai-lama, Roger Hicks, descreve como, no final dos anos 60 e início dos anos 70, essa geração mais jovem estava a ficar em grande parte ocidentalizada.

O irmão mais novo do dalai-lama, Tendzin Choegyal, é um conhecido exemplo disso. Ele é supostamente a oitava encarnação de um espírito imortal chamado Ngari Rimpoche. Ele foi educado na prestigiada escola preparatória católica de Saint Joseph em Darjeeling, onde o reitor alegou que Choegyal “tinha esquecido toda essa tolice de ser uma encarnação”. Hicks relata que o próprio Choegyal disse: “Eu sou uma banana — amarelo por fora e branco por dentro”.

Grunfeld salienta que o dinheiro e o poder do dalai-lama no exílio só se mantêm enquanto houver muitos refugiados sem pátria. Por isso, foi para benefício da liderança exilada que mantiveram durante décadas as *massas* tibetanas em casas para crianças, campos de trânsito e instalações temporárias. E é pelas mesmas razões que o “governo” do dalai-lama se opõe aos casamentos mistos entre exilados tibetanos e indianos e a que massas tibetanas exiladas peçam a cidadania indiana — embora esse estatuto legal tornasse a vida delas muito mais fácil. Ao mesmo tempo, é comum que a classe alta rica tibetana solicite estatutos não-tibetanos — incluindo dois dos irmãos do dalai-lama que são cidadãos norte-americanos.

Muitos exilados tibetanos pobres têm as suas próprias razões para rejeitarem os costumes do velho Tibete feudal. Grunfeld escreve: “Um antropólogo que entrevistou muitos dos refugiados mais pobres relatou que eles viam a velha sociedade com algum sentido de vergonha e que só discutiam isso com estranhos com extrema relutância; ele relatou que ‘um certo número deles indicou-me que preferia permanecer no Mysore [Índia] em vez de regressar ao Tibete tal como ele era no velho sistema’.”

O aparelho de relações públicas do dalai-lama dá ao mundo exterior uma imagem de brochura de viagens da vida dos exilados tibetanos: como se fosse um Shangri-La espiritual de monges nobres à espera de fazerem regressar a sua santificada “cultura tradicional” ao povo tibetano impacientemente à espera. Esta imagem da comunicação social é, quanto ao essencial, uma farsa cruel e brutal.

6. Os sonhos terrenos do dalai-lama

No final dos anos 80, as cidades do Tibete foram repetidamente sacudidas por agudas lutas antigovernamentais. As revoltas foram reprimidas por balas governamentais e prisões em massa. Essas revoltas tibetanas resgataram o dalai-lama de longos anos de obscuridade internacional. De repente, no final dos anos 80, ele era tratado como celebridade por poderosas forças em todo o mundo — e mesmo distinguido com o Prémio Nobel da Paz de 1989.

Uma imagem altamente romantizada do dalai-lama está a ser apresentada para consumo público: o dalai-lama é retratado como um santo moderno que leva a cabo uma luta não violenta contra impossíveis dificuldades. Ele é apresentado como líder e centro espiritual de um movimento de independência por um “Tibete Livre” — em luta contra o poderoso governo central da China encabeçado por Deng Xiaoping.

Esta imagem é essencialmente falsa.

A verdade é que, durante quase 20 anos, o dalai-lama centrou as principais esperanças dele em *chegar a um acordo* com o dirigente supremo da China, Deng Xiaoping. Ele tem a esperança de que a sua aristocracia exilada possa ser

O Dalai-CIA-Lama

A 1 de Outubro de 1998, a organização do dalai-lama emitiu um comunicado em que admitia que durante os anos 60 tinha recebido da CIA milhões de dólares para enviar bandos armados de exilados tibetanos para o Tibete para minar a revolução maoísta. Segundo o jornal *The New York Times* (1 de Outubro de 1998), a organização do dalai-lama disse ter recebido 1,7 milhões de dólares por ano para armar, treinar e financiar as suas forças contra-revolucionárias. Esse comunicado também revelou pela primeira vez que durante esse período o dalai-lama foi um agente pago da CIA e recebia dos serviços secretos dos EUA uma remuneração anual de 186 mil dólares.

A guerra contra-revolucionária tibetana teve início em 1959, quando as forças feudais tentaram fazer uma insurreição contra-revolucionária no Tibete. O dalai-lama fugiu do trono dele de deus-rei do Tibete e exilou-se na Índia. A CIA usou então o dalai-lama como testa-de-ferro das operações encobertas dela no Tibete e no ocidente da China. Mais de uma década depois, a CIA cancelou essas operações porque essa guerra encoberta tinha sido um fracasso total. O movimento maoísta tinha desenvolvido importantes raízes no Tibete durante a reforma agrária e a Grande Revolução Cultural Proletária, enquanto a operação dos lamaístas/CIA tinha suscitado muito pouco apoio entre o povo do Tibete. As forças lamaístas que dirigiam essa operação encoberta eram conhecidas pela sua corrupção e passividade.

Durante 30 anos, os revolucionários maoístas alegaram que o dalai-lama e a família dele trabalhavam com a CIA e lideravam um exército mercenário de exilados que efectuava actos de sabotagem, espionagem e assassinatos no Tibete a partir de bases nos vizinhos Butão e Nepal.

Durante esse mesmo período, o dalai-lama autopromoveu-se como homem de paz e lutador pela justiça. Muita gente no Ocidente acreditou nisso e foi mesmo influenciada por essa forma extremamente conservadora do Budismo que é o Lamaísmo Tibetano. No Ocidente desenvolveu-se um movimento para o apoiar — frequentemente acreditando que ele representa a causa da autodeterminação e da justiça no Tibete. Ao mesmo tempo, depois da restauração do capitalismo na China após a morte de Mao Tsétung em 1976, o foco do trabalho do dalai-lama tem sido tentar uma acomodação com os novos governantes revisionistas em Pequim que assegure para ele e os seguidores dele uma posição dentro da estrutura de poder deles.

Agora, é a própria organização do dalai-lama que confirma que nos anos 60 ele esteve envolvido nas operações militares encobertas da CIA que visavam expandir o domínio dos EUA na Ásia. A única defesa feita no recente comunicado de 1 de Outubro é que o dalai-lama não enriqueceu *pessoalmente* com esses dinheiros da CIA. O comunicado alega que ele usou o salário dele da CIA para financiar escritórios em Nova Iorque e Genebra para promover a causa feudal lamaísta. Por outras palavras, admite que o dalai-lama era um agente pago da CIA, mas nega que era um agente *corrupto* da CIA.

restabelecida numa parte dos seus antigos privilégios e poder — em troca de ajudar a estabilizar essa região para os actuais governantes da China.

Em 1987, o dalai-lama retirou as anteriores reivindicações de independência do Tibete e de retirada das tropas chinesas do Tibete. Em 1994, ele saiu mesmo *em defesa* da renovação para a China do estatuto comercial norte-americano de “Nação Mais Favorecida” (MFN) — chocando muitos dos apoiantes dele nos EUA que estavam a exigir que o governo norte-americano *retirasse* o estatuto de MFN para forçar uma mudança na política da China em relação ao Tibete.

Por outras palavras, *à medida que aumentavam a opressão e a resistência das massas do Tibete durante os anos 80*, o dalai-lama oferecia-se cada vez mais abertamente ao actual governo chinês — usando a luta *no interior* do Tibete como moeda de troca nas negociações dele.

Os motivos de um deus-rei deposto

O dalai-lama a oferecer-se a Deng Xiaoping? A pedir um acordo com o regime que disparou sobre os manifestantes de Lhasa e Tiananmen e inundou as cidades do Tibete com tropas e imigrantes *han*?

Alguns acharão isto difícil de acreditar. Mas a verdade é que, desde que foi para o exílio em 1959, toda a política dos círculos do dalai-lama andou à volta de recuperarem de alguma forma o estatuto privilegiado deles sobre o povo do Tibete. Isto emana da essência da natureza de classe deles — de núcleo exilado de uma classe dominante feudal derrubada.

Antes da revolução, os mosteiros do Tibete treinavam uma elite iniciada do clero que passava as vidas isoladas deles a cantar e a debater dogmas religiosos. Com o seu intenso misticismo e meditação auto-absorvida — o budismo lamaísta apresenta a sua vida monástica como sendo uma rede de oásis espirituais afastada dos sujos afazeres da vida quotidiana. Os apoiantes do dalai-lama ficam por vezes impressionados com a conduta “pacífica” dos monges que encontram. Mas, na realidade, esses monges e os mosteiros deles nunca estiveram afastados da sociedade de classes: a cultura religioso-aristocrática do Tibete é *inconcebível* sem a sua base económica de servidão e escravidão.

Numa discussão sobre a Índia, o Presidente Avakian descreveu como as práticas monásticas aparentemente *espirituais* estão profundamente ligadas ao sofrimento das massas comuns: “Aí estão todos esses monges instruídos e todo esse conhecimento concentrado nos mosteiros budistas da Índia antiga; e, contudo, esses monges — não que eles próprios vivessem uma vida necessariamente de extrema sumptuosidade, alguns deles eram bastante ascéticos e viviam de uma forma bastante simples — apesar disso, toda a forma de vida

deles e, mais que isso, toda a sua aprendizagem e conhecimento privilegiados que estavam à disposição deles assentavam (...) numa base de cruel e extrema exploração e escravização das massas populares dessa sociedade. E também há a questão, claro, do *conteúdo* e do *valor* desse conhecimento e ‘sabedoria’ adquiridos pelos monges, pelos eruditos, etc., em condições em que eles estão divorciados das massas comuns e que na realidade levam as vidas deles de ‘erudição’ e ‘devoção’ apenas e justamente *devido* à exploração e escravização das massas.”¹¹

Em suma, o budismo lamaísta é uma rede de instituições sociais que surgiu com base na propriedade feudal das terras e dos servos. E, por sua vez, a doutrina lamaísta *justificou* essa exploração ao insistir em que os justos nascem para dominar e os pecadores nascem para sofrer.

A classe dominante do velho Tibete compreende muito bem estas ligações: os sonhos deles de restabelecerem a “liberdade religiosa” e a “cultura tradicional” no Tibete requerem alguma forma de *propriedade* da terra e a *exploração* do seu povo. No fundamental, essa classe derrubada e o programa político dela não têm *nada* a ver com a libertação do povo do Tibete.

Uma vez compreendida esta natureza de classe, podemos perceber as motivações por trás das muitas reviravoltas da caminhada política do dalai-lama.

A primeira grande desilusão do dalai-lama

Quando a classe dominante do Tibete fugiu para o exílio, em 1959, ela tinha duas esperanças: em primeiro lugar, que pudesse manter a sua ociosidade e introspecção no exílio e, em segundo lugar, que alguma grande potência surgisse de algum lugar e *restaurasse* o seu anterior esplendor... no Tibete.

Durante uma década, nos anos 60, os senhores feudais exilados do Tibete pensaram que o imperialismo norte-americano seria o grande salvador deles. Os feudalistas tibetanos instalados na cidade indiana de Dharamsala tentaram mostrar-se como sendo um governo no exílio ao estilo ocidental: adoptaram uma bandeira nacional, um hino e mesmo uma “constituição” que combinava o domínio dos lamas divinos com um parlamento no papel. Essa charada assemelhava-se à forma como os *contras* nicaraguenses da CIA aprenderam a enaltecer “a democracia e os direitos humanos” durante as campanhas de angariação de fundos em Washington DC nos anos 80.

Mas os mimados e divididos exilados tibetanos eram uma fraca força de combate com pouco apoio efectivo no Tibete. No início dos anos 70, a CIA abandonou rudemente os exilados tibetanos.

O imperialismo norte-americano nunca se interessou particularmente pelo Tibete — excepto como plataforma para pressionar a China. Os EUA nunca pretenderam instalar os lamaístas como governantes de algum futuro “Tibete independente”. Tal como todos os outros governos do mundo, o governo norte-americano defendeu oficialmente que o Tibete fazia historicamente parte da China e nunca reconheceu a organização do dalai-lama como legítimo “governo no exílio”.

O *verdadeiro* objectivo estratégico da política norte-americana era conter a revolução maoísta e por fim “reabrir” toda a China à exploração norte-americana. Assim que os EUA viram uma abertura *dentro do próprio governo chinês*, perderam interesse no corrupto e isolado exército tibetano exilado.

Na sua autobiografia de 1990, o dalai-lama chama a esses dias da CIA de meados dos anos 60 um ponto alto do programa de restabelecimento tibetano. Ele queixa-se amargamente da forma como os patronos norte-americanos dele o abandonaram.

Depois dessa rude traição, o dalai-lama tinha apenas uma verdadeira esperança de restauração: que algum dia emergisse *em Pequim* um governo que estivesse disposto a partilhar o poder com ele e as sobras da antiga classe dominante do Tibete.

A esperança do dalai-lama em Deng Xiaoping

Desde o início do seu exílio que a velha classe dominante do Tibete percebeu que as forças direitistas associadas a Deng Xiaoping representavam uma linha muito diferente da das forças revolucionárias associadas a Mao Tsétung. A partir de posições dominantes *dentro* do Partido Comunista da China, Deng e outros seguidores da via capitalista eram *contra* o encorajamento de movimentos revolucionários no Tibete — dizendo que, num futuro previsível, o Partido Comunista da China deveria partilhar o poder com a velha classe dominante do Tibete e deixar intacto muito do feudalismo tibetano.

¹¹ Bob Avakian, *Radical Ruptures, or Yes, Mao More Than Ever* [Rupturas Radicais Ou Sim, Mao Mais Que Nunca], revista *Revolution* n.º 60, Outono de 1990, p. 36, marxists.org/history/erol/ncm-7/avakian-90.pdf.

Quando Deng regressou à proeminência política em Abril de 1973, o dalai-lama expressou abertamente a esperança de regressar a Lhasa. Como disseram os maoistas nessa altura, Deng representava a “restauração dos rituais” em toda a China. No ano seguinte, o dalai-lama ordenou aos seus últimos guerrilheiros anticomunistas que baixassem as armas.

Os lamaístas exilados entusiasmaram-se quando Deng Xiaoping ascendeu ao poder *global* na China após o golpe de estado antimaoista de 1976. Os círculos lamaístas ficaram tão contentes com a morte de Mao e a prisão dos seguidores dele que espalharam o rumor de que esses acontecimentos tinham sido causados pelas orações feitas durante a cerimónia *Kalachakra* de 1976 do dalai-lama.

Desde 1960, quando os revolucionários maoistas começaram a organizar ocupações de terras no Tibete, que não tinha havido nenhum contacto entre Pequim e os exilados em Dharamsala. Mas, em 1977, pouco após o golpe de estado antimaoista, o próprio Deng Xiaoping enviou um emissário secreto ao agente da CIA irmão do dalai-lama, Gyalo Thondup. Altos responsáveis chineses apelaram publicamente à restauração das formas feudais tibetanas e ao regresso dos exilados tibetanos — incluindo o próprio dalai-lama.

Em 1977, quando o Congresso da Juventude Tibetana no exílio reafirmou o seu apoio a acções armadas contra as forças do governo chinês, o quartel-general do dalai-lama ordenou a dissolução desse grupo.

Os lamaístas saudaram as “reformas” restauracionistas do final dos anos 70 — em que os novos governantes da China começaram a encerrar as Comunas Populares nos campos do Tibete. Aos olhos deles, esse regresso à propriedade privada da terra poderia abrir caminho à reconstrução da sua velha superestrutura feudal.

Problemas com o acordo

Anos de negociações entre Pequim e Dharamsala não levaram a parte nenhuma. Depois de 1983, os governantes revisionistas de Pequim aparentemente decidiram que podiam consolidar a nova ordem deles no Tibete *sem* incluírem o dalai-lama e os exilados dele. O governo central chinês começou a inundar as cidades do Tibete com trabalhadores, técnicos e comerciantes *han*. (Os *han* são a etnia maioritária na China.) E começaram a restaurar alguns mosteiros tibetanos — edificando uma rede de clérigos controlada pelo governo central e não pelo dalai-lama.

Em 1987, o dalai-lama queixou-se de que os revisionistas chineses “tentaram reduzir a questão do Tibete a uma discussão do meu próprio estatuto pessoal”. Os lamaístas exilados queriam o direito feudal a seleccionar as crianças para os seus mosteiros e queriam limitar o controlo do governo sobre as suas instituições religiosas. Num livro de entrevistas, *O Tibete, a China e o Mundo*, o dalai-lama discute um importante obstáculo nas discussões dele com o governo chinês: “Eles acham que simplesmente recitar alguns mantras, dar voltas aos templos, fazer prostrações e andar com uma roda de orações e rosários é suficiente para praticar a religião. Por isso é que só superficialmente é que há liberdade religiosa. Os chineses simplesmente não têm nenhuma ideia da necessidade de haver um professor formal, da necessidade de estudar a fundo e praticar seriamente em lugares adequados.”

O dalai-lama não estava contente com o direito a um regresso seguro e à liberdade religiosa formal para os crentes — ele queria “**lugares adequados**” para restaurar o modo de vida monástico na sua totalidade.

De facto, os lamaístas exilados queriam que os novos capitalistas de estado chineses partilhassem uma parte significativa do poder e da riqueza da sociedade tibetana com a velha classe dominante feudal — para que o clero pudesse reproduzir o sistema de grandes mosteiros que viviam do trabalho das massas tibetanas.

Essas negociações não tinham a ver com a melhoria das condições e dos direitos do *povo* tibetano. Essas negociações tinham a ver com a restauração do mundo privilegiado da velha aristocracia governante — exigindo uma parcela do excedente da riqueza que o novo governo chinês tem extraído do povo trabalhador do Tibete.

Aparentemente, o governo chinês pensou que o dalai-lama estava a fazer exigências inaceitavelmente excessivas — sem oferecer em troca nada de particularmente útil. Pela segunda vez, desfaziavam-se as esperanças do dalai-lama na restauração.

Usar a luta do povo para fazer pressão para um acordo

Quando as negociações se afundaram num impasse, o dalai-lama mudou desesperadamente de tática: decidiu pressionar o governo da China manipulando as tensões internacionais e agitando o crescente descontentamento nas cidades do Tibete.

A 21 de Setembro de 1987, num discurso perante uma comissão do Congresso dos EUA, o dalai-lama revelou um “Plano de Paz em Cinco Pontos para o Tibete”. A sua ideia central era a de que o Grande Tibete se deveria tornar num estado-tampão desmilitarizado entre a China e a Índia. Previa uma retirada das tropas, bases militares e instalações

nucleares chinesas da Região Autónoma do Tibete e da maioria das províncias vizinhas do Qinghai e Sechuan. Um dos seus cinco pontos exigia o fim da política chinesa de imigração *han*.

Este plano assemelhava-se às propostas soviéticas de recortar várias “zonas de paz” em áreas de domínio imperialista norte-americano. Significativamente, o dalai-lama usou a palavra hindi (a língua indiana) *Ahimsa* para descrever o seu estado-tampão. O dalai-lama tinha andado a namorar de vez em quando a União Soviética e o aliado dela, a Índia — ele planeava usar agora o seu Plano em Cinco Pontos para pressionar os EUA a pressionarem a China a chegar a um acordo.

Uma semana após o discurso dos Cinco Pontos do dalai-lama, foi desencadeada por monges de Lhasa uma importante revolta nacionalista. O momento da insurreição parecia ter sido mais que uma coincidência. As tensões que se tinham acumulado durante uma década de crescente imigração *han* explodiram — uma esquadra da polícia foi invadida. Centenas de pessoas foram mortas pelas tropas governamentais. Outros distúrbios rebentaram em 1988.

Para o dalai-lama, essa erupção de luta significou que ele tinha finalmente uma verdadeira moeda de troca para as suas negociações: ele poderia oferecer-se para conter este novo movimento nacionalista em troca de um nicho substancial dentro da nova ordem revisionista.

No meio de uma generalizada atenção internacional pelas revoltas em Lhasa, várias grandes potências pressionaram publicamente o governo chinês para retomar as negociações com os exilados de Dharamsala. Segundo o historiador A. Tom Grunfeld, os responsáveis nepaleses acreditaram que o governo central chinês poderia chegar a um acordo com o dalai-lama — para provar aos governantes de Hong Kong e Taiwan que a fusão com um estado chinês unificado não significaria necessariamente cederem todo o poder a Pequim.

Abandonando a reivindicação da independência

O dalai-lama depressa se mexeu para se posicionar nas novas negociações com Pequim: distanciou-se publicamente das violentas perturbações em Lhasa e incitou os tibetanos de dentro e fora do Tibete a se prepararem para aceitar um acordo com o governo chinês. E, para surpresa dos próprios apoiantes dele, abandonou publicamente as reivindicações de independência do Tibete e retirada das tropas chinesas — embora essas reivindicações tivessem estado em destaque nos protestos tibetanos e no seu próprio Plano em Cinco Pontos.

Perante uma reunião do Parlamento Europeu em Estrasburgo (França) a 18 de Junho de 1988, o dalai-lama propôs que o Tibete permanecesse “associado” ao governo de Pequim e que as tropas do governo central permanecessem no Tibete por um período indefinido de tempo. Segundo este esquema, o governo central chinês controlaria a política externa tibetana e as questões militares, enquanto a região teria uma vida económica e cultural autónoma com um governo regional laico. Isto queria dizer que ele previa que o clero reconstruísse o seu sistema de mosteiros mas não controlasse o governo. Isto foi o revelar público do acordo que há muito tempo o dalai-lama tinha tido a esperança de conseguir.

No seu livro de entrevistas, o dalai-lama apela aos apoiantes dele para aceitarem esse acordo: “De facto, estamos a tentar encontrar uma espécie de via intermédia. (...) Eu disse em muitas ocasiões que a fronteira humana está sempre a mudar. Expliquei que, em certas circunstâncias, duas nações se podem combinar numa nação. (...) Assim, em teoria, nós, tibetanos, que somos seis milhões, podemos obter mais benefícios se nos unirmos aos mil milhões de chineses em vez de nos tornarmos num país independente.”

Edward Lazar, um proeminente activista pró-lamaísta, escreve no livro *A Angústia do Tibete*: “A posição oficial do governo tibetano no exílio e do dalai-lama, tal como redefinida na Declaração de Estrasburgo de 15 de Junho de 1988, é de um acordo com a China. E a maior parte do que se escreve sobre o Tibete serve para obscurecer o facto de que o objectivo para o Tibete não é definido como sendo a independência. (...) A própria palavra ‘independência’ é evitada nas declarações oficiais tibetanas e é evitada nas reuniões. A ‘independência’ não é sequer uma das centenas de entradas do índice da nova autobiografia do dalai-lama. A ideia de independência é tão perigosa que apenas é referida como a ‘palavra com l’ em alguns círculos do Tibete.”

O dalai-lama depressa nomeou uma equipa de negociadores para as novas conversações agendadas para Janeiro de 1989 em Genebra. Mas, na primavera de 1989, tanto Lhasa como a Praça Tiananmen foram sacudidas por poderosos protestos que foram reprimidos por uma sangrenta ofensiva governamental. O Tibete foi colocado sob lei marcial — e as conversações de Genebra nunca tiveram lugar.

Lisonjeando o dirigente do novo governo sanguinário da China

Esses massacres não impediram o dalai-lama de apoiar Deng Xiaoping, o dirigente do actual governo antimaoísta da China. Na sua recente autobiografia, o dalai-lama alega ter há muito uma admiração por Deng: “No final de 1978,

houve um encorajador desenvolvimento adicional quando Deng Xiaoping emergiu como autoridade suprema em Pequim. Como dirigente de uma facção mais moderada, o predomínio dele parecia assinalar uma verdadeira esperança para o futuro. Sempre achei que Deng poderia um dia fazer grandes coisas pelo país dele. Quando estive na China em 1954-5, encontrei-me várias vezes com Deng e fiquei muito impressionado com ele. Nunca tivemos nenhuma conversa prolongada mas ouvi falar muito dele — sobretudo que ele era um homem de grande capacidade e também muito decidido. Da última vez que o vi (...) ele impressionou-me como sendo um homem poderoso. Agora começa a parecer que, além destas qualidades, ele também é bastante sensato.”

Estas palavras foram escritas em 1990 — já depois da sangrenta repressão, das prisões em massa e da lei marcial no Tibete e em Pequim.

As tentativas descaradas do dalai-lama de chegar a um acordo com o governo de Pequim aprofundaram as divisões dentro do movimento dele no exílio. Um dos principais enviados internacionais do dalai-lama, Lodi Gyaltzen Gyari, fala em “críticos internos” que dizem que “o dalai-lama está a tentar vender o Tibete”. Alguns tibetanos ocidentalizados da classe alta nascidos no exílio — agrupados em torno do Congresso da Juventude Tibetana — opuseram-se em voz alta à abordagem dele. Eles fizeram pressão por uma política de tentar dividir a China — esperando estabelecer um Tibete independente nos moldes dos países neocoloniais pró-ocidentais.

A nível internacional, os lamaístas são retratados como verdadeiros crentes na não-violência. Mas, nos apelos dele aos “críticos internos”, o representante Gyari do dalai-lama alega que em princípio não tem nada contra a violência. Em *A Angústia do Tibete*, ele escreveu: “Houve tempos em que também eu teria preferido lutar, mas devemos ser realistas. Tivemos algumas más experiências e ficámos a cambalear. Eu não quero ir agora mais longe nessa questão; faz tudo parte do passado. Mas, na nossa memória, ainda está viva.”

Por outras palavras, Gyari recorda aos companheiros exilados dele a traição da CIA nos anos 60, dizendo que as lições dessas “más experiências” são que os exilados tibetanos devem, mais tarde ou mais cedo, chegar a um acordo com o governo revisionista chinês.

O dalai-lama defende um acordo com um pragmatismo semelhante. Na entrevista dele em Dharamsala, ele diz: “No nosso caso, a violência é mais ou menos suicida. Não é prático de todo. (...) Mesmo que dez mil jovens fora do Tibete, em conjunto com algumas centenas de milhares de jovens no Tibete, peguem em armas, ainda assim será muito difícil. Os chineses poderiam esmagar-nos facilmente. Mesmo uma guerra de guerrilha é muito difícil. (...) Penso que podemos chegar a algum tipo de compromisso que seja mutuamente benéfico.”

Embora a abordagem do dalai-lama seja impopular entre os exilados tibetanos, foi saudada nas capitais ocidentais. Após o massacre de Tiananmen, as potências ocidentais ficaram preocupadas com que o poder governamental chinês pudesse reprimir mais agressivamente os elementos pró-ocidentais dentro da nova classe dominante chinesa. Por isso, desde 1989, poderosas forças na classe dominante dos EUA têm andado à procura de uma forma de pressionar o governo de Deng. Elas escolheram o dalai-lama e a sua causa dos “direitos humanos no Tibete” como sendo essa forma.

Desta vez, as potências ocidentais não querem os exilados tibetanos como força *armada*. Desde a morte de Mao que as relações EUA-China têm sido demasiado amistosas *para isso*. Em vez disso, os EUA querem que o dalai-lama represente um papel *público* destacado para pressionar Pequim a abandonar a rígida centralização económica e política.

Para que o dalai-lama possa desempenhar melhor esse papel, as potências ocidentais atribuíram-lhe o Prémio Nobel da Paz em Dezembro de 1989 — conferindo-lhe todo um novo nível de prestígio e legitimidade.

Quando algumas pessoas bem-intencionadas apoiam o chamado movimento “Tibete Livre”, deixam-se transformar frequentemente em soldados rasos na luta de Washington pelos mercados lucrativos e a mão-de-obra barata da China. Os governantes dos EUA continuam a não se preocupar com o Tibete. Uma vez mais, só querem usar a “questão do Tibete” e os “direitos humanos” como forma de *pressão* ocasional sobre o governo da China.

Na moda, mas não tão na moda

Por estes dias, o dalai-lama viaja pelo planeta com o oportunismo qualificado de um camaleão político: prega o misticismo aos *new agers* ocidentais, ao mesmo tempo que se apresenta como céptico científico perante audiências de cientistas da natureza. Veste-se de ecologista antimilitarista quando se encontra com os Verdes da Europa Ocidental, ao mesmo tempo que cinicamente se oferece aos sanguinários seguidores da via capitalista de Pequim. Acomoda-se com forças religiosas conservadoras ao assinar a declaração antiaborto “Seamless Garment” e depois

sugere que por vezes os abortos podem ser justificados, de forma a manter a sua credibilidade entre os apoiantes ocidentais liberais.

Então, em Maio de 1994, o dalai-lama deixou-se usar para *reduzir* a pressão sobre a China. Reuniu-se discretamente com o Presidente Clinton em Washington DC e anunciou depois numa conferência de imprensa na Alemanha que apoiava a prorrogação do estatuto de “Nação Mais Favorecida” à China. Alguns dias depois, o próprio Clinton anunciou que ia prorrogar o estatuto de MFN à China. O dalai-lama tinha ajudado cinicamente Clinton e Pequim a levarem a melhor sobre as forças anti-MFN que exigiam que Washington impusesse restrições comerciais para pressionar a China.

Todas estas manobras e intrigas trouxeram ao dalai-lama uma fama sem precedentes. Ele é mesmo *uma moda* em alguns círculos. Mas, ironicamente, essa atenção internacional está a acontecer numa altura em que a base de apoio do dalai-lama no exílio se está a corroer rapidamente.

A comunidade de exilados tibetanos está a perder coerência e o dalai-lama está a perder poder sobre ela: a maioria dos exilados tibetanos instalou-se nos países onde agora vivem. Só a geração mais velha se lembra do Tibete. A maioria dos exilados não tem nenhuma vontade de aí regressar. Muitos desdenham abertamente os velhos costumes tibetanos.

Com o passar do tempo, os fundos humanitários internacionais estão a secar para os exilados tibetanos. Isto corta pela base o poder político do dalai-lama — que sempre dependeu do dinheiro externo. As constantes actividades internacionais do dalai-lama são, pelo menos em parte, um constante esforço de angariação de fundos para a estrutura pessoal dele.

Ao mesmo tempo, as hipóteses de negociar uma restauração lamaísta no Tibete são mais escassas que nunca. A exploração de classe foi restaurada no Tibete depois do golpe de estado de 1976 — mas numa nova forma que combina a agricultura semifeudal com o capitalismo de estado. Embora alguns observadores aleguem que o dalai-lama tem alguma popularidade como símbolo antigovernamental no Tibete, não há nenhum sinal de que as *massas* populares tibetanas apoiem o *programa político* do dalai-lama.

A única verdadeira esperança do dalai-lama é que a China se comece a dividir após a morte de Deng — tal como aconteceu na União Soviética pós-Gorbachev — e que poderosas forças em Pequim e Washington de alguma forma aprovem o regresso dele como forma de manterem o seu domínio sobre as *partes mais exploráveis* da China. É uma esperança muito escassa.

O tempo está a esgotar-se para os sonhos terrenos do dalai-lama de obter “lugares adequados” no Tibete. E não há nenhuma razão para lamentar a sua extinção.

Uma revolucionária encontrou recentemente um velho amigo. Ela descobriu que o amigo — que andava geralmente bem informado e era um progressista — tinha sido influenciado pelas acusações lamaístas contra a revolução maoísta na China. À medida que falavam sobre isso, a revolucionária salientou alguns pontos materialistas básicos sobre o dalai-lama. Descreveu como as massas populares — servos, escravos e mulheres — eram oprimidas na velha sociedade tibetana. Descreveu sucintamente a forma como as massas tibetanas tinham sacudido o mundo delas durante a revolução maoísta entre 1950 e 1976. E desafiou-o a defender o programa político do dalai-lama. O amigo dela ficou com um olhar perplexo no rosto e então deixou escapar: “Ou tudo o que acabas de me dizer é falso ou eu me deixei apanhar numa incrível farsa”.

Romantizar o lamaísmo tibetano requer uma certa indiferença pela vida do povo.

O Presidente Bob Avakian escreveu na revista *Revolution*: “Há um importante elemento de chauvinismo: tratar esses povos do Terceiro Mundo e as culturas, tradições e relações deles como algo de ‘exótico’. Assim, segundo esse ponto de vista, é perfeitamente correcto que as massas populares desses países sejam sujeitas a essas formas ‘exóticas’ de opressão e exploração — como a opressão patriarcal e feudal das mulheres e das massas em geral — mas não as tentem impor a mim! Isso é diferente — eu venho de uma sociedade iluminada avançada! É esse o chauvinismo desse ponto de vista.”¹²

A história da vida deste dalai-lama é a história de um opressor — um representante feudal e um entusiástico agente dos interesses imperialistas norte-americanos: ele foi educado desde a infância para ser um deus-rei feudal — uma carreira que foi interrompida quando uma poderosa revolução chegou vinda do leste. Entre 1959 e 1976, altura em

¹² Idem, pp. 35-36.

que o Tibete sofreu mudanças radicais que *emanciparam* as massas populares tibetanas — o dalai-lama opôs-se *irreconciliavelmente* a esse processo revolucionário. Ele e os irmãos dele ajudaram a organizar uma guerra encoberta da CIA contra a revolução maoísta e enviaram milhares de exilados tibetanos para trabalhos forçados para o exército indiano. Mas, desde que a revolução maoísta foi derrubada em 1976, desde que os camponeses do Tibete foram *uma vez mais* mergulhados em condições semifeudais e desde que emergiu um vento de luta justificada — *agora* o dalai-lama prega a “via intermédia” budista da causa comum com Deng Xiaoping e o governo opressor dele em Pequim.

Por que razão uma pessoa honrada e progressista haveria de apoiar isto?

As massas nada ganharão se o dalai-lama regressar como representante feudal local do governo de Deng. Elas não serão libertadas se alguns dos ocidentalizados exilados do Tibete conseguirem estabelecer um Tibete dito “independente” — ligado por mil fios neocoloniais aos interesses das multinacionais e do governo dos EUA.

Uma verdadeira libertação começa com as *massas populares* e com a luta contra os *opressores* delas. No Tibete actual, as massas populares são os milhões de camponeses pobres espalhados pelos vastos campos da região. Os seus principais opressores actuais são os seguidores chineses da via capitalista que venderam a China ao imperialismo e restauraram a exploração nos campos.

A chave para o futuro do Tibete está em fazer um balanço correcto das lições dos anos de Mao. A revolução maoísta no Tibete rompeu os grilhões da servidão e os grilhões mentais do carma. Até ter sido derrubada, a revolução maoísta trouxe a organização armada das massas, a cooperação socialista e o início de uma verdadeira libertação para algumas das pessoas mais amargamente oprimidas do planeta.

Num outro artigo desta série, uma jovem comunista defendia que os pobres do Tibete se poderiam erguer sobre as grandes montanhas aprendendo a voar em formação como os bandos de gansos selvagens. Um nómada maoísta impenitente entrou na tenda de uma equipa de antropólogos norte-americanos — pedindo-lhes que levassem a mensagem de que “os inimigos de classe” tinham retomado esse canto do Tibete. São os sonhos e a política de revolucionários como estes que podem conduzir o povo do Tibete à liberdade.

Fontes:

- *The Anguish of Tibet [A Angústia do Tibete]*, ed. por Petra Kelly, Gert Bastian e Pat Aeillo, Parallax Press, Berkeley, 1991. Uma colecção de ensaios pró-lamaístas.
- Avedon, John F., “In Exile from the Land of Snows” [“No exílio vindo da terra das neves”], em *The Anguish of Tibet*. Avedon, autor e jornalista da revista *Newsweek*, é um destacado apologista do lamaísmo.
- Dalai-lama, *Liberdade no Exílio — Uma Autobiografia do Dalai-Lama do Tibete*, Inquérito, Portugal, 1992, e Siciliano, Brasil, 1992.
- Grunfeld, A. Tom, *The Making of Modern Tibet [A Criação do Tibete Moderno]*, Zed Books, 1987.
- Grunfeld, A. Tom, “Tibet: Myths and Realities” [“Tibete: Mitos e realidades”], *New China*, Outono de 1975.
- Gyaltag, Gyaltsen, “An Historical Overview” [“Uma perspectiva histórica”], um ensaio publicado em *The Anguish of Tibet*. Gyaltsen Gyaltag é um representante do dalai-lama na Europa.
- Han Suyin, *Lhasa, the Open City — A Journey to Tibet [Lhasa, A Cidade Aberta — Uma Jornada ao Tibete]*, Putnam, 1977.
- Hicks, Roger, *Hidden Tibet — The Land and Its People [O Tibete Escondido — A Terra e o Seu Povo]*, Element Books, Dorset, 1988.
- “Tibet — From Serfdom to Socialism” [“Tibete — Da servidão ao socialismo”], *China Reconstructs*, reproduzido em Anna Louise Strong, *When Serfs Stood Up in Tibet [Quando os Servos Se Ergueram no Tibete]*, Anexo IV, New World Press, Peiking, 1959, marxists.org/reference/archive/strong-anna-louise/1959/tibet/ch17.htm.
- “Tibet's Big Leap — No Return to the Old System” [“O grande salto do Tibete — Sem regresso ao velho sistema”], *Peking Review*, 4 de Julho de 1975, p. 27-29, marxists.org/subject//china/peking-review/1975/PR1975-27.pdf.

Esta série em 6 partes surgiu originalmente em inglês e em castelhano no jornal **Revolutionary Worker/Obrero Revolucionario**, voz do Partido Comunista Revolucionário, EUA (revcom.us), nos números, datas e ligações abaixo indicados.

Título	N.º	Data	Idioma	Ligação
Introdução/índice			inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tib-in.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tib-in_s.htm
1ª Parte	748 e 944	20 de Março de 1994 e 15 de Fevereiro de 1998	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet1.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet1s.htm
<i>A vida de uma escrava no Tibete</i>	748	20 de Março de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibetsd.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibetsd_s.htm
2ª Parte	749 e 945	27 de Março de 1994 e 22 de Fevereiro de 1998	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet2.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet2s.htm
<i>Recrutando jovens rebeldes para a revolução</i>	749	27 de Março de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/rev2.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/rev2_s.htm
3ª Parte	752	17 de Abril de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet3.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet3s.htm
4ª Parte	764	10 de Julho de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet4.htm
			castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet4s.htm
<i>A devastação revisionista</i>	764	10 de Julho de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/ecol4.htm
<i>As falsas acusações de "genocídio no tempo de Mao"</i>	764	10 de Julho de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/mao4.htm
5ª Parte	765	17 de Julho de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet5.htm
	766	24 de Julho de 1994	castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet5s.htm
<i>O dalai-lama e a CIA</i>	765	17 de Julho de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/cia5.htm
6ª Parte	767	7 de Agosto de 1994	inglês	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet6.htm
	769	21 de Agosto de 1994	castelhano	revcom.us/a/firstvol/tibet/tibet6s.htm
<i>O Dalai-CIA-Lama*</i>	985	6 de Dezembro de 1998	inglês	revcom.us/a/v20/980-89/985/tibet.htm
	986	13 de Dezembro de 1998	castelhano	revcom.us/a/v20/980-89/986/tibet_s.htm

* O artigo "O Dalai-CIA-Lama", apesar de posterior a esta série, foi aqui incluído como anexo para ajudar a ilustrar o verdadeiro papel do dalai-lama.

Tradução: paginavermelha.org

Revisão: Julho de 2024